UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

RAFAEL FALEIROS DE PADUA

**Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação
do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo**

São Paulo
2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

RAFAEL FALEIROS DE PADUA

**Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação
do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana
**Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria de
Andrade**

São Paulo
2007

Padua, Rafael Faleiros de.

Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo / Rafael Faleiros de Padua; orientadora Margarida Maria de Andrade. – São Paulo, 2007.

159 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1.Industrialização. 2.Urbanização. 3.Desindustrialização. 4.Vida Cotidiana. 5.Fragmentação.

CDD 000.000

Resumo

Através do estudo do processo de desindustrialização e da reestruturação em curso de um fragmento da metrópole de São Paulo, a pesquisa busca compreender aspectos da reprodução da urbanização no momento atual. Este fragmento, situado ao norte do distrito de Santo Amaro, constitui-se a partir da grande industrialização das décadas de 1950/60/70, como uma área industrial e um local de moradia da classe operária. A indústria foi o principal indutor da urbanização do lugar, organizando a sua vida social, constituindo-se em sua principal referência, produzindo uma vida cotidiana fragmentada.

Verificamos, no entanto, que há um período relativamente curto de estabelecimento da indústria aí, pois já a partir do final da década de 1980 se verifica o início do declínio industrial no fragmento, processo que se intensifica na década de 1990 e se acentua ainda mais no momento atual. Com isso, há uma desintegração da vida social no fragmento decorrente da saída ou do fechamento de indústrias, já que bares fecham, espaços de moradias operárias são desocupadas e demolidas, muitos edifícios e terrenos industriais permanecem abandonados. Ao mesmo tempo, este espaço de desindustrialização, por ter uma localização privilegiada em relação a áreas já consolidadas como centralidades de negócios, passa a receber empreendimentos ligados às lógicas “modernas” do eixo empresarial sudoeste.

Identificamos hoje, como momento inicial de transformação do fragmento, processos indicativos da passagem de uma área industrial para uma área voltada para novas atividades terciárias, o que é evidenciado pela instalação de grandes empreendimentos de eventos e shows e de novos condomínios residenciais de médio-alto padrão. Como tendência, este espaço de desindustrialização pode vir a se tornar uma área de valorização, colocando-se como a extensão das centralidades de negócios que historicamente se expandem na metrópole de São Paulo em direção sudoeste (Centro Histórico-Paulista-Faria Lima-Berrini). Esta expansão do eixo de negócios na metrópole se configura como um processo amplamente subsidiado por ideologias disseminadas na sociedade (emplacadas pelos discursos empresariais que são encampados pelo Estado) – com destaque para a ideologia do progresso (do crescimento ilimitado), que aparece como desenvolvimento social, como se a incorporação de áreas ao circuito das atividades “modernas” e da valorização fosse benéfica para todo o conjunto da sociedade.

Como hipótese central do trabalho, verificamos que esse processo contribui decisivamente para um aprofundamento da fragmentação da vida cotidiana daqueles que ali vivem, pois as novas relações que se impõem no fragmento, desintegradoras das relações pretéritas (a prática sócioespacial, já fragmentada, da indústria), criam diferenciações no uso do espaço, produzindo novas separações, segregando as pessoas que moram ali. Assim, há um aprofundamento da fragmentação da vida cotidiana com as transformações em curso, pois elas criam uma nova prática sócioespacial em que o uso do espaço é cada vez mais mediado pela lógica do valor de troca. Ou seja, com o avanço das atividades terciárias, voltadas para um consumo de médio-alto padrão, com a sua espacialidade característica, avançam novas relações que implicam mudanças profundas na vida das pessoas do lugar, tornando incerta a permanência dessas pessoas aí.

Assim, a pesquisa busca contemplar duas lógicas conflitantes no urbano – a da transformação do fragmento em fronteira econômica, com a expansão de centralidades de negócios (devido a disponibilidade de terrenos e a localização privilegiada) e a do lugar como moradia e espaço da vida de muitas pessoas.

Palavras-chave: Industrialização, urbanização, desindustrialização, vida cotidiana, fragmentação

Abstract

Through the study of the deindustrialization process and of the restructuring process currently occurring in a fragmented portion of the metropolis of São Paulo, the research seeks to understand aspects pertaining to the reproduction of urbanization in our days. This fragment, located to the north portion of the Santo Amaro district, is part of the large industrialization occurred in the 50's, 60's and 70's, as an industrial area and a housing locale for the worker class. Industry was the main inductor of urbanization in that place, organizing its social life, constituted in its main reference, producing a fragmented everyday life (private life, work life and leisure time).

However, we checked that there is a relatively short period of time regarding the establishment of industry there, for already at the end of the 80's the beginning of the industrial decline within that fragment is seen, a process that is intensified during the 90's and accentuated even further during our days. Thus, there is a breaking of the integration chain of the fragment due to the exiting or shutting down of industries, given that, consequently, bars close, worker housing complexes are unoccupied and demolished, and many buildings and industrial real estate are left abandoned. At the same time, due to this deindustrialization space having a privileged localization in relation to areas already consolidated as business centers, it starts to take in undertakings linked to "modern" logics of the Southwest business axis.

We identify today, as an initial time of transformation for the fragment, processes that indicate the breeze by of an industrial area to an area oriented toward new tertiary activities, which is evidenced by the settling in of large event space undertakings, concert/show arenas and new residential condominiums of average standard buildings. As a tendency, this deindustrialization space may one day become a valued area if it is deemed an extension of the business centers that, in the metropolis of São Paulo, historically move and expand southwest bound (Historical Center-Paulista Avenue-Faria Lima-Berrini). This expansion of the business axis in the metropolis is configured as a process widely subsidized by ideologies spread throughout society (backed up by corporate speeches that are encamped by the State) – relating to social development, as if the incorporation of areas to the circuit of "modern" activities and valorization activities would bring benefits to society as a whole.

As the core hypothesis of the paper, we verified that this process decisively contributes toward a further deepening of the fragmentation of the everyday life of those who live there, for the new relations that are imposed within the fragment, breaking bonds of past relations (the already fragmented industry's social-space practice), create differentiations in the use of the space, producing new separations, segregating peoples who live there. Thus, there is further deepening of the everyday life fragmentation due to the transformations endured by the fragment, for they create a new social-space practice in which the use of the space is ever more mediated by the logic behind trade value. That is, with the advancement of tertiary activities oriented toward average-to-high standards, with its characteristic spatiality, move onward with new relations that imply profound changes in the lives of people who inhabit that fragment, bringing uncertainty as to the possibility of those people remaining there.

Thus, the research seeks to contemplate two conflicting logics in the urban setting – the logic of the fragment transformation into an economic frontier, with the expansion of the business centers (due to real estate availability and privileged localization) and the logic of the place as means of housing and living space for many people.

Keywords: Industrialization, urbanization, deindustrialization, everyday life, fragmentation

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	9
Apresentação.....	10
Introdução.....	17
a) Os espaços industriais em um momento de passagem da primazia do capital industrial para a do capital financeiro em São Paulo.....	17
b) A contradição integração/desintegração do espaço.....	21
c) Sistematização das hipóteses.....	26
Capítulo 1 - O conceito de desindustrialização, a industrialização pesada da década de 1950, o fragmento.....	29
a) Refletindo sobre o conceito de desindustrialização.....	29
b) As condições da constituição de um fragmento da metrópole.....	38
c) Condições da industrialização na década de 1950.....	41
d) O fragmento.....	43
e) O espaço industrial (de desindustrialização) em questão (a Várzea de Baixo).....	48
Capítulo 2 - Os discursos dos industriais, dos empresários da valorização e do estado.....	86
a) A desindustrialização na ótica dos industriais.....	87
b) Os discursos da valorização do espaço.....	91
c) O discurso do Estado.....	95
d) Crítica aos discursos (à ideologia do crescimento ilimitado e ao discurso competente)	97
Capítulo 3 - Os novos empreendimentos residenciais, comerciais e de serviços.....	100
a) Os novos empreendimentos de shows e eventos.....	100
b) Os novos empreendimentos residenciais.....	103
c) O avanço dos novos empreendimentos como avanço da fronteira econômica sobre o fragmento e aprofundamento da fragmentação.....	107

Capítulo 4 – Refletindo sobre as transformações das relações sócioespaciais.....	120
a) Um fragmento industrial.....	125
b) O declínio industrial no fragmento e a proletarização crescente na indústria...	130
c) Um fragmento em transformação.....	131
Considerações finais.....	144
Bibliografia.....	152
a) Livros e artigos acadêmicos.....	152
b) Artigos de jornais e revistas.....	157
c) Sites da Internet.....	158
d) Mapas.....	158
Fontes.....	158
Entrevistas realizadas.....	158

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do fragmento.....	28
Mapa 2 – Projeto de retificação do Rio Pinheiros – Light 1935.....	46
Mapa 3 – Uso do solo no fragmento – 1974.....	57
Mapa 4 – Uso do solo no fragmento – 2007.....	58
Mapa 5 – Área de expressiva transformação no fragmento.....	60
Mapa 6 – Áreas industriais em transformação.....	116
Mapa 7 – Vetor de expansão de atividades do terciário.....	118

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotos 1, 2 e 3.....	62 e 63
Fotos 4, 5, 6 e 7.....	64 a 66
Fotos 8, 9, 10, 11 e 12.....	67 a 69
Fotos 13, 14 e 15.....	70 e 71
Fotos 16 e 17.....	72 e 73
Fotos 18 e 19.....	74 e 75
Foto 20.....	76
Foto 21.....	77
Fotos 22 e 23.....	78 e 79
Fotos 24 e 25.....	80 e 81
Fotos 26 e 27.....	82 e 83
Foto 28.....	84
Foto 29.....	85

Agradecimentos

Agradeço especialmente minha orientadora, Professora Margarida Maria de Andrade, pela orientação cuidadosa e sempre presente.

Às professoras Amélia Luísa Damiani e Ana Fani Alessandri Carlos, pelas críticas e observações na banca de qualificação.

À professora Odette Seabra, pelo empréstimo de mapas. Ao Professor Luís Enrique Sánchez, pelo empréstimo de material bibliográfico. A Daniel Sanfelice, que me disponibilizou a tradução que fez de um texto de Neil Smth.

Às Professoras Glória da Anunciação Alves e Rita de Cássia Ariza da Cruz, que me permitiram acompanhar suas disciplinas na graduação como bolsista do Programa PAE.

A todos aqueles que, nos diversos momentos acadêmicos, debateram comigo as idéias de minha pesquisa. Um agradecimento especial nesse sentido aos professores ministrantes das disciplinas que cursei neste período da Pós-Graduação: Ana Fani Alessandri Carlos, Amélia Luísa Damiani e Lúcio Kowarick.

Aos amigos Sávio e Danilo, companheiros de toda hora.

Aos amigos do Labor, companheiros de grupos de estudos e de pesquisa. Alguns deles: Fabiana, Camila, Flor, Renata, Júnior, Frederico, Alexandre, Camilo, Lina, Júlio, André e muitos outros.

A André de Freitas Gonçalves, que me ajudou na elaboração dos mapas e na diagramação da dissertação.

Aos meus entrevistados, fundamentais para a realização deste trabalho: João Santos, Marcos Almeida Dias, Luís Roberto, Dona Francisquinha, Dona Julita, Antônio Valdir Enler, Aloysio Luz Cataldo, Geraldo Mantovani, Sr. Guerreiro, Júlio e Sr. Edvaldo.

À minha família: minha avó, meus irmãos, cunhados, sobrinhos e, principalmente, meus pais, José Reynaldo e Maria das Graças, que sempre me apoiaram em todo o percurso.

Esta pesquisa contou, em seu último ano, com o apoio de uma bolsa do CNPQ.

Apresentação

A práxis de que se trata neste contexto é historicamente determinada e unilateral, é a práxis fragmentária dos indivíduos, baseada na divisão do trabalho, na divisão da sociedade em classes e na hierarquia de posições sociais que sobre ela se ergue. Nesta práxis se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade, da confiança e da familiaridade em que o homem se move ‘naturalmente’ e com que tem de se avir na vida cotidiana.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 7ª ed., p.14-15.

Para este autor, conhecer a realidade implica na destruição da pseudoconcreticidade, que representa a realidade tal qual ela se nos apresenta, mascarando e ao mesmo tempo apontando a sua essência. A destruição da pseudoconcreticidade se mostra como um caminho metodológico importante no percurso de nossa pesquisa. Hoje nos deparamos com uma realidade social permeada de estratégias ideológicas que permitem a sua representação enquanto pseudoconcreticidade. Cumpre-nos então refletir sobre a sociedade a partir dos fenômenos com os quais nos deparamos mas buscando transcender o seu nível fenomênico. Num mundo em transformação, buscamos compreender os seus processos fundantes e que lhe dão sentido.

O tema desta dissertação, a desindustrialização e a reestruturação de um espaço industrial em São Paulo, enquadra-se entre os temas do momento histórico atual, pretendendo mostrar um processo mediador, como tantos outros, das transformações pelas quais passam o mundo e a urbanização. O nosso ponto de partida para entendermos esse momento de passagem entre um espaço produzido sob a hegemonia da indústria para um momento em que cada vez mais fica clara a hegemonia do financeiro, é o presente. No entanto, a nossa referência teórica é, sobretudo, a realidade industrial. O presente (e o seu devir) se configuram como a preocupação central de entendimento, ou seja, é o ponto de partida para a construção das hipóteses, mas é o processo histórico que nos dá elementos para a elaboração efetiva das hipóteses. Estamos diante, hoje, de uma realidade instável, que caminha num processo de mudanças (rupturas) e persistências.

A indústria produziu em São Paulo a sua espacialidade e o seu ritmo, induzindo a formação da metrópole. Quando algumas áreas industriais sofrem o processo de saída das indústrias de uma maneira acentuada, podemos vislumbrar elementos da crise social e ambiental que o modo de produção atual produz. Vários fatores corroboram para isso

- a reestruturação produtiva nas indústrias no sentido de torná-las mais produtivas, o que implica na diminuição de postos de trabalho; o aperfeiçoamento dos meios de comunicação e das vias de transporte que, junto com políticas de industrialização regionais, permitem às empresas custos de produção menores em locais fora da metrópole, separando muitas vezes o local de gestão do local de produção. Em outros casos a indústria entra em crise, deixa de produzir e fecha as portas. Numa metrópole como São Paulo, a reestruturação produtiva e a diminuição do emprego industrial representam um amplo empobrecimento de grande parcela da população, visto que, além da diminuição absoluta no número de empregos, há uma deterioração do trabalho com a perda de garantias e a diminuição de salários. Seja deslocando-se para outro local, seja fechando suas portas, na maioria das vezes ainda permanece o ambiente construído e prováveis resíduos tóxicos que a presença da indústria causou ali. É o que se chama de “passivo industrial”, que são as contaminações (de solo, de água) resultantes da atividade industrial e que precisam ser equacionadas para uma possível reutilização do terreno. Outra decorrência que poderíamos apontar como do âmbito ambiental é o abandono deste ambiente construído e sua deterioração, que provoca uma deterioração em cadeia de todo o entorno dependente da atividade industrial – bares, restaurantes, casas operárias.

A desindustrialização se configura para nós como um fenômeno identificável na escala local e que, ao mesmo tempo em que é desencadeado por outros processos, produz suas derivações, sendo uma mediação necessária de uma problemática espacial do momento atual. Nas metrópoles a indústria ocupou e ocupa grandes áreas que, em sua maioria, foram incorporadas pela mancha urbana com o crescimento das cidades. No momento em que a indústria diminui a sua produção nestas áreas, desocupa muitos terrenos, revelando a sua localização no contexto da metrópole como fundamental. Estas áreas passam inicialmente por uma inescapável **desvalorização**, dada a deterioração dos edifícios fabris e do entorno. Podem tornar-se, portanto, áreas ‘reserva’ para a atuação dos empreendedores imobiliários. Ou seja, podem vir a ser áreas de **valorização**.

Assim delinea-se a problemática mais geral do trabalho, que é a reestruturação dos espaços industriais que se desindustrializam no interior da metrópole. Chegamos a esta problemática a partir da investigação sobre as implicações sócioespaciais que a desindustrialização está produzindo em uma área em Santo Amaro, zona sul da cidade de São Paulo. Nesta área, situada na várzea do Rio Pinheiros, grandes indústrias vêm se

transferindo ou fechando as portas, num processo que produz uma paisagem degradada como a que nos referimos acima. Porém, neste fragmento específico da metrópole, pela sua disponibilidade de espaço e localização, um outro processo correlato se instala: a tendência à sua valorização, com a construção e/ou instalação, nos terrenos industriais, de novos empreendimentos residenciais, comerciais e de serviços. As pessoas que vivem todo esse processo, são mobilizadas a reorganizar e reelaborar os próprios meios de vida, pois são atingidas nos espaços essenciais de sua vida – a sua casa, a rua, o seu trabalho.

A lógica levada a efeito por diferentes grupos econômicos no espaço é a lógica da tecnocracia, gestada na sociedade industrial. A cidade e o espaço da cidade, a partir de determinado momento histórico se tornou o palco privilegiado de ação da tecnocracia capitalista. Se o espaço é dimensão essencial da vida, a reprodução da vida na cidade está subjugada a decisões tecnocráticas que são tomadas nos escritórios das empresas (aqui ou em outros países), nos gabinetes políticos, nas pranchetas dos arquitetos ou nos cálculos dos engenheiros. Primeiro, trata-se da construção de parques industriais na cidade, respeitando as necessidades da produção industrial. Hoje, é da produção do espaço ela mesma que se ocupa a tecnocracia, e, nesse sentido, a localização toma uma importância central. Os esforços, sejam eles estatais ou privados, estão voltados para a valorização do espaço, presumindo-se que esta valorização seja benéfica a todo o conjunto da sociedade. Sob o domínio dessa ideologia, frações da sociedade que vivem o lado negativo da valorização, lutam contra a lógica, explicitando as contradições do urbano. O poder tecnocrático, no entanto, se impõe como a salvaguarda do suposto equilíbrio social e está amparado nas esferas normativas da sociedade, estabelecendo a norma, mesmo se ela provoca a destituição do lugar de moradia de muitos, da rua como possibilidade do encontro, do local de trabalho, do lazer.

A lógica industrial esteve assentada na técnica, na transformação contínua dos meios de produção, mas, mais do que isso, na criação de relações sociais de produção que garantissem a sua reprodução. O processo industrial produziu uma práxis, um modo de pensar e de agir e produziu um espaço específico para sua realização. O novo momento que se vislumbra agora, se mostra como desdobramento da industrialização, que lhe propiciou as condições de realização. Ao mesmo tempo nega muitas das relações produzidas pela indústria, produzindo novas relações sociais. Produz, portanto, novas determinações sociais, das quais podemos derivar novas determinações espaciais. O homem, se produzindo enquanto homem, produz o seu espaço, produzindo

espacialidades que são expressões reais das determinações sociais que vêm da história. Assim, a espacialidade produzida pode ser considerada como uma esfera da práxis, que é determinada historicamente. A indústria, a instauração do cotidiano, a constituição e crescimento do mundo da mercadoria, instituindo o próprio espaço como mercadoria, são elementos determinantes da vida social. A noção de práxis mostra-se como uma idéia central para o nosso entendimento da realidade social e, no nosso caso específico, para o entendimento dos processos que se espacializam na cidade. Para Lefebvre, a noção de práxis,

pressupõe a reabilitação do sensível e a restituição, a que já nos referimos, do prático-sensível. O sensível, como bem compreendeu Feurbach, é o fundamento de todo conhecimento, porque é o fundamento do ser. Não apenas é rico de significação, como também é ação. O mundo humano foi criado pelos homens, no curso de sua história, a partir de uma natureza original que não se dá a nós senão transformada por nossos meios: instrumentos, linguagem, conceitos, signos¹.

Karel Kosik também explicita a importância da práxis como categoria do pensamento sobre a sociedade:

A *práxis* do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade. A práxis é ativa, é atividade que se produz historicamente – quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente –, a unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade².

A práxis tomada no sentido que a Geografia lhe dá, prática sócioespacial, determinada historicamente, oferece o conteúdo concreto dos processos que queremos entender. Já que “a práxis é tanto objetivação do homem e domínio da natureza quanto realização da liberdade humana”³, ela se mostra como uma noção que nos permite investigar o sentido real do presente, entendendo o descompasso que há entre a realidade e as suas possibilidades, enxergando no presente aquilo que pode surgir como superação da realidade, ou seja, aquilo que aparece como possibilidades do real.

A produção do real, no entanto, carrega uma dupla face, que é a sua produção material e a produção da consciência a partir dessa produção material. Nos deparamos assim não só com a materialidade produzida historicamente, mas também com as idéias, visões de mundo, ideologias também produzidas historicamente. O mundo da

¹ LEFEBVRE, Henri. A ‘práxis’: a relação social como processo. In: FORACCHI, Marialice Mencarini e MARTINS, José de Souza (orgs.), *Sociologia e Sociedade (Leituras de introdução à Sociologia)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1977, p.180-181.

² KOSIK, Karel. Op. cit, p.222.

³ Idem, p.225.

mercadoria produz a sua linguagem, muitas vezes ligada a uma dominação de classe, que se realiza no âmbito geral da sociedade e é fundamental para a reprodução da sociedade capitalista. Na cidade em transformação são inúmeras as ideologias que dão sustentação aos processos que se impõem cada vez mais como dominantes, impondo as determinações econômicas às demais esferas e possibilitando a produção de um espaço que satisfaça as necessidades da economia. Trata-se de um processo lógico de crescimento econômico, expansão dos signos do moderno, e também de difusão das idéias (ideologias) inerentes a esta lógica. Por outro lado, no âmbito da vida cotidiana, identifica-se o conflito produzido pela espacialização da lógica, que invade as esferas locais de realização da vida. No plano do vivido podemos apreender relações que são subvertidas pela lógica, assim como relações que podem negar e subverter a lógica. Neste sentido, no vivido confrontam-se a esfera da espacialização do econômico com aquela da espacialização da vida na cidade. A atenção com a vida cotidiana torna-se fundamental, pois nela percebe-se as contradições entre as esferas da sociedade. É o local da proximidade onde se realizam as determinações mais gerais da vida social.

Assim, eu observo uma mulher que compra açúcar, um homem em um café. Para compreendê-los, eu chego em toda a sociedade atual, em toda sua história. Eu descubro um emaranhado de causas e de efeitos, de ações recíprocas, de “esferas”, de essências escondidas: a vida deste homem ou desta mulher, seus ofícios, suas famílias, seus níveis sociais, suas classes, suas biografias, etc... e portanto, também, “estrutura global” do capitalismo. Mas o pequeno fato inicial aparece ainda mais rico e mais complexo em sua humildade do que as essências, as leis e as profundidades implicadas. A análise econômico-social alcança determinações essenciais, mas não a esgota⁴.

A prática sócioespacial na cidade revela as mediações que nos compreender as relações sociais que produzem a realidade. A cidade se mostra historicamente como o lugar da concentração dos avanços da civilização, ela atrai, fazendo parte dos sonhos, dos desejos de uma vida mais confortável, pois guarda as maiores possibilidades de inserção na vida social, assim como a possibilidade de usufruto das conquistas da humanidade, das obras criadas pelo homem. Quando refletimos sobre a urbanização que ocorreu em São Paulo a partir da década de 1950, nos deparamos com uma grande massa de trabalhadores migrantes que iam fazer parte da grande classe operária da cidade. A metrópole impõe seu ritmo à vida das pessoas, as conforma no tempo acelerado do mundo do trabalho fabril, dos deslocamentos diários, do esforço pela reprodução da família, das possibilidades esmagadas de lazer. O mundo da fábrica, o

⁴ LEFEBVRE, Henri. *A Noção de Totalidade nas Ciências Sociais*. Mimeo. Trad. Luís Bittar Venturi. São Paulo, s/d, p.14.

mundo da vida familiar, o mundo da rua e o mundo do lazer, se realizam como espaços-tempos que aparentemente se autonomizam, mas que formam a unidade da vida cotidiana na metrópole. A metrópole incorpora as pessoas moldando-as em uma prática sócioespacial fragmentada, produzida pelas necessidades da reprodução econômica. Quando o setor industrial entra em crise, diminui as possibilidades de trabalho para a grande classe operária, deteriorando ainda mais a vida na cidade. As espacialidades que vão se produzindo na metrópole manifestam as transformações no conjunto da classe operária e as suas novas possibilidades de reprodução na metrópole, assim como mostram também que a ação da lógica abstrata da reprodução do capital produz novas contradições que se revelam como contradições do espaço.

A fábrica fordista, que concentrava uma grande quantidade de trabalhadores em suas plantas, apesar de representar o catalisador da dominação da vida, fragmentando-a, era, contraditoriamente um lugar de sociabilidade, onde os trabalhadores, a despeito de todo o peso da supervisão, criavam formas de reflexão da própria prática: nos momentos de descanso, na saída e entrada do trabalho, nas conversas cotidianas entre colegas, nos bares e restaurantes das esquinas. Com a reestruturação produtiva que gradativa ou rapidamente toma as plantas industriais, quebram-se ainda mais esses laços criados pela atividade industrial. A vida fragmentada se torna ainda mais empobrecida, porque mais instável, mais distante dos laços de sociabilidade criados com o tempo.

Dominada pelas normas do mundo da mercadoria, a reprodução da sociedade, se realiza de maneira homogeneizada, fragmentada e hierarquizada, como indica o esquema geral proposto por Lefebvre⁵, separando os momentos e os espaços da vida cotidiana na metrópole, quando restringe cada vez mais a reprodução das classes trabalhadoras, obrigando-as a morar cada vez mais longe do trabalho; a ter cada vez menos tempo de permanecer em sua casa; quando diminui os direitos do trabalho; ou quando não garante mais o trabalho. A tecno-burocracia se afirma ainda mais na sociedade, hierarquizando mais as funções, garantindo que o processo, ao mesmo tempo fragmentado e homogêneo, se realize.

O trabalho que ora apresentamos está dividido em partes que pretendem alcançar o movimento concreto de transformação em um fragmento da metrópole. Para tanto, percorremos um caminho, que foi o de buscar uma definição para o conceito de desindustrialização; entender a formação do fragmento como um espaço da indústria a

⁵ LEFEBVRE, Henri. Le schéma général. In: *Une Pensée Devenue Monde. Faut-il Abandonner Marx?*. Paris: Fayard, 1980.

partir de um momento específico da industrialização no Brasil e em São Paulo, que foi a década de 1950, constatando as implicações produzidas com a desindustrialização neste fragmento; refletir sobre os discursos institucionais sobre a desindustrialização, que se impõem como as ideologias e as lógicas da produção de um espaço produtivo; e por fim refletir sobre o vivido no fragmento, buscando os nexos concretos que permitam alcançar uma melhor compreensão do processo em curso.

Introdução

a) Os Espaços Industriais em um Momento de Passagem da Primazia do Capital Industrial para a do Capital Financeiro em São Paulo

O objetivo mais amplo da pesquisa que subsidia este trabalho é a contribuição para o entendimento da urbanização na metrópole de São Paulo no momento atual. Nesse sentido, a pesquisa direciona seu enfoque para um espaço industrial que, ao mesmo tempo que se desindustrializa, passa a receber novos equipamentos urbanos ligados à produção de eventos e de shows, assim como às atividades do setor terciário. A pesquisa se propõe investigar esta dinâmica em sua inserção no movimento geral da urbanização paulistana.

Partimos da constatação de que a metrópole de São Paulo vive, acompanhando o movimento geral da economia capitalista, um momento de passagem da primazia do capital industrial para a primazia do capital financeiro⁶, fato que é mais evidente na produção de novas centralidades no seu tecido urbano, destacando aqui o eixo de valorização do vetor sudoeste. A produção do espaço se apresenta, cada vez mais, como mediação fundamental para a valorização de capitais da esfera financeira. Neste processo, se delineia uma problemática importante, que é aquela dos espaços onde a indústria se concentrou e que agora perdem, ao menos relativamente, o seu papel industrial. A reestruturação dos espaços industriais se realiza de duas formas distintas. Em muitos desses locais outras atividades como universidades, empresas de transporte, igrejas, passam a ocupar o espaço da indústria, aproveitando os edifícios industriais para as novas instalações⁷. Em outros locais, o que se apresenta é uma reestruturação mais profunda em direção à inserção desses espaços aos circuitos modernos da economia, o que leva não só a uma transformação física dos edifícios, mas a uma valorização do espaço. Nesse segundo caso, a localização dos terrenos é fundamental.

É certo, por outro lado, que a indústria capitaneou por muito tempo as diretrizes da produção da cidade e foi o principal motor da grande acumulação de inúmeros elementos que configuraram São Paulo como uma metrópole. Trata-se de um processo de transformação contínuo que, ao mesmo tempo em que impõe mudanças e rupturas em relação ao que havia anteriormente, evidencia persistências na paisagem e nas

⁶ CARLOS, Ana Fani Alessandri. São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). *Geografias de São Paulo - A metrópole do século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

⁷ Em São Paulo, poderíamos dar o exemplo da região do Brás.

práticas sócio-espaciais da metrópole. Este movimento de transformação não significa o desaparecimento da indústria em São Paulo, mas a sua reprodução num momento em que a hegemonia nas diretrizes dos mecanismos da acumulação ampliada passa a, cada vez mais, se localizar no âmbito do financeiro.

É preciso deixar claro que em São Paulo não há um processo generalizado de desindustrialização, visto que a atividade industrial ainda tem um peso significativo no conjunto de suas atividades econômicas. Evidentemente, há um processo de desconcentração industrial, ao mesmo tempo em que há uma centralização da gestão das empresas em São Paulo⁸. Observa-se que, muitas vezes, a planta industrial se desloca para outra região, mas a gestão da empresa permanece em São Paulo, que passa a concentrar as condições propícias para as atividades de gestão, que demandam serviços de toda ordem⁹. O conceito de desindustrialização está ligado, nesta perspectiva, a determinadas áreas no interior da metrópole onde a indústria era a atividade predominante e perde terreno para outras atividades econômicas ou deixa de existir.

O fragmento que estamos estudando na pesquisa localiza-se ao norte do distrito de Santo Amaro, na região sudoeste de São Paulo e se desindustrializa com uma certa velocidade a partir do início da década de 1990. É uma área onde originalmente se instalaram grandes indústrias intercaladas por conjuntos de pequenas casas operárias. A localização desta área **a integra**, tendencialmente, **como a ponta sul do eixo de valorização do vetor sudoeste**. Alguns elementos corroboram para esta hipótese: a grande oferta de terrenos (industriais) com uma localização privilegiada no contexto metropolitano; a recente instalação de grandes e requintadas casas de eventos e shows que aproveitam, em parte, antigos edifícios industriais; lançamentos de novos “produtos” imobiliários residenciais voltados para a classe média alta; instalação de concessionárias de automóveis em edifícios industriais. Estes novos elementos que passam a compor a paisagem e as relações que eles passam a produzir no fragmento, nos levam a pensar este momento como intermediário entre um local voltado para a produção industrial e um local tomado pelas estratégias de valorização capitaneadas pelos agentes do capital financeiro, articulados aos investidores imobiliários e empresários da construção civil.

⁸ LENCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (orgs). *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

⁹ Destacáramos os serviços financeiros, concentrando cada vez mais a circulação de capital em São Paulo.

É preciso também salientar que a noção de fragmento toma força ao pensarmos o momento atual da produção do espaço na metrópole. Na construção de um pensamento teórico, esta noção constitui-se como uma possibilidade de apreensão concreta dos processos da metrópole, exprimindo a fragmentação que perpassa a vida dos habitantes, que impõe crescentes separações no nível do vivido. O fragmento está cada vez mais ligado a ordens externas a ele, pois o que lhe dá sentido é a escala da metrópole que se sobrepõe à escala do local. Nesta perspectiva, a metrópole unifica os diferentes fragmentos, dando sentido às novas centralidades que se constituem no tecido urbano. O fragmento exprime, assim, o esgarçamento do lugar como uma unidade de sociabilidade mais imediata, onde a cidade podia ser vivida como apropriação, através dos espaços e momentos qualitativos dos encontros que permitiam a potencialização dos elementos humanizadores da vida urbana. A cidade não é mais vivida integralmente por seus habitantes, pois a apropriação foi massacrada pelo ritmo das normas da reprodução geral da sociedade, baseadas na produção social da cidade e sua apropriação privada. A crescente fragmentação representa o empobrecimento da vida na cidade, com as crescentes separações dos espaços-tempos da vida cotidiana: a vida privada, o trabalho, o lazer e os tempos obrigatórios¹⁰.

A própria paisagem da metrópole indica desigualdades sócioespaciais que podem apontar, para a análise, os processos mais gerais que regem a sociedade. No espaço da Região Metropolitana de São Paulo como um todo, várias áreas de concentração industrial se desindustrializam. Estas áreas, constituídas em diferentes momentos da história da industrialização da Região Metropolitana, tomam, hoje, diferentes sentidos na reprodução da metrópole. A reestruturação destes espaços industriais no sentido da instalação de outras atividades econômicas diferentes da industrial, se realiza de acordo com o papel de cada área no contexto da metrópole hoje. As áreas onde se verificam a desindustrialização, ao mesmo tempo que passam por uma desvalorização e até mesmo por uma deterioração física dos edifícios industriais, se tornam áreas de disponibilidades de terrenos e portanto passíveis de valorização por parte do mercado imobiliário. Desse modo, de acordo com a localização e acesso da área, se dará a sua nova inserção nesse novo momento da economia paulistana, ou não se dará, permanecendo, neste caso, como um espaço reserva para possíveis investimentos futuros.

¹⁰ LEFEBVRE, Henri. *Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ática, 1992.

Para os investidores imobiliários e os empresários da construção civil (cada vez mais articulados ao mercado financeiro), impõe-se a integração contínua de novos espaços nos processos econômicos mais dinâmicos da metrópole, para a reprodução de seus capitais. Com essa finalidade, produzem muitas estratégias, inclusive se utilizando de prerrogativas favoráveis que lhes concede o Estado, procurando conceber um crescimento econômico cada vez mais expansivo e que favoreceria, segundo este discurso oficial, à sociedade como um todo. Neste discurso dos agentes econômicos acima elencados, assim como no discurso dos representantes do Estado, as transformações por que passam algumas áreas de desindustrialização são processos “naturais” de reconfiguração de atividades econômicas da cidade, passando da atividade fabril, composta por um grande número de trabalhadores de linha de montagem, para atividades ligadas aos serviços, que seriam exercidas por trabalhadores com maior qualificação e com maior poder aquisitivo. Outro elemento deste momento são os novos empreendimentos residenciais voltados para a classe média alta nestas áreas antes predominantemente industriais, que, para este discurso tecnocrático, também representam um avanço econômico para estas áreas. Para nós, num primeiro momento, a instalação destes novos equipamentos urbanos onde somente havia indústrias, pequenas casas, bares populares e terrenos vazios produz uma paisagem com extremas desigualdades sócio-espaciais, evidenciando novas tendências na produção do espaço da metrópole.

O discurso do econômico articulado ao político emplaca a tese da mudança de “vocação” da área no sentido do desenvolvimento¹¹ de São Paulo como uma cidade de negócios e de serviços modernos. É um discurso divulgado em diversos meios, elegendo áreas passíveis de maior valorização, que pretende criar tendências de valorização ou consolidá-las, constituindo novas fronteiras para os setores articulados da incorporação imobiliária, construção civil, mercado financeiro.

Na metrópole de São Paulo, o eixo mais expressivo de valorização é aquele na direção sudoeste. A consolidação desse eixo indica a tendência de sua extensão, englobando espaços mais adiante. A área em processo de desindustrialização do norte do distrito de Santo Amaro se apresenta, para os agentes da valorização, como um amplo espaço para suas estratégias, mesmo contando, entre os grandes galpões industriais, com conjuntos de pequenas casas operárias.

¹¹ Essa idéia de desenvolvimento carrega um explícito sentido ideológico. Na verdade, esse discurso encobre a busca do crescimento econômico.

Como apontamos anteriormente, o movimento de transformação da metrópole explicita persistências e rupturas, que mostram que o processo não é linear, mas repleto de contradições. Assim, o conteúdo da cidade pode ser apreendido no embate entre as novas relações produzidas no momento atual, que se impõem muitas vezes como hegemônicas, com relações nascidas em momentos anteriores, que permanecem como resíduos, são reelaboradas, ou desaparecem.

A contradição integração/desintegração, apreendida nesse processo de transformação, permite vislumbrar este movimento que evidencia as persistências e rupturas a partir do embate entre lógicas diferentes na luta pelo urbano. A lógica que muitas vezes se coloca como hegemônica é aquela das normas abstratas (que se concretizam na cidade) da valorização do capital; por outro lado, há a lógica das práticas cotidianas imediatas no vivido do habitante da cidade (que diz respeito ao plano do morar, do pequeno comércio, dos espaços de sociabilidade, etc.). Estas lógicas se cruzam e se embatem e nesse embate temos a possibilidade de investigar os conteúdos do urbano.

O caminho que desenvolvemos na pesquisa procura mostrar que, na expansão do eixo de valorização sudoeste de São Paulo sobre áreas que se desindustrializam, a integração é do ponto de vista da cidade como meio de reprodução dos grandes capitais, que, ao avançar sobre novas áreas, desintegra relações pretéritas. A desindustrialização beneficia a integração posterior a outras atividades econômicas. O outro lado da contradição é a desintegração de relações do âmbito do morar e do trabalhar na área, com a saída da indústria e a chegada de novos equipamentos urbanos portadores e impositores de uma nova lógica, que tende a ser dominante. Assim, esta contradição identificada pretende trazer à tona a oposição e o conflito entre lógicas e relações produzidas em diferentes momentos e com conteúdos diferentes na produção da urbanização atual.

b) A contradição integração/desintegração do espaço

Buscamos refletir sobre a contradição integração/desintegração do espaço da metrópole de São Paulo a partir da pesquisa sobre as implicações sócioespaciais da desindustrialização na área norte do Distrito de Santo Amaro. Aí se instalaram, a partir da década de 1950, grandes indústrias que de certa forma moldaram as formas de sociabilidade do lugar, portanto uma sociabilidade já marcada pela fragmentação imposta pela lógica da produção industrial. Hoje, o recrudescimento da saída de

indústrias (ocasionado por diversos fatores, entre os quais se destaca a profunda reestruturação produtiva, a partir de novos avanços técnicos e informacionais) e a chegada de novos equipamentos urbanos, evidenciam o deslocamento da problemática no sentido da reflexão sobre a produção do espaço.

A integração de novos espaços da metrópole aos circuitos modernos da economia contemporânea avança cada vez mais no vetor sudoeste de São Paulo, incorporando, na sua ponta de expansão, áreas industriais que se desindustrializam com alguma intensidade. Trata-se do lançamento de novos empreendimentos imobiliários comerciais e residenciais, assim como da instalação de novos equipamentos urbanos ligados à realização de eventos, entretenimento, shows, etc., em uma paisagem onde ainda predominam os grandes galpões industriais. Este movimento representa o avanço de equipamentos urbanos que subsidiam as atividades do setor terciário moderno da economia, ao mesmo tempo em que se configuram as novas formas de produção do espaço, através da articulação entre o mercado imobiliário, o setor financeiro e a indústria da construção civil.

A desindustrialização por que passa a área se manifesta, a princípio, como a desarticulação de inúmeras relações constituídas pela industrialização, num processo que promove uma deterioração e uma consequente desvalorização da área. Porém, algumas destas áreas deterioradas com a saída de muitas de suas indústrias, por contarem com uma localização privilegiada no contexto da metrópole (áreas com condições propícias para a expansão da "cidade dos negócios"), se tornam um fabuloso estoque de terrenos para as estratégias da articulação entre os setores imobiliário-financeiro-construção civil. Neste caso, portanto, a localização, articulada à desvalorização destas áreas, oferece condições altamente favoráveis à continuação do eixo de valorização do vetor sudoeste de São Paulo. É interessante lembrar que estamos diante de uma metrópole já demasiadamente densificada em suas áreas mais valorizadas, o que impõe ao mercado imobiliário e ao setor da construção civil a busca de novos espaços de atuação. Isto implica, por parte destes setores, a produção de novas tendências, através de lançamentos de novos produtos imobiliários (produção de um estetismo), assim como da promoção de certas áreas como lugares de valorização.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a desindustrialização representa a desintegração de um espaço antes ligado à produção industrial, ela também passa a oferecer condições para a integração deste espaço ao eixo de valorização. Estamos diante, portanto, da contradição integração/desintegração, pois a integração destas áreas

à esfera da cidade dos negócios implica uma desintegração da vida social (já fragmentada) gestada ali no período de 40 anos de atividade predominantemente industrial. Esse movimento indica uma integração que se beneficia da desintegração já esboçada pelo forte recuo relativo das indústrias e que se acentua na medida em que produz, através da instalação de novos equipamentos, novas funções e um novo ritmo (novas relações espaço-temporais). Enquanto as indústrias estavam de certa forma ligadas ao local, visto que parte dos operários morava nas proximidades, ou que o funcionamento de bares e restaurantes estava voltado para o movimento da indústria, as novas funções que se desenvolvem hoje se ligam à escala da metrópole, à escala nacional e à escala mundial (casas de shows e eventos, bar e restaurantes requintados, clube de golf, academia de tênis, assim como lançamentos imobiliários, tanto para escritórios como residenciais).

Esboça-se, nesse processo, uma tendência à valorização da área, que, se se efetivar, promoverá uma outra tendência que é a saída da população local (formada por operários, aposentados, donos de pequenos bares, desempregados, empregados dos serviços locais, entre outros), pois haverá a indução de novos custos para esta população, como o aumento do imposto territorial, aumento dos aluguéis, além da contraposição a novos interesses dos proprietários de casas e terrenos. Revela-se, nesse sentido, uma integração desintegradora, em que as estratégias de integração, concebidas nas altas esferas tecnocráticas econômicas e políticas, impõem à sociedade novas determinações espaciais e novas práticas que se realizam como novas formas de segregação e fragmentação.

Assim, esta integração/desintegração se apresenta como uma contradição relevante do urbano contemporâneo, pois ao mesmo tempo em que se confirma a necessidade da simultaneidade, do encontro, da reunião e a realidade urbana comporta essas possibilidades, a problemática urbana evidencia, no entanto, o aprofundamento da fragmentação, da segregação, das separações, ou seja, evidencia o aprofundamento dos elementos que negam a realização da vida urbana.

A desintegração se manifesta claramente quando a própria cidade passa a ser constrangimento para o morador e este fica cada vez mais confinado dentro de sua casa. Nesse sentido, a fragmentação se aprofunda na vida urbana, pois as estratégias que envolvem o espaço no sentido de torná-lo produtivo se expandem e impõem novas lógicas. O morador se vê cada vez mais espoliado de sua vida urbana, diante de um movimento "inexorável" de transformação da metrópole. A expansão sem barreiras das

características novas que vão surgindo no interior do lugar não se realiza sem inúmeras ideologias que naturalizam todo este processo de transformação. Entre elas, aquela do crescimento ilimitado exerce ainda uma força considerável¹².

Identificamos dois momentos principais da fragmentação desta área industrial que se desindustrializa. O primeiro se refere ao período inicial de incorporação dos terrenos da várzea do Rio Pinheiros ao tecido urbano de São Paulo (industrialização). O segundo momento é aquele que se impõe atualmente com a desvalorização/deterioração (desindustrialização) e a posterior tendência à valorização da área e transformação das suas práticas espaciais.

O primeiro momento se esboça como a configuração de um lugar da grande indústria, em que o movimento de operários e tudo o que gira em torno da produção industrial é a tônica. Predomina aí o tempo da jornada de trabalho da fábrica, às vezes com três turnos de funcionamento, mas com maior movimento no começo da manhã, na hora do almoço e no final da tarde. A vida do operário é regulada por uma rotina marcada pelos deslocamentos entre a casa e o trabalho, por funções repetitivas, parceladas e definidas hierarquicamente. Acrescente-se aí as obrigações referentes à reprodução da família no âmbito da vida privada (o que tem um peso muito maior para as operárias) e as necessidades de lazer. Assim, a lógica industrial configura práticas espaciais fragmentadas, separando os momentos da vida cotidiana.

A passagem para o que estamos apontando como o segundo momento da fragmentação é esta vinculada ao processo de reestruturação produtiva que elimina uma grande quantidade de empregos industriais. As relações tecidas no contexto da prática industrial se esgarçam, pois há a diminuição da movimentação de operários, os bares e restaurantes passam a ter pouco movimento, muitos galpões industriais ficam desocupados. Ao mesmo tempo, novas práticas vão surgindo em pontos específicos, ocupando estes vazios deixados pelas indústrias. Os moradores mais velhos do lugar identificam estas novas práticas como perdas, notando um empobrecimento no nível das relações mais imediatas (já fragmentadas) que se estabeleciam no período de predomínio da atividade industrial. Os moradores que permanecem vêem galpões vizinhos às suas casas se transformarem em espaços voltados para um público muito distinto dos operários que antes trabalhavam ali. O movimento de carros aumenta

¹² LEFEBVRE, Henri. Les Ideologies de la Croissance. In: *La Survie du Capitalisme*. Paris, Anthropos, s/d.

consideravelmente, principalmente à noite, em função das atividades da nova casa de shows, assim como aumentou também o número de linhas de vans e ônibus. Grandes terrenos desocupados são transformados em estacionamentos, tanto para o público dos shows como para estudantes e professores de uma faculdade das redondezas. Ou seja, as transformações em processo induzem novas práticas, muito diferentes daquelas a que os moradores estavam acostumados. A expansão das transformações os deixa cada vez mais encurralados dentro de suas casas, ampliando o significado da cidade como exterioridade. No último capítulo desta dissertação pretendemos apresentar mais detalhadamente a chegada dessas novas atividades e suas implicações no vivido do lugar.

Chama a atenção, nesta área, a instalação de grandes equipamentos voltados para a realização de eventos e shows, o que denominamos de equipamentos da industrial cultural. Como hipótese, cabe considerar que, para a configuração de novas centralidades em áreas deterioradas que representam potencialidades de valorização, este tipo de equipamento exerce um papel importante. Poderíamos dizer que se trata de uma estratégia da valorização, pois estes espaços de shows e eventos atuam como um novo lugar de atração, já que um público vindo de vários cantos da metrópole e de fora dela irão frequentar esses locais, inserindo-os no conjunto das atividades dinâmicas da economia presentes em São Paulo. Por outro lado, estas atividades de entretenimento, lazer, eventos, necessitam de grandes espaços para sua realização e sua instalação num momento inicial de constituição da centralidade permite menores custos aos empreendedores destes investimentos, pois a valorização em tendência ainda não se realizou efetivamente.

Estes novos espaços são produzidos como espaços de consumo (para os eventos culturais ou corporativos, casamentos, etc.), mas ao mesmo tempo se revelam como evidências de um consumo do espaço, pois a sua localização na metrópole ganha um sentido como centralidade para a realização destas atividades, transformando o lugar, evidenciando o espaço não somente como meio de realização de atividades, mas o próprio espaço (o espaço produzido e sua produção) como produtor de valor.

Estes equipamentos são instalados no espaço dos grandes galpões industriais, preenchendo-se com novas e refinadas infraestruturas (segurança, instrumentos diversos, decorações, etc.), diferenciando-os do contexto de características industriais no qual eles estão inseridos. São ambientes "desconectados" do entorno. É possível ir a um evento ou show em algum desses equipamentos, usando todos os serviços

relacionados ao programa, e não perceber os galpões abandonados ou as pequenas casas operárias, ou seja, sem perceber o entorno. Há nesse sentido, um movimento de desenraizamento em relação à prática sócioespacial presente naquele lugar, que gradativamente vai sendo atada a outras lógicas diferentes daquelas estabelecidas pelo movimento das indústrias e dos bares e restaurantes populares e pela vida dos moradores. Os moradores estão, às vezes, contíguos fisicamente a estes equipamentos, mas estão absolutamente distantes, pois não participam desta esfera de consumo elitizado. Assim definida, a contradição integração/desintegração mostra que inúmeros movimentos acontecem ao mesmo tempo, no sentido do desenraizamento e distanciamento dos que ali estão mas não fazem parte da nova lógica que se impõe (ou fazem parte excludentemente).

A análise destes espaços em processo de integração/desintegração procura contemplar duas frentes: a das estratégias de capitalização dos espaços de recuo industrial, no sentido de torná-los produtivos (a lógica); e a que ilumina o vivido das pessoas envolvidas por esse processo, moradores e operários, que são mobilizados de muitas formas por esse movimento (o conflito). Suas estratégias no urbano são a recriação contínua de suas experiências urbanas, massacradas por ordens que as organizam.

c) Sistematização das hipóteses

Concluindo esta introdução, devemos sistematizar de maneira mais clara as hipóteses que balizam a pesquisa. No momento atual, identificamos uma transformação na dinâmica econômica, na qual a produção industrial perde importância e aumenta o peso das atividades terciárias. Articulado a este processo, verificamos no momento atual o avanço das atividades de serviços e condomínios residenciais sobre espaços de desindustrialização na direção sudoeste. Isto substantia a principal hipótese do trabalho, que é aquela do aprofundamento da fragmentação da vida com a transformação dos espaços industriais neste momento da urbanização.

O processo de instalação de novos equipamentos urbanos, sejam eles para moradia das classes de alto poder aquisitivo, sejam as atividades de serviços, não incorporam o outro do processo, que são as pessoas que ali moram há décadas. Conforma-se, cada vez mais, um processo segregador. Mesmo que a mobilização dos moradores daquele lugar não seja absoluta, é um processo de destituição dos espaços habituais de sociabilidade (a rua, a calçada, a vila de moradores). Este processo se

apresenta também como uma destituição de relações, pois separa entre si os moradores que permanecem, ao mesmo tempo em que separa aqueles que ali trabalhavam e perdem o emprego, ou aqueles que lá moravam e vão para outros lugares. O sentido da permanência das pessoas, sejam elas moradoras, sejam elas trabalhadores naquele local, está cada vez mais incerta.

Mesmo num espaço já constituído pela fragmentação imposta pelo ritmo da indústria, ali se constituíram, contraditoriamente, laços fortes de sociabilidade. É um lugar de referência para muitas famílias que ali se estabeleceram, geralmente vindas de lugares distantes do país, movidas pela industrialização galopante de São Paulo. Para a criação da identidade, a permanência no lugar de referência da vida, é fundamental. As relações de proximidade, de vizinhança, ou com colegas de fábrica, ficam incertas, ou desaparecem, ou permanecem sob novas condições de existência. Assim, há um empobrecimento da vida, quando processos segregadores avançam e se impõem no fragmento.

Localização do Fragmento

Capítulo 1 – O conceito de desindustrialização, a industrialização pesada da década de 1950, o fragmento

a) Refletindo sobre o conceito de desindustrialização

O conceito de desindustrialização ainda apresenta uma relativa indefinição em sua conceituação. Notamos que a Geografia, por trabalhar com uma perspectiva espacial, define de maneira mais clara este conceito. Neste tópico pretendemos trabalhá-lo tentando defini-lo melhor, buscando explicitar que o seu aspecto espacial é fundamental para o seu entendimento. Antes, é preciso contextualizarmos de uma maneira geral as causas econômicas da desindustrialização neste momento específico.

O curto período de dinamismo da indústria em Santo Amaro está ligado, de um lado, com a expansão do capitalismo no pós-Segunda Guerra Mundial e, por outro, com a crise da Era de Ouro, já na década de 1970, quando a euforia dos mercados é tomada por preocupações quanto à reprodução do sistema. Entre o final da 2ª Guerra e a década de 1970, o mundo capitalista cresceu vertiginosamente, momento em que houve uma grande expansão das empresas multinacionais para os países de 3º Mundo. Depois da década de 1970, a ilusão do crescimento indefinido se esboroa, pois as crises evidenciavam a instabilidade inerente à economia capitalista.

Enquanto nos países desenvolvidos a produção e a produtividade se ajustavam positivamente (devido à sua grande acumulação de capital e das garantias que a população trabalhadora possuía com o Estado de Bem-Estar Social), nos países de 3º Mundo a situação era bem outra, ou seja, forte depressão econômica. Porém, em todo o mundo, mesmo nos países desenvolvidos, o pós-década de 1970 caracterizou-se como ampliação da pobreza e da desigualdade social. Para lidar com as crises, em grande parte do mundo se generalizou a ideologia do neoliberalismo, que propunha a desregulamentação e liberalização da economia, assim como a privatização de ativos estatais, para que as leis de mercado pudessem rearranjar as estruturas produtivas. Essa ideologia teve um impacto muito grande, sobretudo na América Latina, aprofundando ainda mais as contradições, aumentando a pobreza e a desigualdade. Ao mesmo tempo representou o aumento da presença das empresas multinacionais, que passavam a dominar setores estratégicos da economia desses países periféricos.

A tragédia histórica das décadas de crise foi a de que a produção agora dispensava visivelmente seres humanos mais rapidamente do que a economia de mercado gerava novos empregos para elas. Além disso, esse processo foi acelerado pela competição global, pelo aperto financeiro dos governos, que –

direta ou indiretamente – eram os maiores empregadores individuais, e não menos, após 1980, pela então predominante teologia de livre mercado que pressionava em favor da transferência de emprego para formas empresariais de maximização de lucros, sobretudo para empresas privadas que, por definição, não pensavam em outro interesse além do seu próprio, pecuniário. Isso significou, entre outras coisas, que governos e outras entidades públicas deixaram de ser o que se chamou de “empregadores de último recurso” (*World Labour*, 1989, p.48). O declínio dos sindicatos, enfraquecidos tanto pela depressão econômica quanto pela hostilidade de governos neoliberais, acelerou esse processo, pois a produção de empregos era uma de suas funções mais estimadas. A economia mundial se expandia, mas o mecanismo automático pelo qual essa expansão gerava empregos para homens e mulheres que entravam no mercado de trabalho sem qualificações especiais estava visivelmente desabando¹³.

Para países como o Brasil, foi desastroso este novo período de crises. A desindustrialização que constatamos em algumas áreas em São Paulo mostra a extensão dos efeitos da crise, as empresas promovendo profundas reestruturações produtivas, num contexto em que mesmo o espaço da metrópole se tornava desinteressante do ponto de vista da produtividade.

A desativação de espaços industriais é um fato inerente ao processo de reprodução capitalista. O problema da reestruturação produtiva e o que ela implica, tem assim, um alcance mundial, realizando-se em suas particularidades e em diferentes momentos nos diversos países industrializados. Nos países de industrialização antiga, mesmo por esse processo ter se iniciado com mais antecedência, há uma reflexão também mais antiga sobre a problemática. Para Bruyelle, a desindustrialização pode ser definida,

em primeira aproximação, como o recuo ou a desapareição do fato industrial em um espaço dado. Este recuo se manifesta de diversas maneiras que têm, cada uma, significações diferentes. Ele pode se manifestar em termos de empregos, em termos de diminuição da produção ou do valor da produção, em termos de redução do número dos estabelecimentos industriais podendo ir até a desapareição total¹⁴.

Para este autor, pode-se falar em desindustrialização absoluta, quando há o recuo e desapareição de empresas e empregos, como também pode-se falar em desindustrialização relativa, quando se trata de uma diminuição do papel da atividade industrial no conjunto das atividades econômicas de determinado espaço. Mas, “o mais frequentemente, a desindustrialização relativa acompanha a desindustrialização

¹³ HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.404.

¹⁴ BRUYELLE, Pierre. Désindustrialisation, mutations technologiques et transformations internes des entreprises. In: *Revue Belge de Géographie*, 116^{ème} année, 1992, Fascicules 1 à 4, p.77.

absoluta. O termo desindustrialização deve ser interpretado, pois ele recobre realidades diferentes”¹⁵.

Segundo ele,

a desindustrialização relativa pode resultar seja de um crescimento do setor dos serviços, do terciário no sentido amplo, mais forte, ou mais rápido que aquele do setor industrial, em estagnação ou em fraco crescimento, seja de um recuo importante deste último compensado pela elevação do terciário¹⁶.

Este processo deve ser visto com cuidado, pois em alguns ramos industriais, muitas vezes se reduz o número de empregos mas os ganhos da empresa aumentam, por um ganho de produtividade. O problema deve ser analisado tendo em vista a escala, já que

a diversificação, a manutenção das atividades no interior de um ramo, de uma empresa, podem ser acompanhadas de uma redistribuição das atividades entre os estabelecimentos, de deslocamentos, de fechamentos. Na escala local, elas se traduzem segundo o caso, por uma desindustrialização mais ou menos brutal, ou, ao contrário, pela manutenção ou aumento das atividades e dos empregos¹⁷.

Assim, muitas empresas fecham, mas novos ramos (modernos) são criados (empresas menores), que não compensam os empregos perdidos nas grandes e massivas empresas que fecharam. Nesse sentido, o problema da escala, salientado por Bruyelle, mostra-se importante, pois fechamento de indústrias e criação de novos empregos não se realizam, necessariamente, no mesmo lugar.

Para este autor, a desindustrialização se apresenta sob duas formas, a transferência ou a mortalidade. Quando há a transferência de uma indústria, um lugar perde os empregos, mas outro lugar ganha empregos, ao passo que quando há o fechamento, há somente perda de empregos. Assim, um ramo industrial pode ter um desempenho satisfatório na escala nacional, mas produzir grandes problemas na escala local e regional.

A perda de empregos industriais se revela como um grande problema urbano, já que as indústrias estão nas cidades e elas mesmas foram indutoras da urbanização e muitas das causas de diminuição do peso da indústria estão relacionadas ao fato de se encontrarem no interior de manchas urbanas concentradas. Bruyelle inclusive identifica uma desindustrialização urbana, que seria *“parte dos processos e das formas de*

¹⁵ Idem, p.77.

¹⁶ Idem, p.77. Este mecanismo, do crescimento do terciário compensar as perdas em empregos do setor industrial é um fenômeno mais comum nos países de economia mais avançada. Em países como o Brasil, a reestruturação do setor industrial provoca uma crise social mais aprofundada, posto que a eliminação de empregos do setor industrial será minimamente compensada pelo setor de serviços.

¹⁷ Idem, p.79.

recomposição dos espaços urbanos, de redistribuição das atividades econômicas e das formas de uso do solo nas cidades e em suas periferias”¹⁸.

Entre as causas da desindustrialização em áreas urbanas, podemos apontar – a própria concentração urbana, que dificulta os deslocamentos, dificulta a expansão das indústrias, provoca a elevação dos impostos; o barulho e a poluição que muitas indústrias produzem, não mais condizentes com a legislação de cunho ambiental, que impõe novas taxas para a permanência no tecido urbano; estratégias financeiras e imobiliárias. Ainda segundo Bruyelle,

Para uma empresa, o solo e os edifícios são de início meios de produção, integrados no balanço econômico e no cálculo de amortização. Mas eles podem ser também um capital a valorizar. Leva em conta que a localização em uma zona em que o solo é raro, procurado, e caro, a tentação é grande de valorizar este capital para tirar uma substancial mais valia no momento da transferência para uma localização melhor situada, melhor adaptada, e onde o preço do metro quadrado equipado (...) pode ser 15 a 30 vezes inferior àquele da empresa na cidade. Assim a transferência é acompanhada de mecanismos financeiros e imobiliários, de realizar as mais-valias não negligenciáveis¹⁹.

Na Europa, a desindustrialização de áreas urbanas foi, muitas vezes, incentivada pelo planejamento, com a finalidade de descongestionar as cidades e liberar espaço para a reestruturação urbana, incentivando, através de regulamentações favoráveis, a instalação de indústrias em outros locais. Nestes países de industrialização antiga, onde, conseqüentemente os problemas com a desindustrialização são mais antigos e numerosos, há políticas públicas para a reutilização dos terrenos abandonados, como a construção de parques públicos, lugares de lazer, centros culturais, etc.

A desindustrialização produz o que os autores franceses denominam *friches*²⁰ industriais. As *friches* industriais, nas cidades européias, se tornam importantes locais para as aspirações econômicas da reestruturação urbana, mesmo porque ocupam grandes espaços. Segundo Bruyelle, pode-se definir *friches* como

terrenos ou edifícios (ou os dois ao mesmo tempo) outrora utilizados para fins econômicos, hoje totalmente ou em grande parte e definitivamente abandonados por seu utilizador, e degradados de tal maneira que qualquer novo uso não é possível senão após um rearranjo notável²¹.

¹⁸ Idem, p.79.

¹⁹ Idem, p.81.

²⁰ Segundo o dicionário Le Robert Micro, *friche* significa terra não cultivada, ao abandono. É preciso salientar que as *friches* industriais são um tipo de *friche* econômica. Portos, armazéns, etc., que estejam abandonados, são também qualificados como *friches* econômicas. Autores ingleses e americanos denominam estes espaços onde a indústria recua de *wasterlands* ou *brownfields*. Nós denominaremos o fragmento objeto deste estudo de um **espaço de desindustrialização**.

²¹ BRUYELLE, Pierre. Les friches industrielles. In: Revue Belge de Geographie, 116ème année, 1992, Fascicules 1 à 4, p.113.

Ainda para ele, enquanto nas *friches* agrícolas a terra parece estar em repouso, as *friches* industriais “desvalorizam seu ambiente imediato e deterioram a imagem (...) do bairro e da região. Elas provocam cortes na urbanização e favorecem os despejos clandestinos, a violência, a insegurança, etc.”²².

Dessa forma, estes espaços degradados se tornam focos de problemas urbanos, passando a ser objeto privilegiado da atenção dos planejadores para as estratégias de reutilização. As *friches* seriam, com isso, um momento intermediário entre os diferentes usos do solo, se a reutilização se efetivar. No entanto em muitos locais, o refluxo industrial é de tal intensidade que as possibilidades de reutilização de *friches* é menor que a sua produção. Cada tipo de *friche* pode determinar sua reutilização – prédios, galpões, terrenos, etc., assim como as condições em que estão inseridas – a intensidade da pressão fundiária dentro das cidades. Mas cada *friche* deve ser entendida no seu caso específico – o custo de reutilização, a demanda local, tamanho do terreno, localização. Para Bruyelle, apesar delas se tornarem espaços problema dentro das cidades, elas oferecem ainda “possibilidades urbanísticas permitindo um rearranjo do espaço, para um melhoramento da qualidade e do quadro de vida, para reinjetar o habitat e a população”²³.

Desta afirmação um tanto quanto a-crítica, apesar de se tratar de observação referente a um espaço diferente do nosso objeto de estudo, podemos observar algo central neste trabalho, que é a produção ideológica da consciência dos processos em curso. Há um processo real, concreto, espacial, e há um outro processo, também real, que é aquele da apreensão, através da consciência, deste processo. Aqui, ressaltamos que o processo não apresenta essa positividade exagerada. Na verdade, ele evidencia e reproduz conflitos presentes na sociedade. Entre nós, a requalificação dos espaços industriais está colocada entre as estratégias da técnico-burocracia empresarial e estatal de possibilitar novas frentes de ganhos para os grandes capitais. É preciso avançar no que diz respeito aos conteúdos desse processo. Percebemos que Bruyelle faz uma descrição minuciosa tanto do conceito de desindustrialização quanto de algumas de suas implicações, mas permanece no âmbito de uma explicação “neutra”, identificando os agentes, mas não avançando no sentido de apreender os desdobramentos para o

²² Idem, p.115.

²³ Idem, p.116.

conjunto da sociedade. Ou seja, não chega às implicações sócioespaciais, permanecendo nas implicações espaciais no âmbito da paisagem.

Entre os autores brasileiros, a reflexão se volta mais para o exame da desindustrialização na Região Metropolitana de São Paulo, onde algumas áreas, de diferentes momentos de industrialização, passaram e passam pelo processo de saída ou fechamento de indústrias.

A abordagem geográfica do conceito de desindustrialização o distingue de desconcentração industrial e de descentralização industrial, processos que muitas vezes são tomados por sinônimos provocando indefinições para o entendimento da problemática²⁴. Para Ramos, os três processos, apesar de muito ligados, são distintos, devendo ser abordados de acordo com as escalas espaciais em que ocorrem. Para ele, apoiando-se sobretudo em Guglielmo²⁵, a desindustrialização diz respeito ao recuo industrial em determinadas áreas no interior da metrópole, o que nos impede de dizer que a metrópole como um todo se desindustrializa.

Dessa forma, o que estaria ocorrendo na metrópole, considerada em sua totalidade, até o presente momento, seria um processo de desconcentração industrial em relação ao resto do país e a outras áreas do estado de São Paulo, uma vez que o processo de concentração tem-se revertido, a partir da década de 1970²⁶.

A desconcentração estaria ligada, portanto, a um espaço maior (relação da metrópole com o interior do estado de São Paulo e com o resto do país). Neste processo de desconcentração industrial, verifica-se que, na maioria das vezes, o que se desconcentra é o setor produtivo das empresas, não se verificando a descentralização industrial, pois os setores de gestão se localizam cada vez mais na metrópole. Aqui apoiando-se sobretudo em Lencioni, este autor conclui que

o processo de desconcentração distingue-se do de descentralização pelo fato de que este último implica não só numa redistribuição espacial dos estabelecimentos industriais no interior de uma região, mas também das empresas como um todo e das atividades econômicas a que elas estão direta ou indiretamente ligadas²⁷.

²⁴ RAMOS, Aluísio. Desindustrialização na Metrópole Paulistana – O Caso da Água Branca. In: Geousp, nº10, DG-FFLCH-USP, dezembro de 2001, p.92.

²⁵ GUGLIELMO, Raymond. Desindustrialization et Evolution de L'Emploi à Saint Denis. Paris, mimeo., s/d.

²⁶ RAMOS, Aluísio, op. cit., p.93.

²⁷ Idem, p.94.

Nesta abordagem, portanto, *“o processo de desindustrialização ocorre na metrópole de maneira fragmentada no espaço e caracterizando mudanças significativas em determinados bairros, especialmente no município de São Paulo”*²⁸.

Para Lencioni, a desconcentração industrial configura uma reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo, produzindo uma região metropolitana desconcentrada, que se espalha principalmente no entorno dos grandes eixos rodoviários, num raio de 150 Km a partir da capital. Segundo esta autora, *“se a concentração das atividades econômicas, sobretudo a concentração industrial, é que estruturou o aglomerado metropolitano, hoje é a dispersão industrial o elemento fundamental na reestruturação da metrópole de São Paulo”*²⁹. Lencioni ressalta que concentração e centralização são processos distintos. Deve-se pensar na empresa industrial como um grupo econômico, que muitas vezes atua de maneira fragmentada em seus diversos setores. O desenvolvimento tecnológico na área das telecomunicações e informática permitiu a realização plena desta fragmentação no funcionamento da empresa. Assim, muitas empresas transferem seu setor produtivo para outros locais, mas mantêm na metrópole as atividades de gestão. Portanto, enquanto o processo produtivo se desconcentra, o capital se centraliza cada vez mais. Esta centralização da gestão produz inclusive novas centralidades de negócios na metrópole, localizando-se em algumas áreas e configurando pólos ligados aos serviços financeiros e administrativos (entre os quais se destaca cada vez mais o vetor sudoeste de São Paulo). Na empresa, há uma maior separação entre setores de gestão e de produção, mas também uma maior cooperação entre eles. Isto é central na reestruturação de São Paulo, de metrópole industrial para uma metrópole em que as atividades ligadas ao terciário moderno têm cada vez um papel mais forte, o que acentua a sua característica de comando da economia nacional e principal elo com a economia mundial.

Nesta perspectiva, não há uma desindustrialização de São Paulo, mas há um processo de reestruturação produtiva que promove transformações nos processos de produção internos às empresas, ocasionando uma queda no número de empregos, assim como um processo de transformação na dinâmica espacial dos ramos industriais, que

²⁸ Idem, p.94.

²⁹ LENCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (orgs). *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p.198.

leva a uma nova estruturação do espaço industrial³⁰. Se por um lado há uma relativa desconcentração industrial, por outro, há uma reconcentração na metrópole dos ramos industriais de alta tecnologia, pois aí estão as condições necessárias para a sua realização³¹. A infra-estrutura instalada em São Paulo, assim como a concentração de profissionais especializados que aí moram, entre outros fatores, permitem e incentivam a permanência destes ramos.

Ao mesmo tempo em que estes processos de reestruturação industrial modificam o espaço de São Paulo, eles respeitam uma lógica global, aquela dos fluxos mundiais de capital. As crises de acumulação se realizam em escala mundial, assim como as mudanças que o capitalismo empreende para solucioná-las. Torna-se imperioso discutir a desindustrialização tendo como perspectiva o fato de que o processo do capital é um processo crítico, o que quer dizer que é um processo que cria barreiras para sua própria reprodução, se reproduzindo através da criação de novas contradições, mobilizando todas as esferas da sociedade para a sua continuidade. É preciso entender a desindustrialização (articulada sempre aos processos de desconcentração e centralização) como uma evidência desse processo crítico, produtor também de uma urbanização crítica³². Harvey propõe caminhos interessantes neste sentido³³.

Muitos autores que refletiram sobre o modo de produção capitalista se colocaram a questão: se o processo é crítico, como ele se reproduz? Como ele supera as suas contradições internas? Harvey, nesse sentido, propõe uma “teoria da ordenação espacial”. Segundo ele *“Se se deve evitar a desvalorização, é imperativo descobrir maneiras lucrativas de absorver os excedentes de capital. A expansão geográfica e a reorganização espacial proporcionam tal opção”*³⁴. Mas mesmo essa expansão geográfica depende de um tempo para que estes capitais imobilizados se realizem. Nesta perspectiva, a produção do espaço e por consequência a produção de novas relações espaciais são fundamentais nos momentos de crise do capitalismo. Para Harvey, a lógica capitalista do imperialismo busca *“‘ordenações espaço-temporais’ para o problema do*

³⁰ TUNES, Regina Helena. *Da Desconcentração à Reconcentração Industrial: A análise da relação entre a dinâmica do espaço e a dinâmica dos ramos industriais no Município de São Paulo no final do século XX*. Dissertação de Mestrado, DG-FFLCH-USP, 2004.

³¹ Idem. Entre esses ramos, notamos que o farmacêutico instalado na região de Santo Amaro continua aí estabelecido.

³² Conceito desenvolvido por DAMIANI, Amélia. Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Geografias da Metrópole*. São Paulo: Contexto, 2004.

³³ HARVEY, David. A Opressão Via Capital. In: *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

³⁴ Idem, p.78.

capital excedente”³⁵. Para ele, o desenvolvimento do capitalismo configura uma geografia histórica peculiar, o que revela o quanto a dimensão espacial é central no capitalismo.

Caminhando nesse sentido, Harvey faz uma crítica à teoria clássica da localização, que colocava o espaço sempre em equilíbrio. Para ele, a tendência da acumulação para a expansão contínua promove não o equilíbrio, mas a instabilidade constante, pois “*a paisagem geográfica da produção, da troca, da distribuição e do consumo capitalistas nunca está em equilíbrio*”³⁶. A localização espacial, no capitalismo, sempre busca uma vantagem monopolista, mas é um processo que, ao longo da história, foi continuamente transformado pela evolução dos transportes. O desenvolvimento dos transportes tem um papel central no capitalismo, pois representa a destruição de barreiras espaciais (distâncias) para a circulação (compressão espaço-tempo), o que promove uma transformação contínua na paisagem geográfica do capitalismo. O capital, essencialmente circulante, necessita portanto, para se reproduzir, de estruturas físicas que lhe garantam a fluidez espacial, como sistemas de transporte e de comunicações eficientes, assim como infra-estruturas gerais. Ou seja, a fluidez é garantida por equipamentos físicos de uma certa magnitude, que necessitam de um tempo para realizar o capital imobilizado. Esta infra-estrutura pode se tornar, portanto, barreira para a realocação das atividades econômicas. Isto pode provocar o que Harvey chama de inércia geográfica, produzindo regiões deprimidas e a desvalorização. Assim, ainda de acordo com ele,

a paisagem geográfica da atividade capitalista está eivada de contradições e tensões e (...) é perpetuamente instável diante de todos os tipos de pressões técnicas e econômicas que sobre ela incidem. As tensões entre competição e monopólio, concentração e dispersão, centralização e descentralização, fixidez e movimento, dinamismo e inércia, entre diferentes escalas de atividade – todas essas tensões advêm dos processos moleculares de acumulação interminável do capital no espaço e no tempo³⁷.

Mais adiante, ele acrescenta:

o efeito agregado é (...) que o capital busca perpetuamente criar uma paisagem geográfica para facilitar suas atividades num dado ponto do tempo simplesmente para ter de destruí-la e construir uma paisagem totalmente diferente num ponto ulterior do tempo a fim adaptar sua sede perpétua de acumulação interminável do capital. Esta é a história da destruição criativa

³⁵ Idem, p.78.

³⁶ Idem, p.84.

³⁷ Idem, p.87.

inscrita na paisagem da geografia histórica completa da acumulação do capital³⁸.

Assim, temos que nessa acumulação contínua do capital, a desvalorização de ativos é, contraditoriamente, um momento necessário para o “*estabelecimento de novas bases para a acumulação do capital*”³⁹.

Nas áreas de desindustrialização fica evidente a deterioração e a desvalorização provocadas pela saída de capitais. Mas ao mesmo tempo, em uma cidade densificada como São Paulo, determinadas áreas que sofrem o recuo da indústria (aquelas com uma localização privilegiada no contexto da metrópole), podem se tornar (e gradativamente estão se tornando) um espaço para novos processos de acumulação⁴⁰.

b) As condições da constituição de um fragmento da metrópole

A noção de fragmento só tem sentido se pensada no conjunto da produção da metrópole como um todo, em seu processo histórico de formação.

Monbeig descreve, no seu estudo clássico sobre o Crescimento da Cidade de São Paulo como, já na primeira metade do século XX, a cidade se expandia em diversas direções, acompanhando linhas de bonde, estradas de ferro ou estradas de rodagem, incorporando ao seu tecido urbano antigos núcleos urbanos que lhe eram periféricos. Entre os fatores desse crescimento e do surgimento da metrópole elenca-se em primeiro plano o desenvolvimento industrial, que promoveu não só uma expansão espacial da cidade, mas também produziu novas relações⁴¹. De uma cidade de fazendeiros, São Paulo vai se constituindo em uma metrópole industrial, com novas profissões e novas necessidades essencialmente urbanas. O ritmo acelerado de crescimento da cidade, induzido pela industrialização, se verifica desde o final do século XIX. A partir da década de 1950, constata-se um grande afluxo de migrantes nacionais para a metrópole de São Paulo, vinculado à expansão industrial que marcou este período, que perde força em meados da década de 1980, em decorrência da crise mundial que já indicava as reestruturações nos sistemas de acumulação.

³⁸ Idem, p.88.

³⁹ Idem, p.98.

⁴⁰ Esse comportamento fica claro também na pesquisa de Raymond Guglielmo sobre áreas de desindustrialização ao norte de Paris, na qual ele mostra que, com a desindustrialização, algumas áreas passam a desenvolver atividades do terciário moderno. GUGLIELMO, Raymond, op. cit..

⁴¹ MONBEIG, Pierre. Crescimento da Cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Globo, 2004. A edição original em francês deste trabalho de Monbeig é de 1953.

A urbanização de São Paulo foi, portanto, fortemente induzida por sua industrialização. Hoje, os novos processos que se espacializam na metrópole superam a realidade industrial passam a produzir novos conteúdos em sua urbanização, movimento central no entendimento da realidade atual, uma vez que se trata de uma transformação qualitativa da metrópole, que evidencia um novo momento da produção do urbano.

Os contornos da temática se assentam na transformação de São Paulo, de metrópole industrial para metrópole dos serviços modernos, com todas as contradições que as condições de país subdesenvolvido comportam. Em um de seus livros, Milton Santos define bem a cidade:

Metrópole de um país subdesenvolvido industrializado, São Paulo é, certamente, o melhor exemplo, no Terceiro Mundo, de uma situação de modernidade incompleta. Nela se justapõem e se superpõem traços de opulência, devidos à pujança da vida econômica e suas expressões materiais, e sinais de desfalecimento, graças ao atraso das estruturas sociais e políticas. Tudo o que há de mais moderno pode aí ser encontrado, ao lado das carências mais gritantes⁴².

Mais adiante, diz ele:

Nenhuma outra área, no Terceiro Mundo, foi assim aberta às mudanças, nenhuma foi capaz de, tão rapidamente, adaptar-se em suas infra-estruturas e no seu comportamento econômico, às condições exigidas para o aumento de eficiência e da rentabilidade⁴³.

Com a industrialização e o decorrente crescimento econômico que a inseriram nos setores dinâmicos da economia capitalista, São Paulo constituiu-se como uma situação propícia à mudança contínua, que permanece em sua história atual. Esse desenvolvimento essencialmente contraditório de São Paulo também é ressaltado por Lúcio Kowarick e Milton Campanário (1994):

É amplamente conhecida a importância da região metropolitana de São Paulo como um dos principais pólos industriais do mundo subdesenvolvido. Aí instalou-se uma enorme e complexa engrenagem produtiva que dita o ritmo da acumulação de capital no Brasil e constitui-se no seu elo de ligação com o mercado internacional. Também é conhecido que este crescimento industrial esteve assentado, até o final dos anos 70, no processo substitutivo de importações. Alguns atributos básicos estão associados a esse processo no Brasil: baixa qualificação da mão-de-obra, grande heterogeneidade tecnológica, gerencial e financeira e forte protecionismo externo e intervencionismo interno do Estado. A consequência básica desse modelo é o padrão precário de competitividade, em preço e qualidade, dos bens e serviços produzidos. A

⁴² SANTOS, Milton. *Metrópole Corporativa Fragmentada. O Caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990, p.13.

⁴³ Idem..

metrópole paulista é a perfeita personificação desse estilo de capitalismo que podemos designar como subdesenvolvimento industrializado⁴⁴.

Evidentemente, o processo de “superação” da realidade industrial em São Paulo tem por pressuposto essa condição de subdesenvolvimento industrializado, carregando e reproduzindo as contradições dessa condição.

O caso de Santo Amaro, por sua parte, é peculiar no contexto da urbanização paulistana, apresentando um processo de industrialização mais recente (a partir da década de 1950) em relação aos antigos bairros e subúrbios industriais e passando, portanto, por um processo de desindustrialização que se instalou, praticamente, imediatamente após a sua consolidação como espaço industrial da metrópole.

É evidente, na paisagem de Santo Amaro, uma extensa área de ocupação industrial próxima à Marginal do Rio Pinheiros onde predominam amplos edifícios fabris, muitos deles ocupados, hoje, com outras atividades (armazéns, universidade, igreja, etc.). Há, portanto, uma perda de indústrias (unidades produtivas) e de pessoal ocupado na indústria.

Estas transformações que verificamos em Santo Amaro, evidenciam de certo modo as transformações nas atividades econômicas pelas quais a cidade de São Paulo atravessa. Como já apontamos, estamos diante da passagem da primazia do capital industrial, que ditou a acumulação na cidade de São Paulo, para a primazia do capital financeiro, que passa a imprimir transformações profundas na reprodução da metrópole⁴⁵.

Nesse processo, a passagem de uma economia baseada na produção industrial para uma baseada nos serviços já se indicava mesmo antes de completado o ciclo de expansão industrial⁴⁶. Esta passagem, entendida como um desenvolvimento mais ou menos natural do ponto de vista econômico, quando vista sob o ponto de vista do social, revela persistências e rupturas e a reprodução das contradições inerentes ao modo de produção capitalista. O setor dinâmico da economia atual – os serviços – induzido em parte pela ampliação do domínio do capital financeiro, produz em pontos da metrópole a sua paisagem característica, que se revela como signos do moderno. Se a década de

⁴⁴ KOWARICK, Lúcio e CAMPANÁRIO, Milton. São Paulo, metrópole do subdesenvolvimento industrializado: do milagre à crise econômica. In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade. São Paulo: Passado e Presente*. São Paulo: Paz e Terra/UNRISD, 1994, 2ª Ed., p.53.

⁴⁵ CARLOS, Ana Fani Alessandri. Op. Cit.

⁴⁶ SINGER, Paul. Os últimos 40 dos 450 anos de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). *História Econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Globo, 2004; DEDECCA, Cláudio. O Trabalho na Metrópole. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). *História Econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

1950 se mostra como uma transformação no conjunto das relações introduzidas pela grande indústria, sobretudo com a imposição de uma nova divisão do trabalho, o pós-década de 1990 também revela uma transformação qualitativa que aprofunda em muitos aspectos aquela imposta pela industrialização maciça, agora sob o domínio do capital financeiro.

c) Condições da Industrialização na década de 1950

O Brasil já vinha, desde a década de 1930, desenvolvendo políticas governamentais de incentivo à industrialização, no entanto é a década de 1950 que aflora neste contexto como o principal período de efetivação do planejamento estatal, quando foi implementado o Plano de Metas do Governo Juscelino Kubitschek, em que, segundo Ianni, há uma “*reelaboração das relações entre o Estado e a Economia*”⁴⁷ no país, promovendo um desenvolvimento econômico dependente ou associado, num contexto de convergência entre as aspirações nacionais e os interesses internacionais. Foi um momento em que já havia condições na sociedade brasileira para a realização de um planejamento abrangente, pois ela já vinha experimentando este tipo de ação governamental com o discurso da aliança entre o planejamento e o desenvolvimento econômico que gradativamente vai sendo encampado pela opinião pública. O Plano de Metas representou também uma aliança estratégica com os Estados Unidos, principal potência capitalista, definindo as possibilidades do Brasil como um subsistema do capitalismo mundial.

Segundo Ianni,

Dentre os seus objetivos mais gerais [do Plano de Metas], destacam-se os seguintes: a) abolir os pontos de estrangulamento da economia, por meio de investimentos infra-estruturais, a cargo do Estado, pois esses investimentos não atrairiam o setor privado; b) expandir a indústria de base, como a automobilística, indústria pesada e de material elétrico pesado, estimulando investimentos privados nacionais e estrangeiros. A ação governamental, em seu conjunto, deveria criar melhores condições econômicas, financeiras, sociais e políticas para o florescimento da livre iniciativa. Um dos alvos centrais do Programa era atrair o interesse de empresários estrangeiros, com seu capital e sua tecnologia. Além deste objetivo, pretendia-se estimular a poupança nacional e incentivar a modernização do sistema produtivo⁴⁸.

⁴⁷ IANNI, Octávio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, 4ª ed., p.158-159.

⁴⁸ Idem, p.163.

Buscava-se a criação de um ambiente favorável para os investimentos estrangeiros, que além de capitais, trariam também novas tecnologias, o que foi explicitado claramente em pronunciamento do próprio Presidente da República:

Ainda no que toca à política geral, outra medida a que o governo atribui grande importância refere-se à atração dos empresários estrangeiros que, com a sua técnica e o seu capital, poderão prestar valiosa ajuda na construção do nosso parque industrial. São condições essenciais de uma política de estímulo ao capital estrangeiro a estabilidade política, cambial e monetária⁴⁹.

Entre os setores privilegiados da industrialização, a indústria automobilística foi a que deu maior visibilidade às ações do Governo no sentido da transformação produtiva no país, evidenciando um crescimento industrial acelerado.

Durante os anos de execução das metas do programa governamental, criaram-se setores industriais novos e expandiram-se e modernizaram-se outros mais, nas áreas de energia, transportes, alimentação e indústria de base. Isto é, eliminaram-se pontos de estrangulamento da Economia, além do desenvolvimento acelerado e relativamente integrado do conjunto do setor industrial⁵⁰.

Sistematizando os principais encaminhamentos do Plano de Metas, tínhamos que os seus objetivos principais eram:

- eliminar pontos de estrangulamento da economia;
- incentivo à indústria de base;
- diversificação industrial;
- criação de infra-estruturas;
- incentivo ao capital e tecnologia estrangeiros para investimentos no país;

Com isso, o Plano de Metas representou uma ampliação do Brasil como um subsistema capitalista e reelaborou os termos de sua dependência com as potências mundiais, implicando num fortalecimento da articulação entre o setor privado nacional ligado ao setor privado internacional.

Neste momento, do ponto de vista do executivo, a industrialização confundia-se com desenvolvimento, pois propiciaria a expansão econômica, a modernização da produção, criaria empregos, absorveria os excedentes de mão-de-obra da agricultura (que, também modernizada, liberaria mão-de-obra).

Assim, as condições objetivas da industrialização mais intensiva ocorrida a partir da década de 1950 no Brasil têm suas bases no redirecionamento e aprofundamento da

⁴⁹ Juscelino Kubitschek de Oliveira, Mensagem ao Congresso Nacional, Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1957, pp. 246-47, citado por Ianni, op. cit.

⁵⁰ Ianni, op. cit., p.166.

relação Estado e Economia. Ainda neste sentido, neste contexto desenvolvimentista do Governo Kubitschek houve a preocupação com os desequilíbrios regionais, manifestada com a criação das superintendências de desenvolvimento regionais. No entanto, a industrialização que se deu nesse momento privilegiou as áreas mais urbanizadas, onde as condições para a sua instalação fossem mais favoráveis, ou seja, o centro-sul e notavelmente o eixo Rio-São Paulo, inclusive densificando áreas já industrializadas anteriormente. É nesse momento que se intensifica a industrialização do ABC paulista, aliado à indústria petroquímica da Baixada Santista; é também aí que novas áreas da cidade de São Paulo passam a ser ocupadas por grandes indústrias – sobretudo áreas localizadas nas várzeas do Rio Tietê e do Rio Pinheiros⁵¹. A várzea do Rio Tietê, praticamente em toda a sua extensão, de Osasco a Guarulhos, cortando o município de São Paulo, foi ocupada por galpões industriais ou galpões de atividades de suporte à atividade industrial, sobretudo o setor de estocagem, distribuição e transporte. A várzea do Rio Pinheiros, foi ocupada em sua maior parte por loteamentos residenciais, mas duas áreas em seu percurso se destacam no conjunto da indústria paulistana a partir da década de 1950: Jaguaré e Vila Leopoldina, ao norte, e Santo Amaro ao sul.

d) O Fragmento

Na reflexão sobre o espaço industrial, a noção de fragmento da metrópole toma força pois se nota que ali não se desenvolveram elementos qualitativos que caracterizassem um bairro⁵². Em São Paulo, a industrialização, principalmente em suas fases mais antigas, foi um fator central de estruturação de bairros. Já a industrialização ocorrida a partir da década de 1950, como no caso em estudo, teria constituído fragmentos. Assim, considerando-se o estágio da industrialização e da urbanização em São Paulo, parece pertinente a hipótese formulada de que o espaço em estudo, ao se constituir enquanto espaço industrial, já configura um fragmento da metrópole.

No sentido de entendermos a produção deste fragmento para delinear melhor esta nossa hipótese, faremos um breve recuo histórico.

Até serem incorporadas à mancha urbana de São Paulo, as terras onde se constituiu o fragmento faziam parte da várzea do Rio Pinheiros, na zona rural de Santo

⁵¹ É interessante lembrar que nesse momento passava-se a privilegiar o assentamento industrial no entorno às vias rodoviárias rápidas próximas aos grandes centros urbanos.

⁵² LEFEBVRE, Henri. Quartier et Vie de Quartier. In: *Du Rural à l'Urbain*. Paris: Anthropos, 1977; e SEABRA, Odette. *Urbanização e Fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre Docência, DG-FFLCH-USP, 2003.

Amaro, que até 1935 foi município autônomo e a partir de então se tornou distrito de São Paulo.

No começo do século XX, viviam no município de Santo Amaro, principalmente, caipiras estabelecidos ali há muito tempo e descendentes da colônia alemã instalada no início do século XIX. Em 1907 foi construída a represa de Guarapiranga, para garantir a vazão dos Rios Pinheiros e Tietê e assegurar a produção de energia na Usina de Parnaíba em todas as épocas do ano⁵³. Em 1924, novamente para suprir as necessidades energéticas de São Paulo, foi construída a represa Billings⁵⁴. Estes empreendimentos vinham se juntar ao bonde de Santo Amaro (inaugurado em 1889 movido a vapor e substituído no começo do século XX, pela Light, por um elétrico), que ligava Santo Amaro à cidade de São Paulo, consolidando Santo Amaro como subúrbio de veraneio para os moradores de São Paulo, como afirma Langenbuch⁵⁵. Entre 1915-1940, “*Santo Amaro foi o município mais abrangido pelo ‘cinturão de loteamentos residenciais suburbanos’*”⁵⁶, pois, o desenvolvimento das vias e dos meios de transporte entre Santo Amaro e São Paulo (a partir de 1933 passou a contar com estrada asfaltada neste percurso) permitiu o deslocamento diário entre a moradia no subúrbio e o trabalho na capital. Petrone também destaca essa consolidação de Santo Amaro como local de residência a partir do desenvolvimento dos transportes para aquela região⁵⁷. Esta consolidação, como estes autores salientam, refere-se inicialmente, preponderantemente, às áreas servidas pelos meios de transporte mencionados (inicialmente os bondes e posteriormente os ônibus e automóveis).

O mapa da várzea do Rio Pinheiros elaborado pela Light em 1935 permite pensarmos com mais cuidado a área da várzea no momento imediatamente anterior à retificação do rio. Ou seja, contribui para a compreensão da formação do fragmento, inserido, já nesse momento (1935), no movimento de transformação de São Paulo.

Em 1935, a várzea do Rio Pinheiros era ocupada principalmente por usos rurais. Em diversos pontos, como podemos visualizar no mapa 2⁵⁸, havia loteamentos, porém

⁵³ BERARDI, Maria Helena Petrillo. *História dos Bairros de São Paulo – Santo Amaro*. São Paulo: Prefeitura Municipal / Secretaria de Educação e Cultura / Departamento de Cultura, 1981.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ LANGENBUCH, Jurgen Richard. *A Estruturação de Grande São Paulo. Estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: IBGE, 1971.

⁵⁶ Idem, p. 138.

⁵⁷ PETRONE, Pasquale. A Cidade de São Paulo no século XX. In: *Revista de História*, vol. X, ano VI, São Paulo, 1955, p.132.

⁵⁸ LIGHT – Planta Geral Topográfica do Rio Pinheiros, Escala: 1:20.000, 11/10/1935.

muitos destes guardando o aspecto de conjuntos de chácaras. Sabemos também que o rio, estando um tanto quanto distante da mancha urbana de então, representava uma grande área de lazer, notavelmente na sua parte sul, onde se destacava a região de Santo Amaro, que já contava com a represa de Guarapiranga. Podemos observar que no local do atual fragmento objeto desta pesquisa, destacado no mapa, existe já um loteamento com cerca de vinte proprietários, contando entre eles não somente pessoas físicas, mas também uma grande empresa, a Companhia Antártica. É de se notar que entre os proprietários (do fragmento e do seu entorno) figuram nomes de famílias destacadas na elite da São Paulo de então: L. Queiroz, Dr. Jorge Street, Ramos de Azevedo. O fato de encontrarmos entre estes proprietários ao menos dois grandes industriais e uma grande indústria mostram que os negócios com a terra já eram atrativos para os investimentos do capital industrial.

O local do fragmento se localizava na antiga várzea do Rio Pinheiros, uma área muito recortada pelo curso meandrado do rio e que, portanto, foi muito modificada com a sua retificação e implantação das marginais. Podemos ver através do mapa que

Mapa 2
Projeto de retificação do Rio Pinheiros - Light 1935

aproximadamente a área de quatro quarteirões do loteamento existente em 1935 foram suprimidos com a retificação. Por outro lado, uma grande área que antes se situava na margem esquerda do rio (de propriedade de Gustavo Meissner) passou a ser contígua ao loteamento. Através dos mapas posteriores disponíveis⁵⁹, notamos alguma continuidade entre o loteamento de chácaras observado em 1935 e o loteamento industrial que já se verifica em 1962, embora haja uma maior divisão territorial (em quarteirões) e uma maior densificação de construções. Podemos afirmar que em um período de 30 anos houve uma urbanização efetiva deste espaço, ligando-o espacialmente tanto ao núcleo urbano de Santo Amaro, quanto à mancha urbana de São Paulo. Além da transformação na várzea do Rio Pinheiros, oferecendo maiores possibilidades técnicas e maiores espaços para a implantação urbana, a indústria foi certamente o principal fator para a constituição, ali, de um fragmento da metrópole.

A partir da década de 1950, com as condições propiciadas pelo poder público em suas várias esferas, articulado à empresa Light e com a implementação do Plano de Metas, retificada e drenada a várzea do Rio Pinheiros, Santo Amaro se torna um dos principais assentamentos industriais da cidade de São Paulo, intensificando sua urbanização.

Na verdade, em torno da cidade de São Paulo e no presente século, desenvolveram-se extraordinariamente alguns aglomerados urbanos, como Santo André, São Caetano do Sul, Santo Amaro e Osasco. Salvo Santo Amaro, cuja fundação remonta aos tempos coloniais, todos eles se formaram nos últimos 60 anos; mas até recentemente, permaneceram mais ou menos estagnados. Graças notadamente ao desenvolvimento industrial, tais núcleos puzeram-se a crescer nos últimos anos, em ritmo comparável ao da metrópole se bem que em menores proporções; suas áreas urbanizadas passaram a expandir-se em direção à cidade de São Paulo, ao mesmo tempo que esta avançava também na direção daquelas. Hoje [década de 1950], praticamente já se encontraram essas ‘frentes’ expansionistas; e tudo isso se deve notadamente às indústrias, instaladas simultaneamente tanto num como noutros⁶⁰.

Ao nos determos nessa antiga porção da antiga várzea do Pinheiros, verificamos que a retificação do rio foi um empreendimento fundamental para que ali se tornasse um assentamento industrial. Ou seja, a constituição deste novo espaço industrial deve ser entendido no movimento de incorporação das várzeas à metrópole, movimento que representa a transformação das várzeas em força produtiva. Segundo Seabra, “*as obras de retificação criaram as possibilidades para uma certa e relativa mobilidade de*

⁵⁹ GEGRAN (Emplasa) – Folha 3331, Escala: 1:10.000, 1974; e GEGRAN (Emplasa) – Folhas 333116, 333124 e 333121, Escala: 1:2.000, 1974.

⁶⁰ PETRONE, Pasquale. A Cidade de São Paulo no século XX. Op. Cit, p.132.

indústrias no espaço da cidade”⁶¹. Essa autora mostra como as várzeas se tornaram, inicialmente, recurso natural da sociedade, com a extração de areia e cascalho e posteriormente, com a retificação dos rios e drenagem dos terrenos, força produtiva da sociedade, pois passam a ter valor. O uso das várzeas passa a ser uma necessidade imposta pelo crescimento da cidade. A construção do sistema viário das marginais permitiu a instalação aí de grandes empreendimentos industriais, já que as atividades modernas passaram a considerar, como padrão de localização, não mais a proximidade às ferrovias, mas às estradas de rodagem próximas às cidades⁶². É nesse momento que identificamos a formação de nossa área de estudo enquanto área industrial que, apesar de voltada sobretudo para a instalação de indústrias, constitui-se também como lugar de moradia da classe operária.

Em meados do século XX, portanto, aceleravam-se as transformações na cidade de São Paulo, que se metropolizava com rapidez. O fragmento que destacamos, é objeto da implantação da grande indústria moderna a partir da década de 1950. Em poucos anos vê-se a passagem de uma paisagem de loteamentos semi-rurais, para uma paisagem urbano-industrial de grandes fábricas fordistas, casas operárias habitadas por migrantes de diferentes lugares do Brasil, movimento de entrada e saída de operários, ônibus, caminhões, etc..

e) O Espaço Industrial (de desindustrialização) em Questão (a Várzea de Baixo)

O espaço que elegemos como objeto de estudo é um conjunto de cerca de 20 quarteirões localizados entre as ruas Luís Melo, Laguna, a Avenida João Dias e a Marginal do Rio Pinheiros (no norte do distrito de Santo Amaro), composto por grandes galpões industriais conjugados a grupos de pequenas casas operárias. Segundo um morador que entrevistamos essa área chama-se Várzea de Baixo, nome que reflete a localização na área de várzea do Rio Pinheiros.

A intenção inicial da pesquisa era estudar o fenômeno da desindustrialização em Santo Amaro, onde a industrialização se desenvolveu a partir da década de 1950, com a instalação de indústrias com características fordistas, industrialização essa que teve seu auge na década de 1970. A desindustrialização nesta área se verifica já a partir do final da década de 1980, se acelerando na década de 1990 e continuando até hoje. É,

⁶¹ SEABRA, Odette. *Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder: Tietê e Pinheiros – valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Departamento de Geografia – FFLCH – USP, 1987, p.7.

⁶² Idem.

portanto, uma região peculiar no processo de industrialização/urbanização de São Paulo, pois se industrializa tardiamente, mas maciçamente e com grandes indústrias, tendo um período curto de dinamismo industrial. As indagações que fazíamos sobre as características da industrialização/urbanização e desindustrialização⁶³ em Santo Amaro e as suas implicações no espaço e na vida das pessoas nos levaram à escolha desta área específica.

À medida que fomos conhecendo melhor os espaços de desindustrialização em Santo Amaro, percebemos que há duas áreas distintas: uma abrange a área da Chácara Santo Antônio e o norte do distrito de Santo Amaro (o caso em estudo); outra é a área de Jurubatuba e Socorro, situada ao sul do centro de Santo Amaro, onde se deu a maior concentração de grandes indústrias nesta região. Em Jurubatuba, grandes e representativas indústrias como Caterpillar⁶⁴, Vilares, Metal Leve fecharam as portas e esses espaços industriais vão sendo ocupados por outras atividades (Shopping Sp Market, Templo do Terço Bizantino, Universidade Senac, etc.).

A nossa escolha recaiu sobre a área imediatamente ao norte do centro de Santo Amaro por percebemos que aí havia alguns indicativos que a apontavam como a fronteira sul do eixo de valorização Faria Lima - Berrini⁶⁵. Apesar de ainda predominar uma típica paisagem industrial, esta área chamou-nos a atenção por contar com novos equipamentos: a Casa de Shows Tom Brasil, originalmente localizada na Vila Olímpia e que migrou para lá; a Casa de Eventos Villa Noah Embratel; uma danceteria; bar e restaurantes de médio-alto padrão. Quando nos deparamos com as transformações em curso na Chácara Santo Antônio⁶⁶, elo de ligação entre o fragmento e a Berrini e com algumas informações sobre a valorização e as estratégias de valorização da área, passamos a compreender que o processo naquele fragmento avançava para além da “deterioração” e desvalorização provocadas pela saída das indústrias. Tratava-se de uma nova integração à metrópole, com a desindustrialização propiciando uma grande oferta de terrenos para a ação do mercado imobiliário, tanto para o segmento de escritórios, como para o segmento residencial⁶⁷ e o do setor de entretenimento e eventos.

⁶³ Entendemos que o estudo da desindustrialização necessariamente retoma o processo de industrialização/urbanização.

⁶⁴ Em 1965, a Caterpillar incluía-se, quanto ao pessoal ocupado, na classe – 500 a 999 pessoas ocupadas (Cadastro Industrial 1965 – IBGE). Ver nota 77, a seguir.

⁶⁵ Em Jurubatuba alguns elementos também indicam a transformação em direção ao setor comercial e de serviços, porém o fator localização aqui se torna preponderante.

⁶⁶ Através de nosso contato com a Associação dos Empresários da Chácara Santo Antônio.

⁶⁷ Estamos constatando que no caso da Chácara Santo Antônio e sua extensão ao sul, em direção ao fragmento de estudo, os dois segmentos passam a atuar articulados, pois o setor de escritórios criaria a

Observamos que o movimento de expansão de novos empreendimentos tem se intensificado na área da Chácara Santo Antônio⁶⁸, extravasando para a área de desindustrialização em estudo. O que muitas vezes é designado como “Chácara Santo Antônio” ou “Granja Julieta” nos empreendimentos imobiliários, na verdade representa uma expansão de seus limites para fins de publicidade. Assim, a região da Chácara Santo Antônio torna-se local de atração de novos empreendimentos, pois passa a incorporar o espaço industrial em processo de desindustrialização, objeto de nossa pesquisa, que se localiza imediatamente ao sul.

Devemos ressaltar também que a produção do espaço se realiza em dois níveis, o do real e o das representações. Ao mesmo tempo em que ocorre uma valorização real produzida pelos novos empreendimentos, há um marketing que visa intensificar o processo de valorização em curso.

A Chácara Santo Antônio, como grande parte da região de Santo Amaro, foi inicialmente ocupada por pequenos sítios, transformando-se posteriormente em loteamento e lugar de lazer para os moradores de São Paulo. Com o desenvolvimento da urbanização, nas proximidades da marginal constituiu-se um grande parque industrial e nas partes mais altas consolidou-se uma grande área residencial. A partir do final da década de 1970 começaram a instalar-se na região da Rua Verbo Divino edifícios de escritórios, que já indicavam a extensão do eixo empresarial para essa região da cidade. Esta área de edifícios de escritórios se constituiu como um enclave entre a área residencial e a industrial. Hoje a Chácara Santo Antônio passa por transformações, em grande parte pela perspectiva de valorização impulsionada pelo desenvolvimento da área de valorização da Berrini.

Há, nesse sentido, um crescimento do setor imobiliário residencial, que passa a promover a verticalização numa área ainda muito horizontal. A mídia exerce um papel central na difusão de novas tendências de valorização imobiliária. Uma matéria do caderno Imóveis do jornal Folha de São Paulo⁶⁹ evidencia a tendência que o mercado imobiliário vai constituindo nesta região da metrópole, já que aí há uma grande disponibilidade de terrenos (produzida pela saída das indústrias) frente à sua raridade

demanda para o residencial, com um discurso publicitário que divulga a “qualidade de vida” do “morar perto do trabalho”.

⁶⁸ A entrevista que realizamos com um diretor da Aelcsa – Associação dos Empresários da Chácara Santo Antônio e região - foi bastante elucidativa para compreendermos algumas estratégias de valorização desta área.

⁶⁹ VALENTE, Edson, “Santo Amaro vira novo pólo de 4-quartos – Fábricas desativadas dão lugar a residenciais de classe média alta mais baratos do que os de Morumbi, Moema e Brooklin”, in: Caderno Imóveis - Folha de São Paulo, 16 de abril de 2006.

nas áreas mais centrais. O discurso que vai se estabelecendo é específico para um segmento da sociedade (classe média alta) que trabalha na região. É uma fatia que atualmente mora em regiões mais valorizadas (Moema, Morumbi, Campo Belo, Brooklin), e quer maiores espaços de moradia, mas não dispõe de recursos para comprar apartamentos nas regiões onde moram. Segundo a reportagem, “Santo Amaro vira pólo de 4-quartos”, o tamanho dos terrenos permite a construção de grandes empreendimentos residenciais, articulando, em alguns casos, o segmento residencial com o segmento comercial⁷⁰. Essa tendência começa a produzir a valorização deste espaço voltado para estes empreendimentos, como a própria reportagem revela:

O assédio de incorporadores tem feito subir o preço dos terrenos na região, o que deverá significar apartamentos mais caros no futuro. ‘O valor dos lotes dobrou de cinco anos para cá’, estima Luiz Paulo Pompéia, diretor da Embraesp. ‘Antes na faixa de R\$ 300 a R\$ 400 por metro quadrado, hoje chega a R\$ 1000’”.

A tendência divulgada nas reportagens é a de mudança de “vocaço” das reas industriais (bem localizadas) levada a cabo pelo setor imobilirio. Em outra reportagem, desta vez do jornal “O Estado de So Paulo”⁷¹, fica claro que a sada de indstrias representa uma possibilidade de expanso para o mercado imobilirio em So Paulo.

Com o espao que fica, o mercado imobilirio da capital ganha flego. Dez anos para c, os bairros que se desenvolveram pela vocao industrial comearam a mudar de perfil. ‘Terrenos nas zonas centrais esto se esgotando e o mercado busca grandes reas onde antes havia concentrao de indstrias como Brooklin, Santo Amaro, Chcara Santo Antnio e Vila Leopoldina’, afirma o diretor da Empresa Brasileira de Estudos do Patrimnio (Embraesp), Luiz Paulo Pompia.

Em outro momento esta reportagem alude paisagem que vai sendo criada com esse movimento:

Essa tendncia est mudando o cenrio de So Paulo. comum encontrar pela cidade grandes torres de condomnios residenciais de mdio e alto padres entre os galpes e armazns de fbricas desativadas. Alm de movimentar a indstria da construo, a mudana de vocao desses bairros impulsiona o desenvolvimento de reas antes consideradas subocupadas”.

⁷⁰ Da mesma matria: “Depois de lanar o Reserva Granja Julieta em 2005, em um lote de 26.000 m, a incorporadora Even adquiriu um outro terreno, de 40.000 m, na rua Lus Seraphico Jnior, de frente para a marginal Pinheiros. ‘Faremos um prdio comercial na frente e um residencial atrs’, revela Joo de Azevedo Silva, superintendente de incorporao da Even”.

⁷¹ GAMA, Renata e BARALDI, Paulo. “Indstrias saem e alteram perfil de bairros da capital. Mercado imobilirio ganha flego com prdios em reas industriais”. In: Caderno Economia, O Estado de So Paulo, 25 de junho de 2006. interessante notar que esta reportagem foi publicada junto a uma outra que mostrava a globalizao como um processo onde a metrpole se torna espao de estagnao econmica, com a imploso do modelo de industrializao concentrada.

Apesar de se falar, de um modo geral, em áreas industriais que modificam sua “vocação”, devemos salientar que se trata de áreas com localizações interessantes (estratégicas) para o mercado imobiliário.

Através destas matérias de jornais de grande circulação, fica evidente que, ao mesmo tempo em que há um movimento real de valorização sendo gestado na extensão do vetor sudoeste, pelos investimentos que passa a receber, há também uma tendência sendo forjada pelo setor imobiliário no sentido de constituir efetivamente essa região como uma área de valorização em São Paulo.

Dessa forma, considerando as implicações da desindustrialização, a Várzea de Baixo, fragmento localizado imediatamente ao sul da Chácara Santo Antônio, se apresenta com certa relevância para a estratégia espacial que vai se esboçando, no sentido de sua integração ao eixo sudoeste de São Paulo. Ao mesmo tempo em que vislumbramos esta tendência, observamos que o aspecto geral, a morfologia, como dissemos anteriormente, ainda é em grande parte, a de um espaço industrial, com muitos galpões industriais e casas operárias.

Quando passamos a realizar trabalhos de campo, nos deparamos com ruas largas, pouco movimento de pessoas nas ruas, alguns bares com pouco movimento, algum movimento de carros, caminhões e ônibus urbanos e vários galpões desocupados. Em alguns pontos há uma evidente degradação física, com galpões depredados e muita sujeira nas calçadas (vide fotos em anexo). O que chamou a atenção de imediato foi o número de galpões postos à venda num espaço pequeno de poucos quarteirões. Justamente quando iniciávamos nosso trabalho de campo, a maior das indústrias da área, a Bosch (antiga Wapsa), encerrava toda a sua atividade ali (transferindo-se para Campinas), colocando à venda um terreno de 47.000 m², além de um outro terreno em frente à portaria principal, onde funcionava o clube dos funcionários da empresa. Com a instalação do Tom Brasil, que mantém uma agenda de shows e eventos o ano todo, as noites (principalmente finais de semana) passaram a ser movimentadas, com as ruas no entorno ficando cheias de carros estacionados, além do movimento nos estacionamentos, que ocuparam grandes terrenos vagos. Notamos também a permanência de pequenas indústrias e algumas um pouco maiores, pulverizadas pela área. A visita a uma destas pequenas indústrias (fabricante de material elétrico) nos permitiu ver o quanto é profunda a reestruturação por que passa a indústria.

A desindustrialização, que traz a desvalorização do lugar, perpassa a vida das pessoas, na interação entre a ordem distante e a ordem próxima. A valorização,

continuando o processo e acrescentando elementos contraditórios a ele, impõe, sob certos aspectos, uma outra lógica, que aponta para o processo de superação das características industriais, e constrói uma representação que é reproduzida mesmo pelos pequenos proprietários de terrenos que esperam e fazem planos estratégicos vislumbrando a valorização de seus imóveis. A representação da valorização (em parte real, em parte virtual) é reproduzida, assim, não só pelos grandes investidores, cujos discursos e ações ajudam a constituir eixos de valorização, mas também por pequenos proprietários de áreas que tendencialmente possam vir a ser atingidas por esta valorização, tornando-se eles mesmos, investidores. É quando estes pequenos proprietários percebem que, investindo o montante que possivelmente conseguirão com a venda de seu terreno (quando este, em um prazo de aproximadamente cinco anos, estiver com boa cotação no mercado imobiliário) no mercado de capitais, terão maiores rendimentos do que teriam em qualquer atividade que possam desenvolver ali.

Por outro lado, para muitos, a valorização do espaço se apresenta em seu lado perverso e segregador, quando acarreta o aumento dos impostos territoriais urbanos, seguindo o processo do crescimento econômico da área, que desconsidera a vida dos antigos moradores. Mesmo porque os elementos que pesam sobre o lugar com a conformação de uma nova realidade trazem consigo um discurso dominante e “consensual” de inevitabilidade deste processo, como se ele fosse o desdobramento natural da “modernização” da metrópole.

Dados relativamente recentes das atividades econômicas e da população em Santo Amaro⁷² nos auxiliam a compreender o processo de transformação por que passa este distrito, acompanhando o movimento geral de transformação da metrópole como um todo:

- No período de 1996 a 2001, tivemos no Distrito de Santo Amaro⁷³ uma queda pronunciada da atividade industrial, tanto no que se refere ao número de estabelecimentos (-410), quanto ao pessoal ocupado (-20.879)⁷⁴.

- No que diz respeito aos serviços, verificamos que há um crescimento relativamente forte desta atividade no Distrito de Santo Amaro, com um aumento de

⁷² A Subprefeitura de Santo Amaro é composta pelos distritos de Santo Amaro, Campo Belo e Campo Grande. A Várzea de Baixo está situada no distrito de Santo Amaro.

⁷³ Consideramos aqui os dados do Distrito de Santo Amaro. Acreditamos que a Várzea de Baixo acompanhe a dinâmica evidenciada por esses dados apresentados.

⁷⁴ Os dados sobre indústria, comércio, serviços e população contidos neste tópico têm por fonte: Fundação Seade. Cadastros de empresas (Cempre/IBGE, Rais/MTb, Secretaria da Receita Federal, pesquisas econômicas Seade).

1.080 unidades locais e de um crescimento de 11.679 pessoas ocupadas no período de 1996 a 2001.

- No mesmo período, os dados do comércio apresentam uma ligeira diminuição de unidades locais (-101) e um ligeiro aumento em pessoal ocupado (+1.870), o que pode indicar um enfraquecimento de pequenos estabelecimentos e fortalecimento de grandes estabelecimentos.

- Também os dados sobre população nos ajudam a compreender a dinâmica atual do espaço em questão. No período de 1991 a 2004, a população do Distrito de Santo Amaro sofreu uma forte queda (-18.942 pessoas), com uma taxa de crescimento anual de -2,2%. No mesmo período, distritos da periferia da zona sul apresentaram taxas anuais positivas de crescimento populacional: Campo Limpo 1,8%, Capão Redondo 2,1%, Vila Andrade 5,5%, Parelheiros 6,2% e Grajaú 5,5%⁷⁵. O município de São Paulo apresentou uma taxa de crescimento anual de 0,8%. Ou seja, o crescimento populacional anual dos distritos da periferia sul acima citados é muito mais expressivo que o crescimento do município.

Neste contexto, é preciso salientar, que de um lado, há eliminação de emprego industrial, com a reestruturação produtiva e com a saída de indústrias e de outro há a criação de empregos nos setores de comércio e de serviços em quantidade inferior aos empregos eliminados no setor industrial. Com isso, há uma precarização forte da vida de uma ampla parcela da população, que antes vivia do emprego industrial.

Dados de um momento anterior da indústria nos ajudam a compreender o curto período de dinamismo industrial no fragmento da Várzea de Baixo. Os dados se referem ao ano de 1965⁷⁶ e o Cadastro consultado informa, para cada estabelecimento industrial, além do endereço, as classes de pessoal ocupado e de valor de vendas em que se incluem. Por razões de sigilo de informação, este Cadastro não divulga dados individualizados precisos dos estabelecimentos, recorrendo a classes⁷⁷. Esta limitação da informação foi "contornada" pelo cálculo da média para as classes de pessoal

⁷⁵ Em números absolutos, de 1996 a 2004 estes distritos tiveram o seguinte crescimento populacional: Campo Limpo (+40.921 pessoas), Capão Redondo (+60.967), Vila Andrade (+42.875), Parelheiros (+66.032) e Grajaú (+192.536).

⁷⁶ Cadastro Industrial 1965 - Estado de São Paulo - Município da Capital segundo Distritos. Volume VII, Tomo II. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, fevereiro de 1968.

⁷⁷ As classes de pessoal ocupado são: 1 a 4, 5 a 9, 10 a 19, 20 a 49, 50 a 99, 100 a 249, 250 a 499, 500 a 999, e 1000 e mais. As classes de valor de vendas são (em NCr\$ 1000): menos de 5, 5 a menos de 7, 7 a menos de 10, 10 a menos de 25, 25 a menos de 50, 50 a menos de 75, 75 a menos de 100, 100 a menos de 200, 200 a menos de 300, 300 a menos de 500, 500 a menos de 750, 750 a menos de 1.000, 1.000 a menos de 2.000, 2.000 a menos de 3.000, 3.000 a menos de 5.000, 5.000 a menos de 10.000, 10.000 e mais. Esses dados se referem a 31/12/1965.

ocupado e valor de vendas nas quais se incluíam o estabelecimento industrial. Este Cadastro traz a relação das indústrias da região expandida de Santo Amaro, englobando toda a zona sul-sudoeste do município de São Paulo, por ramos de indústria. A partir dele fizemos um levantamento das indústrias instaladas até aquele momento na Várzea de Baixo – no perímetro formado pela Rua Laguna, Marginal do Rio Pinheiros e Avenida João Dias, considerando também as indústrias situadas nos dois lados da Avenida João Dias em seu trecho entre a Marginal Pinheiros e a Rua Laguna. Para a elaboração deste levantamento consultamos um guia de ruas da cidade de São Paulo e três cartas da Emplasa – uma na escala 1:10.000 e duas na escala 1:2.000 (1974), o que permitiu cotejar os nomes das ruas, pois naquele espaço industrial muitas ruas mudaram de nome. Os procedimentos adotados visaram obter o quadro mais fiel possível das indústrias existentes, em meados da década de 1960, naquele espaço.

Contamos 55 indústrias, sendo 14 metalúrgicas; 10 de material elétrico e comunicações; 6 químicas; 5 mecânicas; 4 de mobiliário; 4 de material de transporte; 2 de produtos de matérias plásticas; 1 de papel e papelão; 1 têxtil; 1 de vestuário, calçados e artefatos de tecidos; 1 de produtos alimentares; 1 de minerais não metálicos; 1 de produtos de perfumaria, velas e sabões; 1 de produtos farmacêuticos e medicinais; e 3 consideradas como diversas.

As maiores empresas nesse momento, em número de pessoas ocupadas, se situavam no grupo de material elétrico e de comunicações. É neste grupo que estão as maiores empresas da área naquele momento: Wapsa Auto Peças S/A (1000 funcionários e mais) e Semp Rádio e Televisão S/A (500 a 999 funcionários).

A maior parte das indústrias desta área era voltada para a fabricação de produtos para outras indústrias, principalmente nos setores de metalurgia, de material elétrico e de telecomunicações, e mecânica, indicando o dinamismo que o processo de industrialização apresentava naquele momento, com uma diversificação dos ramos industriais.

É ainda um momento de implantação de indústrias nesta área, como pudemos constatar através do cotejamento das cartas da Emplasa que citamos anteriormente, embora a quantidade de indústrias já fosse considerável. Empresas que aparecem nas cartas (na escala de 1:2.000) de 1974 ainda não constam no Cadastro Industrial de 1965 do IBGE. Este fato corrobora a constatação de que este espaço teve um curto período de industrialização consolidada, pois o recuo industrial começa a ser notado já no final da década de 1980. De maneira geral, este levantamento das indústrias ali instaladas em

1965, permite vislumbrarmos este momento de constituição da Várzea de Baixo como um espaço industrial.

Mapas

Para uma melhor ilustração dos processos analisados, apresentamos a seguir alguns mapas elaborados na pesquisa e fotografias atuais do fragmento.

Mapa 3
Uso do Solo no Fragmento - 1974

Tipos de uso

- Indústria
- Residência e Pequeno Comércio
- Sem especificação de uso

Base Cartográfica: Gegrar (Emplasa) Folha 3331 - 1974.
Escala: 1:10000

Fontes: Gegrar (Emplasa) Folhas: 333116, 333124 e 333121 - Escala 1:2000.
IBGE - Cadastro Industrial - 1965 - Estado de São Paulo, município da capital
segundo distritos, volume VII, Tomo II, fevereiro de 1968.

Elaboração: GONÇALVES, A. F. e PADUA, R. F. (2007)

Mapa 4
Uso do Solo no Fragmento - 2007

Base Cartográfica: Gegrar (Emplasa) Folha 3331 - 1974.
 Escala: 1:10000
 Fontes: Trabalho de Campo; Imagens Google Earth.

Elaboração: GONÇALVES, A. F. e PADUA, R. F. (2007)

Mapa 3 e 4

Verificamos, através do mapa 2, um momento em que a indústria se consolidava no fragmento. Até a década de 1980 houve um adensamento industrial e, posteriormente, um declínio industrial pronunciado, que se acentuou a partir do final da década de 1990. A análise comparativa entre os mapas de uso do solo no fragmento na década de 1970 e o uso do solo hoje, nos permite tecer algumas considerações:

- é notável, quando observamos o uso do solo atual, o número de edifícios e terrenos industriais desocupados, alguns deles com grandes áreas (construídas e não construídas).
- uma tendência no processo de transformação é a concentração de novas atividades (mais dinâmicas) nas proximidades da Marginal do Rio Pinheiros. Os fatores localização e acesso, aliados à disponibilidade de grandes terrenos favorecem essa concentração. Nesse sentido, até mesmo empreendimentos residenciais de médio-alto padrão passam a ser construídos nas imediações da Marginal.

Mapa 5
Área de expressiva transformação no fragmento - 2007

- 1 - Casa de shows e eventos Tom Brasil
 - 2 - Casa de eventos Villa Noah
 - 3 - Casa de eventos/danceteria Espaço Nações Unidas
 - 4 - Concessionária de automóveis
 - 5 - Bar, restaurante, casa de eventos
 - 6 - Edifício da Bosch (desocupado)
 - 7 - Loja de móveis de luxo
- (E) - Estacionamento
(P) - Posto de gasolina

Tipos de uso

■ Indústria	■ Novas atividades comerciais e de serviços
■ Edificações industriais desocupadas	■ Bares
■ Residências	■ Edificações desocupadas

Base Cartográfica: Gegrar (Emplasa) Folhas 333116 e 333124 - 1974.

Escala: 1:2000

Fontes: Trabalho de Campo; Imagens Google Earth.

Elaboração: GONÇALVES, A. F. e PADUA, R. F. (2007)

Mapa 5

Neste mapa podemos visualizar, mais detalhadamente, o processo de transformação do fragmento:

- devemos ressaltar a concentração de novos empreendimentos em quadras próximas à Marginal do Rio Pinheiros. São empreendimentos instalados há poucos anos, propiciando uma radical mudança no movimento de pessoas, carros, etc., nesta área específica.
- podemos ver também a grande área composta por edifícios industriais desocupados e postos à venda.
- verifica-se a permanência de algumas indústrias, bastante esvaziadas de operários (devido ao processo de reestruturação produtiva).
- com a instalação de novos equipamentos de shows e eventos cria-se a necessidade de estacionamentos. Assim, grandes terrenos, um posto de gasolina e um edifício industrial desocupado são transformados em estacionamentos.
- há uma transformação da vizinhança das casas. Antes os vizinhos eram indústrias, hoje são grandes casas de shows e eventos, assim como edifícios desocupados cuja reutilização está indefinida.
- constata-se a permanência de pequenos bares tradicionais, que tiveram seu movimento amplamente diminuído com o declínio da indústria ali. Alguns deles (os mais próximos do Tom Brasil) tentam se adaptar ao novo movimento da rua criado por esta casa de shows.

Fotografias do Fragmento⁷⁸

Foto 1

Foto 2

⁷⁸ As fotografias são de autoria de Rafael Faleiros de Padua e Sávio Augusto Miele.

Foto 3

Fotos 1, 2 e 3

A permanência de indústrias no fragmento, como Giroflex, Devilbiss e Electro Plastic. A redução do número de operários, provocada pela reestruturação produtiva, aliada à crise vivida por muitas indústrias, faz com que, em muitos edifícios industriais haja um sub-aproveitamento do seu espaço físico.

Foto 4

Foto 5

Foto 6

Foto 7

Fotos 4, 5, 6 e 7

É muito comum no espaço de desindustrialização um número considerável de edifícios industriais desocupados postos à venda e/ou para aluguel. Na foto 4, temos dois destes (localizados na Rua Castro Verde), onde funcionava uma indústria metalúrgica média. No edifício da direita (pintado de vermelho) funcionou recentemente, por um curto período, uma danceteria que trouxe muita movimentação noturna, incomodando muito os moradores da vizinhança. Nas fotos 5, 6 e 7 temos as grandes dimensões (47.000m²) do edifício da Bosch, completamente desocupado desde o começo de 2006 e posto à venda.

Foto 8

Foto 9

Foto 10

Foto 11

Foto 12

Fotos 8, 9, 10, 11 e 12

Neste conjunto de fotografias podemos visualizar aspectos da degradação física no fragmento. Nota-se, na foto 9, exemplo da considerável degradação verificada na Rua Dr. Rubens Gomes Bueno, no trecho em frente à entrada principal da Bosch, onde há vários pequenos estabelecimentos fechados. Nesta foto (9), podemos ver dois antigos bares hoje fechados. Nas fotos 10, 11 e 12 temos, nesta mesma rua, também defronte ao portão principal da Bosch, uma vila de moradores demolida (onde morou na infância e adolescência um dos moradores entrevistados na pesquisa – Júlio). Nota-se nas fotos 10 e 11, que a frente da vila, voltada para a rua, era ocupada por pequenos comércios, cujas fachadas estão emparedadas. No espaço interno da vila (foto 12), hoje totalmente demolido, cresce o mato, na espera da valorização.

Foto 13

Foto 14

Foto 15

Fotos 13, 14 e 15

Com os novos usos (casas de shows e eventos, principalmente) que vão se constituindo neste espaço de desindustrialização, edificações industriais desocupadas, grandes terrenos e até posto de gasolina se tornam estacionamentos. Na foto 13, observa-se um edifício industrial desocupado, localizado bastante próximo ao Tom Brasil, que hoje é utilizado como estacionamento para o público desta casa de shows. Na foto 14, placa de entrada de um estacionamento localizado em frente à casa de eventos Villa Noah Embratel. Na foto 15, outro grande estacionamento, conveniado com os novos equipamentos de shows, entretenimento e eventos. Observa-se, no lado direito desta foto, um (precoce) edifício de escritórios.

Foto 16

Foto 17

Fotos 16 e 17

Concessionária de automóveis localizada em um antigo edifício industrial de uma indústria metalúrgica. Na foto 16 a frente da concessionária, voltada para a Marginal do Rio Pinheiros; na foto 17, a parte traseira do edifício, que preserva as características industriais.

Foto 18

Foto 19

Fotos 18 e 19

Fachada da casa de shows e eventos Tom Brasil, expressivo empreendimento inaugurado há 4 anos, que gradativamente se torna uma referência do lugar.

Foto 20

Foto 20

Na esteira da instalação do Tom Brasil, novos restaurantes e um novo bar (na esquina em frente à casa de shows), se instalaram em antigos edifícios industriais.

Foto 21

Foto 21

Fachada do Espaço Nações Unidas, a mais recente casa de eventos (funciona também como danceteria) instalada no fragmento.

Foto 22

Foto 23

Fotos 22 e 23

Espaço de Eventos Villa Noah Embratel, que ocupa o edifício onde funcionou uma tecelagem. Observa-se nesse caso que o aspecto exterior do edifício foi preservado, apesar do uso totalmente transformado.

Foto 24

Foto 25

Fotos 24 e 25

Aspecto dos pequenos conjuntos de casas operárias construídas entre os edifícios industriais (situados nas ruas Bragança Paulista e Castro Verde, respectivamente). Na foto 24 observa-se um conjunto de casas vizinho ao Tom Brasil. Ainda nesta fotografia, no intervalo entre os telhados (no meio do quarteirão), há a entrada de uma pequena vila de moradores (onde mora outro de nossos entrevistados – Sr. Edvaldo).

Fotos 26

Foto 27

Fotos 26 e 27

Verifica-se hoje em algumas ruas o intenso movimento de veículos, principalmente carros e vans. Na foto 27, observa-se o movimento de carros criado pela casa de shows Tom Brasil. Nas duas fotos visualizam-se, ao fundo, localizados do outro lado do Rio Pinheiros, os edifícios do empreendimento residencial de alto padrão Panamby.

Foto 28

Foto 28

Pequeno bar (próximo às novas casas de shows e eventos) que procura se adaptar ao ritmo das novas atividades instaladas no fragmento. Observa-se na vizinhança do bar residência disponível para aluguel.

Foto 29

Foto 29

Terreno onde será construído um grande condomínio residencial, com cinco torres e uma extensa área de lazer (um grande “novo produto imobiliário”, com quase 20.000m² de área). Também nesta foto, ao fundo, edifícios do empreendimento residencial de alto padrão Panamby.

Capítulo 2 - Os Discursos dos industriais, dos empresários da valorização e do Estado

O recuo relativo da atividade industrial, que desocupa grandes áreas, é um fato nas grandes cidades. Diferentes perspectivas lidam com este fato, motivadas por diferentes interesses. De um lado, percebemos discursos que são produzidos no sentido de se notar o aspecto catastrófico da desindustrialização no Brasil; por outro lado há discursos que visam a reestruturação dos espaços industriais na cidade, que é o discurso voltado para a valorização do espaço. Estes discursos, apesar de lidarem com pontas opostas de um mesmo processo, se relacionam entre si na medida em que se apresentam como discursos interpretativos de longo alcance no contexto social. Ganham visibilidade e se pretendem determinantes para as ações políticas, de um lado no sentido de incentivar a preservação e a importância do parque industrial brasileiro para o crescimento econômico do país, e de outro no sentido da reestruturação de espaços urbanos em direção às novas atividades econômicas modernas, no momento em que a indústria perde peso relativo no conjunto das atividades econômicas da metrópole.

Estas duas vertentes discursivas apontam para o mesmo problema, o do crescimento econômico. A crítica a esses discursos é necessária, pois eles representam a construção de ideologias, se tornando consensuais na sociedade, se concretizando como interpretações da realidade que se pretendem construtoras de mudanças possíveis. Trata-se de produção ideológica de classe, da classe dominante, que é acolhida pelo Estado como necessidade da sociedade como um todo.

Aqui procuraremos discutir discursos relacionados à desindustrialização ligados aos industriais (FIESP) e chancelados por eminentes economistas, o que os caracterizam como um “discurso oficial” sobre o fenômeno; posteriormente, através da análise de falas de representantes de associações patronais sobre a desindustrialização e à valorização dos espaços industriais em vias de desocupação (principalmente enfocados no espaço industrial nosso objeto de estudo), buscaremos mostrar como se difunde uma visão de cidade voltada cada vez mais para a produção da própria cidade como mercadoria. O Estado incorpora esse pensamento “único” voltado para a reprodução do capital e se coloca como mediador fundamental nesse processo. É preciso, nesse

sentido, evidenciar a necessidade da crítica à economia política do espaço, que inverte a perspectiva alardeada por esses agentes sociais hegemônicos⁷⁹.

a) A desindustrialização na ótica dos industriais⁸⁰

Ao entrarmos em contato com o debate desenvolvido por alguns economistas, notamos a preocupação com o que se denomina a “desindustrialização precoce”. É a desindustrialização como entrave para o desenvolvimento do país. Aí começa a se esboçar um conflito entre o capital industrial e o capital financeiro, sendo que o primeiro perde poder de influência junto ao poder público, ao mesmo tempo em que o segundo toma a dianteira como foco privilegiado das políticas econômicas.

Segundo o documento citado,

A desindustrialização precoce é a variante patológica da chamada ‘desindustrialização positiva’. Quando a industrialização completou com êxito o processo do desenvolvimento e elevou a renda per capita a nível elevado e auto-sustentado, o setor manufatureiro começa a declinar, em termos relativos, como proporção do produto e do emprego. Isso ocorre em contexto de crescimento rápido e pleno emprego, no momento em que se atinge renda per capita entre \$8,000 e \$9,000, medidos em preços constantes de 1986, correspondendo hoje a valores nominais bem mais altos. O fenômeno é patológico quando aparece em economias onde a renda per capita é menos da metade ou até um terço desse nível e em contexto de baixo crescimento e desemprego de massa. Nesse caso, o processo de industrialização abortou antes de dar nascimento a uma economia próspera de serviços, capaz de absorver a mão de obra desempregada pela indústria. É a ‘construção interrompida’ do título do livro de Celso Furtado⁸¹.

Fica claro aqui que nesta perspectiva o conceito de desindustrialização é tomado em escala nacional, em termos de uma análise macro-econômica do país, que não produziu em sua história econômica uma acumulação capaz de possibilitar um avanço importante das atividades de serviços que diminuísse os efeitos nocivos sobre o mercado de trabalho produzidos pela queda da atividade industrial. O Brasil se configurou, do ponto de vista industrial, como um país que alcançou um certo nível de industrialização, mas que não sustentou esta industrialização no sentido de acompanhar os avanços em produtividade. O Brasil, juntamente com a Argentina, tem sido um país,

⁷⁹ Chegamos à clareza da necessidade desta crítica ao tomarmos contato mais próximo com esses discursos em artigos de jornais e revistas de grande circulação; em material de apoio ao Seminário Internacional Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento, realizado pela FIESP, do qual participamos; e nas entrevistas que realizamos com representantes dos empresários, da Associação Comercial de São Paulo e da Subprefeitura de Santo Amaro.

⁸⁰ Neste tópico, tomamos por base documento oficial apresentado e debatido no seminário sobre desindustrialização promovido pela Fiesp em novembro de 2005.

⁸¹ RICÚPERO, Rubens. Desindustrialização Precoce: Futuro ou Presente do Brasil? In: Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento, FIESP, novembro de 2005.

Onde tem sido pobre o desempenho do investimento, a indústria vem perdendo importância relativa no emprego total e no valor adicionado, o crescimento da produtividade resultou mais da redução da mão de obra que da acumulação rápida e do progresso técnico, o upgrading industrial é ainda limitado e as exportações continuam dominadas por produtos primários e manufaturas de baixo valor agregado⁸².

Nestas análises macro-econômicas, enquanto se vê um dinamismo industrial na Ásia, na América Latina se encontra a estagnação. Entre os fatores desta estagnação estão: “*fraquezas estruturais*” da indústria na crise dos anos 80; abertura econômica em contexto de fragilidade macro-econômica; baixa produtividade; baixo investimento em pesquisa tecnológica; baixo investimento em educação (longo prazo). O investimento em Ciência e Tecnologia, fundamental para a formação de uma acumulação interna, foi ainda mais fragilizado com a internacionalização das empresas destes países (que intensificaram a adaptação de tecnologia em detrimento da criação de tecnologia), fato ocorrido em função das vendas de empresas nacionais e das privatizações. Resumindo: nesta perspectiva, a indústria latino-americana não se desenvolveu satisfatoriamente até que permitisse uma acumulação suficiente para que a desindustrialização fosse “natural”⁸³.

Alguns tipos de indústrias, sobretudo aqueles relacionados a linhas de montagem de equipamentos desenvolvidos alhures, sobreviveram na América Latina:

como é sabido, muitas das indústrias de ponta, responsáveis pelos produtos mais dinâmicos do comércio mundial – computadores, componentes eletrônicos, máquinas e equipamentos de escritório, química fina, fármacos – praticamente desapareceram do panorama produtivo da América Latina, salvo sob o aspecto de linhas de montagem. O que sobrou foi basicamente: a) indústrias de processamento de recursos naturais a fim de produzir commodities industriais, tais como papel, celulose, suco de laranja, farelos e óleos vegetais, ferro, aço, alumínio, metais, cimento; b) linhas de montagem de equipamento eletrônico, equipamentos de TV e vídeo, de telecomunicações como os telefones celulares; d) indústrias têxteis, de vestuário e calçados, crescentemente pressionadas pela concorrência chinesa; e) petroquímica em alguns países, graças à significativa proteção tarifária; f) indústria de automóveis e de equipamento de transporte, objeto de tratamento protetivo especial, às vezes no contexto de acordos subregionais como o Mercosul. Fora uma ou outra exceção, esses não são em geral os tipos de setores que desempenham papel decisivo para aumentar a competitividade internacional por meio da pesquisa e desenvolvimento de produtos e do progresso tecnológico⁸⁴.

⁸² Idem, p.3.

⁸³ Idem.

⁸⁴ Idem, p.7.

Nesta perspectiva, que descreve muito bem os mecanismos gerais da indústria na América Latina, se dá um peso muito grande às políticas econômicas internas dos países, para, a partir dessas constatações, cobrar políticas que possam de alguma forma reverter esse processo de desindustrialização, entendido como precoce e muito prejudicial. Há também aí uma crença no desenvolvimento capitalista como um processo evolutivo, em que a acumulação, que se realizaria sobretudo no setor industrial (produtivo), gerasse um desenvolvimento automático do país.

Um dos problemas que encontramos nesta perspectiva é que a desindustrialização, considerada unicamente no âmbito do macro-econômico, é tratada com alto grau de abstração. Trata-se da preocupação com a reprodução do capital industrial, que não chega às contradições inerentes à formação econômica e social capitalista. Nesta análise, que se revela como uma ideologia, o crescimento econômico é tratado como desenvolvimento social, o que mascara ideologicamente os processos concretos da realidade. A análise que fundamenta os argumentos dos industriais está baseada em uma concepção de mundo que busca, no interior da economia capitalista, as possibilidades de desenvolvimento. Ao mesmo tempo em que este discurso mostra que as dinâmicas capitalistas se realizam na escala mundial, o foco central se atém aos encaminhamentos nacionais dentro do contexto sistêmico internacional. A crise, nesse ponto de vista, não é sistêmica, inerente ao capitalismo, mas resulta das escolhas nacionais frente às opções postas no contexto do capitalismo internacional.

A análise econômica ligada à elite alia o desenvolvimento do país ao crescimento do setor produtivo, o que imporia ao setor público a obrigação de combater o que eles chamam de desindustrialização precoce.

um fenômeno de causas tão complexas e variadas como é a desindustrialização precoce só poderá ser combatido por terapêutica igualmente diversificada, que contenha ingredientes capazes de atacar as raízes macroeconômicas descritas acima, assim como os problemas de diferente natureza aqui exemplificados na área de ciência e tecnologia, de pesquisa e desenvolvimento de produtos, de inovação etc.⁸⁵.

Esses discursos, que tomam o caráter de “oficiais”⁸⁶, estão amplamente amparados na ideologia do produtivismo, que segundo Lefebvre, é “*uma teoria do crescimento ilimitado dentro do marco sócio-político do capitalismo, modelos de*

⁸⁵ RICÚPERO, Rubens, op. cit., p.9.

⁸⁶ Tomam o caráter de discursos “oficiais” porque entram no debate público respaldados por grandes instituições e figuras importantes no contexto político nacional.

crescimento adaptados ao capitalismo de Estado e à política das organizações nacionais (desde pouco: internacionais)”⁸⁷.

Diante desses discursos, notamos a necessidade de uma crítica à economia política que, ao ampliar o conceito de produção, permite aprofundar a compreensão da realidade social⁸⁸. Nas análises econômicas, o sentido da produção é aquele da produção de coisas. A economia política se torna cada vez mais uma ciência ligada à eficácia da produção das empresas, mas se revela uma ciência fragmentada (das coisas, dos objetos no espaço), que não leva em conta o sentido mais geral da produção. A sua crítica mostra os limites de suas interpretações, pois implode com o domínio estrito da produção das coisas, mostrando que as relações de produção tomam toda a sociedade. Assim, o conceito de produção, tomado em sentido amplo, se refere, na crítica à economia política, à produção de relações, à produção do mundo, enfim, à produção do próprio homem. A dimensão espacial, fundamental para a reprodução da vida social, ganha, através desta crítica um novo sentido, mostrando também a necessidade de avançar para uma crítica à economia política do espaço. A análise da produção do espaço passa então a representar um momento fundamental para o entendimento da sociedade moderna⁸⁹.

O fato é que estamos envolvidos por todos os lados pelo “pensamento econômico”, eivado de ideologias, o que nos aponta a necessidade de uma crítica possível⁹⁰ para que possamos entender melhor o que estamos tratando. Francisco de Oliveira⁹¹, mostra que, no desenvolvimento do capitalismo no Brasil em sua fase mais avançada, na passagem de uma sociedade agrário-exportadora para uma sociedade urbano-industrial (processo de acumulação pós 1930), o processo foi conduzido pelas necessidades da produção e da acumulação e não do consumo. Assim, a sociedade constituída é aquela que está atada a mecanismos da reprodução do capital, em

⁸⁷ LEFEBVRE, Henri. Las Instituciones de la Sociedad “Postecnológica”. In: *Espacio y Política.. El Derecho a la Ciudad II*. Barcelona: Ediciones Península, 1976, p.95.

⁸⁸ “A produção no sentido restrito, o dos economistas, designa a produção das coisas, os produtos trocados, as mercadorias; mas no sentido amplo, isto é, vindo da história e de sua confrontação com a filosofia, esse termo designa a gênese das relações sociais e políticas, do conhecimento, das obras diversas, das instituições e ideologias (das ‘superestruturas’ que não têm nada de uma emanção superficial do econômico, mas emergem da capacidade criadora). Nada que não seja adquirido, portanto produzido, para Marx, aí compreendidos a arte e o pensamento, a cidade e o saber. Nada que não seja conquistado através de lutas e guerras”. LEFEBVRE, Henri. O Conteúdo da Teoria (tópico do capítulo O esquema geral). In: *Une pensée devenue monde... Faut-il abandoner Marx?* Paris: Fayard, 1980. Tradução de Margarida Maria de Andrade.

⁸⁹ LEFEBVRE, Henri. L’Economie Marxiste. In: *Le Marxisme*. Paris: PUF, 1968.

⁹⁰ Crítica às ideologias que encobrem os conteúdos concretos da realidade social.

⁹¹ OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista / O Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

detrimento do desenvolvimento social. É o que Roberto Schwarz chama de sociedade derrotada⁹². Ainda segundo Francisco de Oliveira, o Estado brasileiro construiu as condições para que a industrialização se realizasse, num momento em que um grande fluxo de população se direcionou às grandes cidades, garantindo a mão-de-obra para as indústrias. E esta industrialização se realizou com uma intensiva exploração do trabalho, com a instalação dos ramos industriais mais dinâmicos, principalmente após a implementação do Plano de Metas elaborado no Governo JK⁹³.

Estas reflexões nos encaminham ainda mais em direção à compreensão do processo de desindustrialização segundo outros pressupostos que permitem vislumbrar como as determinações mais gerais se concretizam na vida das pessoas. Para nós, a desindustrialização revela o aprofundamento da crise da cidade. A desindustrialização e a reestruturação dos espaços industriais em processo de desativação se apresentam como uma problemática sócioespacial – aparecem como problemas urbanos, seja pela deterioração do ambiente construído, seja pelo desemprego provocado com o fechamento ou transferência de indústrias, seja também, por outro lado, pelas novas possibilidades que abrem para as estratégias de valorização no urbano.

b) Os discursos da valorização do espaço

O discurso que propõe o crescimento ilimitado através do desenvolvimento econômico não está restrito aos industriais. O setor empresarial como um todo produz também os seus discursos visando o “desenvolvimento”. Existe efetivamente uma interpretação que parte do setor empresarial e que se expande para a sociedade. É aquela da possibilidade de um gerenciamento de qualquer esfera da vida social, incluindo a cidade. O planejamento seria o instrumento estruturante de uma cidade eficiente, voltada para o oferecimento de opções produtivas, comerciais e de serviços, assim como para o consumo destas atividades. Ou seja, trata-se da produção de uma cidade voltada cada vez mais para a realização das atividades econômicas. O que percebemos, portanto, é que as preocupações empresariais não se restringem à produção particular, ao negócio particular, mas abrangem o espaço, a cidade, o “bairro”, que passam a compor um “produto” mais amplo. Nesta busca por gerenciar o espaço da cidade como se gerencia uma empresa, projetam-se lógicas espaciais, que se revelam como novas normatizações garantidoras da reprodução econômica. São as novas necessidades da

⁹² No prefácio do livro acima citado de Francisco de Oliveira.

⁹³ OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista / O Ornitorrinc*. Op. Cit.

economia que levam às preocupações com o domínio do espaço. É preciso, segundo a ótica empresarial, “reordenar” o espaço, “reestruturá-lo”, “requalificá-lo”, etc., permitindo a constituição de novas centralidades de consumo na cidade. Trata-se de um incentivo a novas redes de serviços modernos, como aqueles serviços auxiliares às atividades de gestão, os hotéis, restaurantes, entre outros, em um processo que reforça uma característica da metrópole, que é a simultaneidade. Neste discurso abstrato, mostra-se a possibilidade, através da gestão empresarial, de criar espaços “competitivos” no conjunto da metrópole, equipando-os de toda a infra-estrutura necessária para isso.

Na reestruturação de áreas urbanas, o discurso empresarial envolve a sociedade, criando um consenso em torno do “desenvolvimento” do “bairro”, apropriando-se ideologicamente do patrimônio público, da memória das pessoas do lugar, criando simulacros, na tentativa de constituir condições favoráveis à realização das atividades de negócios, de turismo, dos serviços em geral, ou seja, à realização das atividades, ditas modernas, da economia. O que nos interessa aqui é que a produção e difusão deste discurso tem um relativo alcance e influi nas transformações nos espaços onde a indústria sofre um recuo.

Com o discurso da melhoria da qualidade de vida, as investidas empresariais procuram transformar o espaço do “bairro” em lugar atrativo para todo tipo de negócios (inseridos na gama daquelas atividades econômicas ditas modernas), na busca por uma valorização dos produtos oferecidos e também do lugar, o que traria prosperidade para todo o conjunto das pessoas moradoras ou que passam pelo “bairro” em questão.

Nas áreas adjacentes ao eixo empresarial de São Paulo, ou aquelas situadas em sua possível extensão, o discurso e a ação empresarial atuam de maneira a buscar a constituição de condições que lhes permitam participar e usufruir do movimento de expansão do eixo de valorização. A Chácara Santo Antônio⁹⁴, que se constituiu como uma área preponderantemente residencial (que conta, desde a década de 1980, com uma área de edifícios de escritórios), se torna hoje objeto dos discursos da valorização. Ao norte se liga com a área dos edifícios de escritórios da região da Avenida Eng. Luis Carlos Berrini, ao sul com os grandes terrenos que gradativamente vão sendo desocupados pela indústria, hoje objeto de especulação para os empreendedores

⁹⁴ Do contato com uma associação, a Aelcsa (Associação dos Empresários da Chácara Santo Antônio e região), resultou uma entrevista com um de seus diretores. É uma associação pequena, mas que divulga um pretencioso discurso visando o “desenvolvimento” da Chácara Santo Antônio.

imobiliários. Dessa forma, o esforço no sentido da valorização encontra aí um lugar com amplas possibilidades para suas estratégias. Busca-se uma atuação em conjunto com o poder público e a sociedade, almejando alcançar todas as esferas possíveis que corroborem para a valorização. São discursos que têm ampla entrada no debate público, são em grande parte encampados pela opinião pública e, em alguns casos, se efetivam no espaço.

Os discursos se desdobram em vários argumentos ligados à reestruturação do lugar. No caso da Chácara Santo Antônio, pretende-se, através de um planejamento de longo prazo, diferenciar o ambiente, promover qualidade de vida, unir os interesses dos empresários àqueles dos possíveis consumidores, o que não atrapalharia o convívio com a área residencial. Pretende-se exercer um controle sobre o lugar, promovendo um crescimento econômico harmonioso entre trabalhadores, moradores e empresários. Segundo as diretrizes empresariais, é preciso qualificar o ambiente, qualificar os moradores, qualificar as empresas, os profissionais, os empresários, preparando o contexto para os desafios que serão trazidos por consumidores cada vez mais exigentes, cada vez mais qualificados. É, nesse sentido, uma busca por uma transformação do lugar, para que este se torne efetivamente um lugar de consumo diferenciado (para a classe média alta) na cidade, mesmo porque teria vantagens, se comparado com outros lugares da cidade, pois, entre outros fatores, está próximo de bairros de população de médio a alto poder aquisitivo, como Granja Julieta, Chácara Flora, Morumbi, Moema, Campo Belo, Brooklin, local de moradia de potenciais consumidores de seus produtos.

Como verificamos, este não deixa de ser ainda um discurso sobre a cidade. Mas é um discurso que se impõe como o discurso hegemônico, como se essas estratégias empresariais fossem uma espécie de vanguarda da sociedade, e representassem as necessidades da sociedade toda, com ampla aceitação da parte do Estado. Estas estratégias propõem uma requalificação de tudo - das pessoas, das ruas, dos trabalhadores, dos estudantes, para que tudo e todos estejam aptos a enfrentar o momento de transformações que estamos vivendo. Há, nesta visão, uma certa “pasteurização” das condições sociais, pois são estratégias que não vêem conflitos e se colocam como consensuais na sociedade, afinal, o “desenvolvimento” a ser alcançado é (ou deve ser) almejado por todos.

O espaço da região sudoeste de São Paulo tem um papel central nestas estratégias, pois ele tem “vantagens competitivas originais”, devido à sua localização e acessibilidade e outras que seriam criadas ou reforçadas através da requalificação. Em

nosso ponto de vista, esta idéia de requalificar carrega um significado de “limpar a área” para o progresso. Vamos percebendo, assim, que estamos diante, todo o tempo, da ideologia do crescimento. Como sabemos, a requalificação do espaço está voltada a certos objetivos específicos ligados a algumas camadas da sociedade, excluindo do processo aquelas camadas que não interessam às estratégias almejadas pelos mentores da requalificação. Assim, o que esses procedimentos evidenciam é o avanço do mercado imobiliário, que toma para si áreas antes menos valorizadas, forçando a saída das pessoas mais pobres para áreas mais distantes da metrópole. Nestes discursos (sejam eles empresariais ou dos representantes do Estado), o conflito produzido pela valorização não é necessariamente um conflito, mas uma decorrência menor no processo de “desenvolvimento” da área. A diminuição da atividade industrial e o aumento do setor comercial e de serviços são forçados por esses promotores do “desenvolvimento” como uma mudança natural de “vocaço” da rea, e nesse sentido que esto voltados os esforos da Subprefeitura de Santo Amaro.

Nesta perspectiva dos agentes da valorizao, incorporando uma viso neoliberal de mundo, o mercado uma verdade inexorvel que deve ser respeitada. Todos e tudo devem se adequar s necessidades do mercado, se “requalificando”, se “preparando” para os “novos desafios” que o mundo, cada vez mais “competitivo”, apresenta. A idia de mercado, que se auto-regularia e regularia o jogo de foras entre os agentes da sociedade, promove uma viso em que no h contradies, visto que os conflitos sociais so diludos em um perfeito funcionamento deste mercado. como se o mercado permitisse um equilbrio, onde todas as fraes da sociedade, cumprindo suas funes, teriam seu lugar garantido. Os conflitos, nesta perspectiva, no existiriam nem do ponto de vista ambiental, pois h, tambm, mesmo no que diz respeito s reas urbanas, a ideologia da sustentabilidade, ou seja, o crescimento econmico que se realizaria com “responsabilidade social e equilbrio ambiental”.

Este discurso, que denominamos de discurso empresarial, mas que se definiria melhor como o discurso dos agentes da valorizao, se apresenta como um discurso um tanto quanto genrico, pois se coloca na sociedade como um conjunto de ideologias, que de uma maneira geral pretendem direcionar os esforos gerais em direo ao “desenvolvimento”. um discurso que produzido no mbito dos setores hegemnicos da sociedade, mas que encampado por outras esferas da sociedade, mesmo porque divulgado pela mdia, e muitas vezes fundamenta as aes do Estado. O que para ns chama a ateno a importncia do espao para a reproduo. O consenso que se

almeja criar através das ideologias diz respeito diretamente ao espaço da cidade, ao espaço da vida cotidiana, buscando um controle maior sobre a vida das pessoas na cidade.

c) O discurso do Estado

Em entrevista com o subprefeito de Santo Amaro, buscamos identificar quais eram as estratégias e as ações efetivas da Prefeitura frente ao movimento de transformação naquele distrito, principalmente no que diz respeito à diminuição relativa da atividade industrial e ao crescimento das atividades comerciais e de serviços. Constatamos que o discurso se aproximava muito dos discursos dos representantes do empresariado e do setor comercial. Não podemos esquecer que, neste sentido, o Estado, com seu poder de normatização, é uma mediação fundamental para a efetivação das estratégias de valorização.

Por muito tempo a indústria representou o progresso em São Paulo, pois produzia empregos em massa, propiciando uma dinâmica econômica, fazendo com que o Estado incentivasse e produzisse condições para sua instalação na cidade. Hoje, diante da crescente participação das atividades comerciais e de serviços no conjunto das atividades econômicas, desloca-se, também, o foco dos administradores municipais, que passam a desenvolver um discurso da necessidade de “readequação” do espaço para a instalação destas novas atividades econômicas. Fica claro que os discursos proferidos pelos agentes da valorização e o discurso do Estado se superpõem, manifestando o fato de que o discurso das camadas hegemônicas aparece como representativo dos interesses da sociedade como um todo.

Para a Subprefeitura de Santo Amaro, as transformações que ocorrem no distrito representam uma mudança de vocação. Novamente se nota a ausência de conflitos, ao mesmo tempo em que há uma idealização do “bairro” de Santo Amaro. O papel da Prefeitura seria administrar a mudança de vocação da região, preservando a “qualidade de vida” desenvolvida ali no curso da história do “bairro”. O processo de desindustrialização de algumas áreas seria benéfico nesta visão, pois as pesadas e poluidoras indústrias não se coadunam mais com a sustentabilidade ambiental da cidade. A saída de indústrias representa, então, a possibilidade da constituição de uma melhoria da “qualidade de vida”, pois liberaria espaço para a construção de moradias, condomínios, trazendo uma mão-de-obra mais qualificada que se empregaria no setor de prestação de serviços, em franca ascensão no distrito.

Neste sentido, para a Subprefeitura, a transformação da área é uma positividade deste processo natural de mudança de “vocaço”, com a construo de novos shoppings, ou novos equipamentos como as grandes casas de shows, pois este inclusive seria o desejo da “populao” de Santo Amaro. Estes novos empreendimentos atraem novos consumidores, ou seja, aumenta a populao flutuante, o que propiciaria o aumento de recursos para a regio. Dessa forma, assim como no discurso dos agentes da valorizao, no h conflitos nesta transio das atividades econmicas, mesmo porque as pessoas desempregadas pelas indstrias, apontadas aqui como mo-de-obra qualificada, automaticamente se empregariam no setor de servios, que passaria a oferecer mais empregos.

Nesta perspectiva, portanto, as transformaes em curso so uma evoluo natural da sociedade, em que no h conflitos e a “populao” deseja as mudanas que se desenvolvem no espao da cidade, cabendo Prefeitura o papel de acompanhar o desejo da “populao”, direcionando Santo Amaro para a sua especializao como parque de prestao de servios, ao mesmo tempo em que se preserva e melhora a qualidade de vida do “bairro”.

Atravs da anlise destes discursos, fica explcita a grande abstrao que eles encerram, produzindo e reproduzindo ideologias. O que mais nos interessa que estes discursos mostram o aprofundamento da cidade, ela prpria, como mercadoria. Cria-se, no momento atual, um “mercado de cidades”, e, dentro da metrpole, um “mercado de reas”, que buscam se diferenciar como lugares privilegiados do consumo. A cidade-mercadoria concebida nestas esferas apresentadas (empresariais, estatais) no sentido de facilitar a circulao e realizao de mercadorias. A preocupao central repousa na constituio de espaos de consumo e no consumo do espao ao mesmo tempo, maximizando a condio de mercadoria, aprofundando a homogeneizao do espao. O espao-mercadoria, para a realizao das estratgias capitalistas, deve ser continuamente reproduzido na metrpole, o que s efetivamente se realiza com a produo e reproduo de inmeras ideologias, ou seja, com a construo cultural de um consenso na sociedade direcionado ao “desenvolvimento”, o que procuramos mostrar neste tpico. No entanto, preciso aprofundar a crtica a estas vises hegemnicas e posteriormente avanar em direo s contradies produzidas pela efetivao das lgicas dominantes de produo do espao.

d) Crítica aos discursos (à ideologia do crescimento ilimitado e ao discurso competente)

Através destes discursos, revela-se, claramente, a defesa e a crença no crescimento ilimitado, base dos modelos econômicos vigentes que, como Lefebvre mostra, “*implica uma ideologia*”⁹⁵. Segundo este autor, os modelos econômicos frente aos quais nos deparamos são reprodutores de ideologias, pois vislumbram a possibilidade de um crescimento ilimitado. Para ele:

O crescimento ilimitado passava também por possível, a partir da ciência que se declarava então a mais moderna: a economia. Os economistas elaboravam os modelos, o melhor sendo aquele que propunha e certificava o crescimento ilimitado. Não devia mais haver crises, assim como as desacelerações, as recessões. A teoria marxista das crises era enviada às latas de lixo da história⁹⁶.

Lefebvre mostra neste texto como, na sociedade capitalista, o crescimento econômico e o desenvolvimento social não estão ligados. O fundamento, nesse sentido, está no caráter crítico do capitalismo, reprodutor de crises, que se desenvolvem como contradições: o crescimento traz o seu negativo, num movimento em que a destruição é necessária para a própria reprodução. “*O negativo? Ele não está mais, dizemos, fora do processo, em suas desacelerações, suas crises. Está em si mesmo, a destruição tornando-se inerente à produção, imanente. O que a dissimula e deixa acreditar na ausência de crise*”⁹⁷. Nesse sentido, estamos perpassados por estas ideologias do crescimento, que mascaram as contradições e contribuem para o envolvimento de toda a sociedade em torno do crescimento, através de um mercado que exerce pressões, do domínio da tecnocracia, em suma, de um capitalismo de organização, em que a ciência (como não-saber) está voltada para a reprodução.

Com Marilena Chauí, diríamos que o crescimento também estaria ancorado em um discurso competente. O que os industriais estão cobrando (políticas públicas voltadas para o setor produtivo) nasce da própria representação enganosa que elege os homens públicos como promotores do crescimento, o que aponta para as contradições internas ao próprio capitalismo (por exemplo, entre o capital industrial e o capital financeiro nas prioridades das políticas do Estado).

⁹⁵ LEFEBVRE, Henri. Les Ideologies de la Croissance. In: *La Survie du Capitalisme*. Paris, Anthropos, s/d. p.141.

⁹⁶ Idem, p.142.

⁹⁷ Idem, p.153.

Este é o papel da tecnocracia, que se ampara no conhecimento científico, e da burocracia, ligada ao poder estatal, instaurando estratégias que caminham no sentido da produção de ideologias.

Sempre, neste período e nesta perspectiva, aparecem então ao lado da lógica ideológica do crescimento e da coerência, ao lado de projetos estratégicos ‘operacionais’ à escala mundial, as ideologias propriamente ditas: o produtivismo, quer dizer, a apologia da produção pela produção – o economicismo, quer dizer, a tese de uma prioridade absoluta do econômico – o funcionalismo e o estruturalismo, instrumentos na busca de uma coerência teórica e de uma coesão prática⁹⁸.

Continuando, ele ainda diz:

O funcionalismo determina as funções dos grupos sociais e das instituições em relação a um crescimento suposto ou, antes, desejado harmonioso; quanto ao estruturalismo, ele representa ideologicamente a atividade dos tecnocratas que se ocupam de utilizar o saber para ‘estruturar’ o espaço na perspectiva de um crescimento ilimitado, com um meio de ação particularmente poderoso e mesmo eficaz: a burocracia⁹⁹.

Dessa forma, vamos compreendendo como um conjunto de ideologias vai sendo criado e reproduzido e se realiza na vida social, aprofundando contradições e levando a novas contradições. E o espaço passa a ter um papel central no contexto dessas ideologias do crescimento.

A discussão sobre o discurso competente em Marilena Chauí¹⁰⁰ se mostra também interessante para compreendermos os discursos (ideologias) sobre o espaço, indo na mesma direção das questões levantadas por Lefebvre. Para ela o discurso competente é essencialmente um discurso ideológico, entendendo a ideologia como os mecanismos de ocultamento ou dissimulação do real.

A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante¹⁰¹.

Nesse sentido, a ideologia visa manter a ordem instituída, colocando-se como uma interpretação da realidade descolada da realidade. Chauí mostra como o discurso ideológico em nossa sociedade está ligado à idéia de progresso, que poderíamos dizer se impõe como a linguagem da(s) ideologia(s) do crescimento.

⁹⁸ Idem, p.157.

⁹⁹ Idem, p.157.

¹⁰⁰ CHAUI, Marilena. O Discurso Competente. In: *Cultura e Democracia – o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2005, 11^a ed.

¹⁰¹ Idem, p.15.

Dizer que a ideologia não tem história significa apenas dizer, em primeiro lugar, que as transformações ocorridas em um discurso ideológico não dependem de uma força que lhe seria imanente e que o faria transformar-se e, sim, que tais transformações decorrem de uma outra história que, por meio de ideologia, a classe dominante procura escamotear; em segundo lugar, e mais profundamente, significa que a tarefa precisa da ideologia está em produzir uma certa imagem do tempo como progresso e desenvolvimento de maneira a exorcizar o risco de enfrentar efetivamente a história¹⁰².

O discurso competente, ancorado no saber (tornado ideológico, pois a serviço da reprodução) e na burocratização, se impõe na sociedade com um estatuto de verdade. Os especialistas, assim como os ocupantes de cargos hierárquicos da burocracia desempenham um papel proeminente na produção da vida social. No caso dos cargos hierárquicos, independente de quem os ocupe, já são portadores de um discurso competente. Segundo a autora: *“Sabemos também que é um discurso que não se inspira em idéias e valores, mas na suposta realidade dos fatos e na suposta eficácia dos meios de ação.”*¹⁰³

Nesta perspectiva, o discurso competente do Estado, criador e mantenedor das regras gerais que regem a sociedade, assim como o(s) discurso(s) científicos, que se tornam mediadores na vida das pessoas¹⁰⁴, pressupõem a idéia (ou sentimento) de incompetência, que possibilita a aceitação das regras instituídas.

Assim, tentando identificar as ideologias que envolvem os processos atuais, entre eles a desindustrialização, advogamos que o entendimento desses processos passa pelo entendimento do capitalismo como um modo de produção essencialmente crítico, que produz crises para a sua própria reprodução. Nesse sentido, fica claro que a sociedade é envolvida por uma crise que aparece inicialmente como crise do emprego. O que isso revela é a necessidade destrutiva do capital em sua reprodução. Ao mesmo tempo em que necessita de trabalho para a produção de mais-valia para sua reprodução ampliada, o processo se encaminha no sentido da eliminação de postos de trabalho, aumentando a exploração do trabalho e produzindo crises de acumulação.

¹⁰² Idem, p.16.

¹⁰³ Idem, p.23.

¹⁰⁴ “São aqueles que ensinarão a cada um como relacionar-se com o mundo e com os demais homens” (idem, p.24).

Capítulo 3 - Os novos empreendimentos residenciais, comerciais e de serviços

a) Os novos empreendimentos de shows e eventos

São Paulo se revela no contexto brasileiro, como a metrópole que liga a economia nacional com a economia mundial, acompanhando as transformações econômicas mundiais e se transformando com elas. Por diversos meios divulga-se o crescimento do setor de serviços, e a constituição de eixos de prosperidade em contradição com a crise da indústria e do emprego industrial.

São Paulo deixa para trás cada vez mais o seu perfil de centro eminentemente industrial para se tornar uma capital voltada para a prestação de serviços de todo tipo. Não é à toa que, entre os maiores empregadores na região, apenas dois – a Volkswagen, com 18000 funcionários, e a Mercedes-Benz, com 10200 – pertencem ao ramo industrial. Todos os outros estão ligados a atividades como comércio, finanças, alimentação, hotelaria, comunicações, limpeza e segurança¹⁰⁵.

O eixo sudoeste é o foco principal desta nova fase da metrópole, representando o lugar da espacialização da “positividade” da globalização, com a configuração de uma metrópole onde o “ambiente” para os negócios, para a economia moderna, está potencializado. *“Aqui se reúnem todos os fatores de competitividade indispensáveis para as empresas que utilizam a tecnologia de modo intenso: engenheiros, administradores e técnicos especializados, assim como as redes articuladas de clientes e fornecedores”*¹⁰⁶. Este, com certeza, é um aspecto que se impõe em São Paulo, descrevendo uma dinâmica que a metrópole passa a concentrar em relação ao Brasil. No entanto, é necessário examinar criticamente esta “positividade” da “cidade dos negócios” para o conjunto da sociedade e para o conjunto da cidade. Verificamos hoje que o capital se concentra crescentemente e, mesmo espacialmente, cria as suas áreas propícias de atuação. É assim que entendemos o crescimento, em direção ao sudoeste da cidade, do setor de gestão, de comando empresarial, do setor comercial e de serviços. Nesta área de expansão, produz-se uma paisagem e novas relações que representam o moderno na metrópole. Novos espaços se tornam necessários para propiciar maior agilidade às trocas necessárias à realização dos negócios. O crescimento do turismo de negócios em São Paulo indica a confirmação desta tendência.

Nove em cada dez feiras ou convenções que ocorrem no país têm lugar em São Paulo. Isso significa, no ano passado [1999], 4,2 milhões de visitantes. O negócio dos eventos vem crescendo a taxas de 5% a 7% ao ano, e só não

¹⁰⁵ FUSER, Igor. Adeus, Chaminés. In: Revista Exame, 1/12/2000, p.17.

¹⁰⁶ Idem, p.19.

avança mais depressa pela falta de áreas capazes de abrigar as grandes feiras internacionais¹⁰⁷.

O setor de eventos alça-se como um dos mais representativos deste novo momento, constituindo-se como uma das “vanguardas” das novas atividades de serviços da metrópole. Novos equipamentos culturais, grandes casas de shows, entretenimento e eventos avançam na direção sudoeste: Teatro Alfa, Credicard Hall, Tom Brasil, Villa Noah, entre outros. As novas relações, baseadas em uma prática voltada aos negócios, ficam evidentes quanto se trata dos eventos. Os eventos se tornam uma nova frente de negócios nesta parcela da cidade que se pretende mundial.

Pessoas reunidas. Emoção. Valores estéticos. Sabores inesquecíveis. Parcerias seladas. Abraços fraternos. Negócios fechados. Organizar eventos é viabilizar sonhos. Prever o imprevisível. Concretizar idéias. Nada pode dar errado. O que parece tão simples requer prática, agilidade e profissionalismo. O Tom Brasil já divertiu, emocionou, serviu e encantou mais de 500.000 pessoas em quase 4.000 eventos. Desde um simples coffe-break até congressos e convenções, nós nos ocupamos de todas as etapas para que você tenha tranquilidade e segurança¹⁰⁸.

Os eventos são um novo produto que promove outros produtos. As empresas promotoras de eventos, se tornam, elas mesmas, uma marca. Produzem eventos de todo tipo, desde casamentos e festas de aniversários, até convenções de grandes empresas, com shows e festas de grande porte. Duas destas grandes casas de eventos nos interessam mais, pela localização na Várzea de Baixo: o Tom Brasil e o Villa Noah Embratel. A presença de terrenos e edifícios industriais de grande porte disponíveis para novos usos nesta área é fundamental para a instalação desses novos equipamentos. Esse movimento de transformação dos usos do lugar se assemelha, embora com algumas características diferentes, ao que ocorreu na Vila Olímpia na década passada:

Casas noturnas, bares e danceterias surgiram em locais antes ocupados por fábricas de médio porte. Grandes áreas viraram estacionamentos para atender à grande demanda. Campo de futebol virou condomínio com torres, abrigando mais de 1000 pessoas¹⁰⁹.

Indústrias que ocupavam grandes áreas deixaram de existir para se tornarem “as megas casas de shows e eventos”, como o Tom Brasil e a Via Funchal, isto em 1998 e hoje em dia já estão também sendo ameaçadas por mega empreendimentos e principalmente pela falta de estacionamento que está se tornando raro na Vila Olímpia¹¹⁰.

¹⁰⁷ Idem, p.18.

¹⁰⁸ Site do Tom Brasil da internet, link de eventos, acesso dia 07/05/2007.

¹⁰⁹ In: Portal Vila Olímpia, site da internet, acesso dia 07/05/2007.

¹¹⁰ Idem.

Na Vila Olímpia, onde a transformação do uso do solo foi avassaladora, podemos verificar os momentos dessa transformação. Grandes casas de shows e eventos – Tom Brasil e Via Funchal – se instalaram ali num primeiro momento de constituição das novas atividades comerciais e de serviços, permanecendo, no caso do Tom Brasil, um curto período neste lugar. A concentração de edifícios de escritórios, assim como de novos condomínios residenciais na Vila Olímpia, que corroboraram para a valorização dos terrenos da área, passam a dificultar a realização destas atividades aí, pois elas necessitam de amplos espaços tanto para a realização dos eventos e shows como para os estacionamentos. Assim podemos concluir que o uso dos galpões e terrenos para essas atividades de entretenimento, eventos e shows, pode significar um momento inicial da valorização de um fragmento da metrópole, que tendencialmente pode se tornar uma nova centralidade de atividades do terciário moderno.

A casa de shows e eventos Tom Brasil, que inicialmente se instalou na Vila Olímpia (inaugurada em 1998), em 2003 inaugura as suas novas instalações, o Tom Brasil Nações Unidas. A casa da Vila Olímpia é desativada pouco tempo depois. Hoje, no espaço onde ela se situava, ergue-se um grande edifício de escritórios. A nova casa do Tom Brasil na Várzea de Baixo representou o primeiro sinal de mudança efetiva de transformação dessa área. Já se verificava o processo de saída das indústrias, assim também como outras atividades terciárias de grande porte já estavam instaladas ali, como concessionária de carros, mas o significado e o novo movimento que a casa de shows produz, a tornam uma nova referência na área, como era anteriormente, por exemplo, a Bosch.

No que se refere à realização de espetáculos, o Tom Brasil se coloca ao lado do Credicard Hall, como uma das grandes casas de shows de São Paulo, concentrando atrações de todos os gêneros musicais, nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, é também uma grande casa de eventos, com uma estrutura nesse sentido. Dispõe de três ambientes diferentes (2400m², 450m² e 300m², respectivamente) para a realização de coquetéis, jantares, convenções em formato de auditório e eventos com shows, que contam com refinados equipamentos de som e multimídia, e possibilitam a realização de eventos que podem reunir de 160 pessoas (evento com show no menor espaço disponível), até 4500 pessoas (evento com show no maior espaço disponível)¹¹¹. Além dessa estrutura interna, há também a disponibilidade de estacionamentos em grandes

¹¹¹ Informações obtidas no site da internet do Tom Brasil, acesso dia 07/05/2007.

terrenos das redondezas transformados para esse fim, que servem também a outras casas de eventos.

O outro empreendimento voltado para a realização de eventos que se sobressai no fragmento é o Villa Noah Embratel, inaugurado em 2005 em galpões onde antes funcionava uma tecelagem. Diferentemente do Tom Brasil, cujas atividades abrangem eventos e shows, o Villa Noah é especializado na realização de eventos. Possui uma ampla infra-estrutura, constituída por *“3 salões de 300 a 750m²; duas salas de apoio de 32m² e 49m²; 2 foyers de 106m² e 260m²; 1 terraço de 250m²; 1 sala vip/camarim de 20,30m²; 1 business center de 12,70m²; 3 chapelarias/secretarias; 2 entradas sociais independentes; 4 conjuntos de toaletes; espaço gastronômico 1500m², com capacidade para até 1600 pessoas”*¹¹², contando ainda com um estacionamento para 600 carros. Os seus ambientes são equipados com um grande aparato técnico, que compreende *“gerador de emergência; internet rápida (wireless); telefonia digital; acústica adequada para diversos tipos de eventos; instalações flexíveis; controle independente de iluminação e ar condicionado; cozinha projetada para atender 6 mil refeições/dia”*¹¹³. Esta estrutura, instalada em um antigo edifício industrial, evidencia a radical transformação do uso, mesmo que se mantenha o aspecto original do edifício. Todo este espaço e o aparato técnico nele instalado permitem a realização de vários eventos simultaneamente, evidenciando, juntamente com a presença do Tom Brasil¹¹⁴ e outras casas de eventos médias e pequenas e outras atividades comerciais, a tendência para a constituição ali de uma nova centralidade de atividades terciárias em São Paulo.

b) Os novos empreendimentos residenciais

No movimento de transformação do espaço de desindustrialização objeto deste estudo, verificamos também o avanço de novos e grandes empreendimentos residenciais, que são lançados em amplos terrenos antes ocupados por indústrias ou sem uso específico (terrenos estes que permaneceram um tempo como objeto de especulação).

Os empreendimentos são de grandes construtoras de São Paulo, como Tecnisa, Even, Klabin/Segal, articuladas a incorporadores, como Quality e a imobiliárias como I-Price e Lopes. Este espaço vai sendo incorporado estrategicamente por grandes

¹¹² Informações retiradas do site do Villa Noah Embratel, acesso 08/05/2007.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ As duas casas de eventos se situam próximas uma da outra (ver mapas 4 e 5).

empresas, que se aproveitam da grande disponibilidade de terrenos para a construção de seus “novos produtos imobiliários”¹¹⁵.

Na fala dos corretores¹¹⁶, esta área passa a ser interessante para este tipo de empreendimento porque tem uma localização privilegiada, possibilitando um fácil acesso a vários lugares da cidade que hoje se configuram como novas centralidades (região sudoeste), onde passa a se localizar uma grande quantidade de empresas, que por sua vez atrairiam novos moradores para a região. Ao lado deste fator localização/acesso, está o preço do metro quadrado, que aí é muito inferior às regiões mais densificadas do eixo de valorização sudoeste. Outro fator importante é aquele da maior facilidade de negociação para as construtoras quando se trata da compra de um terreno industrial, que geralmente tem um único dono e o custo de demolição é menor do que em um terreno residencial, onde a negociação seria com vários donos diferentes. Neste sentido, duas áreas de desindustrialização se apresentam como lugares de avanço dos novos empreendimentos residenciais: Vila Leopoldina (a que tem, segundo os corretores, maior potencial de construção de “residenciais”) e a região de Santo Amaro. Nestas duas áreas, as construtoras encontram uma maior disponibilidade de terrenos com o custo do metro quadrado menor e com uma metragem condizente com a construção de grandes condomínios residenciais de alto padrão (novos produtos imobiliários), com grandes áreas de lazer. Se a área disponível se situa em um espaço até recentemente dominado por grandes galpões industriais e que ainda guarda o aspecto da indústria, mas hoje com uma certa deterioração, em um lugar que não tem ainda o uso residencial predominante, isso importa pouco para os empreendedores, que produzem condomínios fechados que nada tem a ver com o entorno, “novos produtos imobiliários” que negam o entorno, ou o utilizam naquilo que promova o empreendimento, como a localização e/ou acessibilidade a áreas privilegiadas da metrópole. O fato dessas duas principais áreas estarem localizadas próximas à Marginal do Rio Pinheiros é muito bem explorado pelos empreendedores.

O marketing é um elemento importante a ser ressaltado, pois é preciso atrair possíveis consumidores para o produto imobiliário em uma área que não é consolidadamente residencial. Assim, usa-se de diversos meios para tornar o

¹¹⁵ Estes “novos produtos imobiliários” são um novo tipo de construção residencial que corresponde a novas “necessidades” que foram criadas. A insegurança na cidade; a necessidade de morar perto do trabalho para evitar trânsito; a possibilidade de usufruir de um grande espaço no próprio condomínio, etc, são elementos com os quais as construtoras jogam para a elaboração dos “novos produtos imobiliários”.

¹¹⁶ Para compreendermos melhor o processo de avanço de empreendimentos residenciais neste espaço, entrevistamos dois corretores de dois diferentes empreendimentos.

empreendimento conhecido: programas de publicidade televisiva; anúncio em jornal; bandeiras; distribuição de folhetos no trânsito e em hipermercados da região; faixas. Ou seja, uma publicidade ostensiva, voltada para a realização dos “novos produtos imobiliários”.

Considerando o conjunto dos novos empreendimentos residenciais dessa área específica, a concorrência entre eles não é um fator que atrapalha uns aos outros, pelo contrário, a propaganda realizada por um pode ajudar o outro, já que pessoas que foram atraídas por determinado empreendimento residencial, podem acabar se interessando e comprando o apartamento de um outro que está próximo. Contribui para isso o fato de que são “produtos imobiliários” voltados para um mesmo perfil de consumidor, de classe média-alta. Dessa forma, a propaganda realizada por cada empreendimento acaba, no conjunto, contribuindo para a divulgação de todos os empreendimentos que se localizam próximos. No caso específico deste espaço de desindustrialização, o lançamento e construção de vários condomínios residenciais ao mesmo tempo ajuda a configurar uma área de expansão para este tipo de empreendimento. Mesmo que os corretores ressaltem não se tratar de uma estratégia conjunta das construtoras, admitem que isso acaba aquecendo o mercado.

Como o apartamento é um produto especial, pois se trata de um uso para moradia, os empreendimentos têm que ter elementos que seduzam possíveis compradores, se utilizando para isso de inúmeros discursos que envolvem o conforto, o lazer, a segurança, além da acessibilidade e da localização.

A estrutura desses “novos produtos imobiliários” consiste na otimização do aproveitamento do terreno, procurando oferecer um refinamento nas possibilidades de lazer, tanto nas áreas comuns quanto na área privativa de cada apartamento. O desenho dos projetos busca seguir linhas clássicas de fachada e uma estética nova nos espaços interiores do empreendimento. O aprimoramento dos espaços de lazer é com certeza o principal elemento que procura diferenciar os novos empreendimentos, difundindo o que os seus catálogos de propaganda chamam de “um novo estilo de viver”, se auto promovendo como um oásis de tranquilidade dentro da cidade problemática, violenta, estressante e caótica. Além dos tradicionais playground para as crianças, piscina, e salão de festas, os novos empreendimentos se equipam com outros espaços que procuram sanar o estresse produzido pela correria do dia-a-dia da metrópole. Assim, são oferecidos, nesse propósito, atelier de pintura; spa; redário; tenda de massagem; ofurô;

espaço zen; ambiente dedicado à estética. Apresentando essas novas opções de lazer, um catálogo de um dos empreendimentos afirma o seguinte:

Deite-se numa cama sob pergolado. Relaxe na tenda de massagem ao ar livre. Renove-se no spa com sauna. Passe duas horas no beauty care. Banhe-se no ofurô e medite no espaço zen. Ou simplesmente fique de papo pro ar no redário. As modalidades focadas no bem-estar mental são tantas que você pode fazer uma a cada dia da semana. Todos esses ambientes estão concentrados num mesmo setor do terreno, integrando melhor as atividades e proporcionando maior privacidade aos moradores.

Dentro deste espectro de lazeres disponíveis ressalta-se também os espaços dedicados aos esportes e cuidados com o corpo: sala de fitness, quadra poliesportiva, piscina coberta e piscina descoberta, quadras de tênis, quadra de squash, salão de jogos.

O cuidado com o corpo é um hábito saudável e essencial que o homem moderno já incorporou ao seu dia-a-dia. Numa cidade movimentada como São Paulo, onde quase tudo é trabalho, estudo e corre-corre, os momentos de lazer, ginástica e contato com a natureza assumem uma importância ainda maior. Ainda bem que existe uma proposta de vida como o XXX¹¹⁷.

Novos espaços dedicados à gastronomia: espaço gourmet, com churrasqueira ao lado, forno de pizza, hamburgueria; as varandas dos apartamentos, agora mais espaçosas, são equipadas com churrasqueiras. Locais diferenciados para as festas: salão de festas adulto e salão de festas infantil. Novos espaços: lan house, sala de cinema, child care.

Quando compra o apartamento, o morador está comprando todo um pacote que promete um certo “estilo de vida” moderno, “ligh” e em harmonia com a natureza. É a produção de uma vida cada vez mais privatizada, vivida em espaços fechados, que nega a cidade, e baseada em pressupostos ideológicos, abstrações que se concretizam ainda mais na vida dos habitantes da metrópole. Produz-se tudo isso como se fosse um “estilo de vida”, o que não passa de um **estetismo**, produzido por relações ainda mais mediatizadas pelo mundo da mercadoria, que afirma e desenvolve estas relações. O condomínio oferece uma gama enorme de opções de atividades para que o morador tenha que sair o menos possível. O contato com a natureza é também fortemente enfatizado, a ponto de induzir a idéia de que, avistar o Parque Burle Marx do outro lado da Marginal do Rio Pinheiros, ou cruzar com vasos de plantas e pequenas árvores espalhados pelo condomínio representam este almejado contato com a natureza. São empreendimentos produzidos, como dissemos acima, visando novas necessidades sociais. A cidade aparece como algo perigoso aos seus habitantes, com a violência, com

¹¹⁷ Retirado do mesmo catálogo da citação anterior. XXX representa o nome do novo empreendimento.

o estresse produzido pela vida urbana, o que faz com que as pessoas (das classes média-alta e alta) passem a ter necessidade de se encastelar cada vez mais, se auto-segregando do contexto urbano em que estão inseridos. Ao mesmo tempo, a produção desses novos espaços contribui para a afirmação desta “nova necessidade”, produzindo um estetismo do morar, um “morar com uma nova qualidade de vida”, morar num espaço que confere um “status” a quem nele mora. Um “novo estilo de vida”, um novo “status”, é o que também representa para o morador a compra do imóvel, segundo os catálogos promocionais desses empreendimentos.

O principal público para os maiores apartamentos disponíveis (135 m² a 207 m²), segundo os mesmos corretores entrevistados, geralmente é formado por famílias da própria região sul-sudoeste de São Paulo (expandida), de bairros onde o metro quadrado é mais valorizado, como Moema, Campo Belo, Brooklin. É um público que já tem o seu conjunto de atividades cotidianas (trabalho, escola, lazer, etc.) estabelecidas na região e muitas vezes quer um apartamento maior, mas não tem condições de comprar nessas áreas mais valorizadas. Outro perfil de comprador para esses empreendimentos, interessado nos menores apartamentos (103 m²), é formado por jovens casais que trabalham em empresas da região.

c) O avanço dos novos empreendimentos como avanço da fronteira econômica sobre o fragmento e aprofundamento da fragmentação

O sentido do termo centralidade, na tendência que estamos examinando, do avanço de novas centralidades na direção sudoeste da metrópole de São Paulo corresponde, na verdade, a um empobrecimento da noção de centralidade. Com a expansão da mercadoria sobre o espaço urbano, o centro histórico se esvazia de seu sentido simbólico, é implodido. Constituem-se, no tecido urbano, outras centralidades produzidas de acordo com a lógica e a linguagem da mercadoria, como produto¹¹⁸. O

¹¹⁸ “O núcleo urbano torna-se assim produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas vindas da periferia, suburbanos. Ele sobrevive graças a esse duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar. Assim os centros antigos entram mais completamente na troca e no valor de troca não deixando de ser valor de uso em razão de espaços oferecidos às atividades específicas. Eles tornam-se centros de consumo. A resurgência arquitetônica e urbanística *do centro comercial* não dá senão uma versão enfraquecida e mutilada deste que foi o núcleo da cidade antiga, ao mesmo tempo comercial, religioso, intelectual, político, econômico (produtivo). A noção e a imagem do centro comercial datam de fato da idade média. Ele corresponde à pequena e média cidade medieval. Mas hoje o valor de troca aí domina a tal ponto o uso e o valor de uso, que este é, até certo ponto, suprimido por aquele. Esta noção não tem, portanto, nada de original. A criação que corresponde a nossa época, a suas tendências, a seu horizonte ameaçador não seria o *centro de decisões*? Este centro reunindo a formação e a informação, as capacidades de organização e de decisões institucionais, aparece como projeto em via de realização de

sentido econômico dessas novas centralidades se utiliza dos atributos de centralidade urbanos mas os subverte através da funcionalização dos espaços, produzindo espaços privatizados e especializados, com finalidades econômicas específicas e para públicos específicos. Tanto os espaços para as atividades comerciais e de serviços (principalmente as casas de eventos e de shows), como os novos espaços residenciais, são produzidos como espaços de consumo – consumo de eventos de negócios, de eventos “culturais”, de entretenimento, de música, de serviços gerais, e o consumo de um “novo estilo de vida” nos novos condomínios residenciais. Este sentido da centralidade impõe uma nova lógica ao lugar onde está se inserindo (a lógica de um lugar de consumo, com seu movimento característico), destituindo por outro lado, funções centrais, como a moradia de muitas pessoas que ali estão há algumas décadas. A centralidade industrial, ela também problemática do ponto de vista do sentido concreto de centralidade, dá lugar, no fragmento, a uma centralidade ainda mais contraditória, porque mais segregadora, que é aquela das atividades terciárias.

Por outro lado, com a crescente fragmentação da vida cotidiana na metrópole há uma demanda, cada vez mais reprimida, do verdadeiro sentido de centralidade. Esta demanda pode ser identificada nos irredutíveis presentes nos espaços/momentos da vida cotidiana e que negam, episodicamente, a fragmentação. Essa demanda de centralidade concreta, manifesta a contradição presente na vida urbana entre a necessidade de centro e a negação da centralidade. As novas centralidades abstratas voltadas para as atividades terciárias modernas impõem outras necessidades – afirmação da lógica da cidade do carro, espaços onde o funcionamento é totalmente previsível, totalmente fechados ao entorno, enfim, espaços estritamente produzidos para determinadas finalidades, cujo uso pressupõe a mediação de uma quantia de dinheiro.

Consideramos que os novos espaços que vão sendo configurados por esta produção econômica do espaço, que constitui novas centralidades voltadas para o consumo e a moradia de uma classe de alto poder aquisitivo, evidencia o aprofundamento de um modo de vida baseado em uma extrema organização dos espaços/tempos da vida cotidiana, em que todos os deslocamentos são feitos de carro, as atividades diárias se fazem em locais específicos. Esquematizando, seria a organização da vida dividida entre a moradia, o trabalho ou estudo, o lazer, os tempos obrigatórios e entre estes momentos os deslocamentos dentro do carro. A rua, esvaziada se torna

uma centralidade nova, aquela do *poder*. A este conceito, à prática que ele denota e justifica, convém dedicar a maior atenção”. LEFBVRE, Henri. *Le droit à la ville*. Paris, Anthropos, 1968, p. 21.

estrito lugar de passagem, destroem-se as relações de vizinhança, os moradores (consumidores) se encastelam cada vez mais em seus condomínios que lhes conferem um status. A constituição das chamadas novas centralidades, com a produção de novos centros de negócios, entretenimento, eventos, etc., assim como de novos condomínios residenciais, produz (ou tende a produzir) o que Jacques Lévy identificou nas cidades norte-americanas e denominou “eclipse da rua”, que consiste no esvaziamento de pessoas da rua e aumento do movimento de carros. Esta negação da centralidade concreta revela o processo contraditório de produção da cidade. Nesse sentido, segundo Lévy,

Na re-discussão contínua da relação custo/vantagem entre a cidade e as outras escolhas espaciais, certas funções desaparecem do urbano central, outras se reforçam. No conjunto, a indústria não demanda muito a centralidade e prefere trocar seu capital urbano (terrenos no centro da cidade) por vantagens financeiras. Até o presente, apenas uma pequena parcela dos habitantes combinavam a motivação e solvabilidade para reivindicar um desfrute do centro. As evoluções em curso parecem mostrar que uma demanda do centro de tipo moderno (há também uma persistência de um consumo “terceiro-mundista” da cidade) toca preferencialmente as atividades criativas, sejam elas individuais ou coletivas, com intenção econômica (produção de valor de troca), sociológica (dinâmica das relações sociais), psicológica (enriquecimento das relações interpessoais) ou política (cidadania)¹¹⁹.

Dessa forma, amplifica-se a contradição presente na vida urbana, pois as centralidades que se impõem no espaço contraditoriamente esvaziam o conteúdo concreto da centralidade, que é aquele da concentração das conquistas da civilização; das possibilidades do encontro da reunião; da cultura; da potencialização das formas de sociabilidade.

Podemos fazer um paralelo do avanço dos novos empreendimentos – novas casas de eventos e shows, concessionárias de automóveis, condomínios residenciais – no espaço de desindustrialização em foco, com a idéia de fronteira urbana elaborada por Neil Smith¹²⁰. Apesar desse autor trabalhar com a realidade dos países desenvolvidos, onde a desindustrialização em áreas urbanas ocorreu muito antes do que ocorreu aqui e os processos de reestruturação urbana tiveram uma dimensão mais generalizada, os processos que ele identifica nos dão elementos para refletirmos sobre a nossa realidade. Ele mostra como as transformações econômicas produzem transformações urbanas

¹¹⁹ LÉVY, Jacques. Centro da Cidade: Todas as Direções. Mimeo.

¹²⁰ SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. Tradução de Daniel Sanfelice. Edição original: Smith, N. Gentrification, the Frontier, and the Restructuring of Urban Space. In: Readings in Urban Theory edited by Susan S. Fainstein and Scott Campbell (Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996).

profundas; como o espaço urbano ganha maior importância para a constituição do que ele chama de fronteiras econômicas. Na nossa realidade “terceiro-mundista”, podemos afirmar que as contradições promovidas pela concretização das determinações econômicas capitalistas são ainda mais profundas que nos países desenvolvidos. São Paulo representa, em relação ao Brasil como um todo, o elo de ligação com a economia mundial, uma metrópole que vive processos generalizados mundialmente pelo capitalismo. A constituição de novas centralidades na metrópole paulistana reforça essa ligação a mecanismos mais gerais do capitalismo. Algumas áreas da metrópole são tomadas pelos agentes da valorização como fronteiras econômicas, onde as estratégias para essa finalidade atuam fortemente, vislumbrando a reprodução de grandes capitais. A condição de espaços explicitamente voltados à valorização do capital reforça-os na sua condição de mercadoria, inseridos nos mecanismos gerais da produção capitalista do espaço.

Neil Smith mostra como a idéia de fronteira (formulada por Turner em 1893) está ligada à expansão americana em direção ao oeste, significando uma expansão econômica no espaço e representando, ideologicamente, a expansão da civilização sobre a barbárie. Segundo ele, a fronteira urbana que verificamos hoje guarda o sentido de uma expansão econômica espacial e também resgata um sentido ideológico que se reporta à história, quando se trata da renovação de áreas centrais (gentrificação). Analisando a gentrificação como fronteira econômica, ele afirma que,

Hoje, o vínculo entre o desenvolvimento econômico e geográfico persiste, conferindo à imagem de fronteira sua atualidade, mas a forma deste vínculo é bem diferente. No que diz respeito à base espacial, a expansão econômica ocorre hoje não por meio da expansão geográfica absoluta, mas pela diferenciação interna do espaço geográfico (N. Smith, 1982). A produção atual do espaço ou do desenvolvimento geográfico é, portanto, um processo acentuadamente desigual. A gentrificação, a renovação urbana e o mais amplo e complexo processo de reestruturação urbana são todos parte da diferenciação do espaço geográfico na escala urbana; e, embora estes processos tenham sua origem em um período anterior à atual crise econômica mundial, sua função hoje é reservar uma pequena parte do substrato geográfico para um futuro período de expansão (Smith, 1984). E assim como no caso da fronteira original, a mitologia afirma ser a gentrificação um processo liderado por pioneiros e proprietários individuais cujo suor, ousadia e visão estão preparando o caminho para aqueles, entre nós, que são mais temerosos. Mas mesmo que ignoremos a renovação urbana e o redesenvolvimento comercial, administrativo e recreacional que vem ocorrendo, e concentremos-nos apenas na reabilitação residencial, é patente o fato de que, onde quer que os “pioneiros urbanos” se aventurem, os bancos,

as incorporadoras, o Estado e outros atores econômicos coletivos geralmente chegam antes¹²¹.

Nessa sua idéia de gentrificação como fronteira, Smith mostra quem tem o pioneirismo na renovação dos espaços centrais; assim como na fronteira do século XIX em direção ao oeste, os agentes principais deste processo são os grandes grupos econômicos, incluindo aí o Estado. Cria-se uma demanda por centralidade, inclusive lançando mão de uma série de dispositivos culturais que servem de base ideológica para a gentrificação. Fica claro que, para a realização do avanço do capital sobre o espaço, é sempre necessária uma grande e ostensiva carga ideológica. No entanto, este avanço sempre vai entrar em conflito com a irredutibilidade do espaço como dimensão essencial da vida. As estratégias do capital no espaço o negam como espaço da apropriação do corpo, como espaço de realização plena da vida, pois o preenche com mediações econômicas que balizam as normas e garantem a propriedade privada da terra. Segundo Smith,

Em primeiro lugar, a fronteira urbana é, antes de mais nada, uma fronteira no sentido econômico. As transformações políticas, sociais e culturais nas áreas centrais são amiúde intensas e são certamente importantes no que diz respeito à experiência imediata da vida cotidiana, mas elas estão associadas ao desenvolvimento de uma fronteira econômica. Em segundo lugar, a fronteira urbana é, hoje, apenas uma dentre várias fronteiras existentes, visto que a diferenciação interna do espaço geográfico ocorre em diferentes escalas¹²².

A fronteira urbana evidencia uma problemática espacial, produzindo um espaço em constante transformação, ela própria se configurando como uma transformação necessária do espaço para a reprodução capitalista. Nesse sentido, ainda segundo Smith,

enquanto a fronteira do século XIX representou a realização de uma *expansão geográfica absoluta* como a principal expressão espacial da acumulação de capital, a gentrificação e a renovação urbana representam o exemplo mais desenvolvido da *rediferenciação* do espaço geográfico com vistas ao mesmo resultado. É possível que, para compreender o presente, o que seja necessário hoje é a substituição de uma falsa história por uma geografia verdadeira¹²³.

Nos Estados Unidos, o processo de gentrificação significa a retomada dos espaços centrais pelos poderes econômicos hegemônicos, expulsando para a periferia as classes empobrecidas que habitam estes espaços. No caso específico de nossa pesquisa sobre um espaço de desindustrialização de São Paulo, se trata da constituição de novas centralidades promovidas também por poderosos agentes econômicos, voltadas para a

¹²¹ Idem, p.4-5.

¹²² Idem, p.5-6.

¹²³ Idem, p.6-7.

moradia e consumo (lazer, serviços) da classe média alta e alta, em espaços de desindustrialização, colocando em suspenso a permanência da população que aí mora, formada por uma classe média-baixa. Dessa forma, assim como nos Estados Unidos, em nosso estudo de caso o que está em jogo são também processos de renovação, requalificação e gentrificação.

Os fenômenos que observamos na metrópole paulistana nos permitem afirmar que os processos econômicos se espacializam produzindo e reproduzindo contradições. Os processos se realizam numa superposição de escalas – mundial, nacional e local. As determinações econômicas gerais (mundiais) se espacializam em uma determinada realidade nacional e mais proximamente ainda, numa realidade local. O âmbito da ordem próxima revela o aprofundamento das contradições que as lógicas mais gerais produzem. A reestruturação urbana aparece como uma manifestação do movimento geral da economia. Do ponto de vista deste movimento geral,

O que é novo, hoje, é a intensidade em que esta reestruturação do espaço se apresenta como um componente imediato de uma ampla reestruturação social e econômica das economias capitalistas avançadas. Determinado ambiente construído expressa uma organização específica da produção e reprodução, do consumo e da circulação, e conforme esta organização se modifica, também se modifica a configuração do ambiente construído. A cidade dos pedestres, afirma-se, não é a cidade do automóvel, mas de forma ainda mais significativa, talvez, a cidade do pequeno artesanato não é a metrópole do capital multinacional¹²⁴.

Mesmo nessas áreas em que o poder econômico produz a sua paisagem, o processo não é homogêneo, ele deixa as marcas dos outros usos e relações residuais que ainda se realizam aí. Entram em choque relações de diferentes temporalidades que são simultâneas no espaço da metrópole. Mesmo que muitas vezes o conflito seja escondido por estratégias ideológicas, ele está presente mesmo nas áreas de aparência mais moderna.

As áreas “deterioradas”, objeto da renovação, apresentam aos agentes da valorização, uma oportunidade econômica fundamental, que é o metro quadrado desvalorizado, o que lhes permite maiores ganhos (um rent gap) que em outras áreas mais valorizadas. O crescimento do setor de serviços contribui para a formação de uma demanda para os espaços de desindustrialização.

Já desde as décadas de 1960/70, com mudança no padrão da localização industrial, que passa a privilegiar as áreas periféricas às grandes cidades, áreas centrais

¹²⁴ Idem, p.8.

se desindustrializavam, propiciando uma grande disponibilidade de terrenos e edifícios para novos usos¹²⁵, possibilitando aos investidores urbanos maiores ganhos com o redensolvimento destas áreas centrais. Hoje, áreas industriais outrora periféricas e que se revelam como espaços de desindustrialização, se tornam objeto para a ação dos agentes econômicos da urbanização.

O aumento das atividades do setor terciário, assim como a necessidade do setor imobiliário de se expandir continuamente pelo espaço da cidade, gera um mercado para a gentrificação e a renovação urbana. A proliferação de centros de gestão concentrados, assim como a construção de novos condomínios para as classes média-alta e alta, a instalação de equipamentos de consumo cultural e de entretenimento voltados para o consumo destas classes, além da expansão dos espaços de lazer e de eventos em determinados locais da cidade, corroboram para a afirmação da tendência. Há uma relativa necessidade de concentração das atividades de gestão do capital, aproveitando uma infra-estrutura urbana centralizada em determinadas áreas – telecomunicações, transportes, restaurantes, espaços de convenções, hotéis. A localização das atividades de gestão torna-se fundamental, devido à necessidade de agilização de fluxos no espaço.

Com a possibilidade de separação entre as atividades de gestão e as atividades de produção das empresas industriais, através dos avanços técnicos e de transporte, mesmo o capital industrial e a sua gestão tendem à centralização em determinados lugares das metrópoles. As metrópoles, segundo Smith, são produtos da centralização das atividades econômicas mais dinâmicas. Acompanhando a história, essa centralização se dá inicialmente com as atividades industriais, posteriormente, se afirmam as atividades terciárias. Configura-se, nas cidades representativas do capitalismo mundial, um *“boom dos escritórios”* que refere-se à

continua centralização espacial dos centros decisórios mais importantes, assim como de uma miríade de serviços auxiliares a estas atividades: assessoria jurídica, serviços de publicidade, hotéis e centros de conferências, editoras, escritórios de arquitetura, bancos e serviços financeiros e muitos outros serviços relacionados aos negócios¹²⁶.

¹²⁵ É preciso ressaltar que a transformação do padrão de localização industrial nos países desenvolvidos ocorre anos após a 2ª Guerra Mundial. Isso implicou não só o direcionamento das indústrias para a periferia das cidades, mas também a industrialização de algumas áreas nos países do terceiro mundo. Em São Paulo, a industrialização pesada da década de 1950, resultado também dessa desconcentração industrial dos países avançados, ocupou áreas até então periféricas, principalmente no entorno das Avenidas Marginais dos Rios Pinheiros e Tietê e no entorno das rodovias. No entanto, o crescimento acelerado da metrópole incorporou essas áreas como parte da mancha urbana da cidade e hoje algumas delas figuram como áreas bem localizadas para a implantação das novas atividades econômicas que crescem no conjunto das atividades econômicas da metrópole, constituindo novas centralidades.

¹²⁶ SMITH, Neil. Op. Cit., p.15.

A reestruturação de áreas específicas da metrópole, tornada uma relevante produção econômica, reflete essa necessidade de concentração das atividades terciárias numa economia que se reproduz criticamente. As determinações produzidas no interior dessa economia crítica, produzem as suas configurações espaciais.

Enquanto que na cidade pré-capitalista foram as necessidades da *troca mercantil* que ditaram o movimento de centralização espacial, e na cidade industrial capitalista foi a aglomeração do capital *produtivo*, na cidade capitalista avançada são os ditames financeiros e administrativos que perpetuam a tendência à centralização. Isto ajuda a explicar por que certas atividades chamadas de serviços são centralizadas e outras são suburbanizadas, e por que a reestruturação das áreas centrais assume esta forma corporativa/profissional¹²⁷.

Devemos acrescentar a este encaminhamento, que em São Paulo inicia-se uma tendência de articulação de edifícios de escritórios com condomínios residenciais para um público composto primordialmente por funcionários hierarquicamente superiores das atividades terciárias.

Ainda acompanhando o raciocínio de Neil Smith, ele afirma que

A conclusão lógica da atual reestruturação, que permanece hoje incipiente, seria um centro urbano dominado por funções executivas, financeiras e administrativas de alto nível, habitações para a classe média e classe média alta, e um complexo de hotéis, restaurantes, cinemas, lojas e espaços de cultura oferecendo lazer a esta população. Em resumo, poderíamos esperar a criação de uma área de recreação burguesa, a Manhattanização social da área central para combinar com a Manhattanização arquitetônica que prenunciou a estrutura de empregos em transformação. A provável consequência disto é um deslocamento substancial da classe trabalhadora para os subúrbios mais antigos e para a periferia urbana¹²⁸.

O fundamento do processo está no fato de que a reestruturação urbana se assenta na formação de fronteiras urbanas potencializadoras de novos ganhos para as forças econômicas hegemônicas. Tais ganhos resolvem, momentaneamente, crises de acumulação que precisam ser equacionadas pelo sistema econômico. O processo de produção e reprodução do espaço é, portanto, balizado por desvalorizações e revalorizações necessárias e contínuas. As reestruturações, produzindo maiores ganhos em locais desvalorizados, produzem rearranjos espaciais, num processo que estabelece uma estabilidade aparente, mas que, por estar inserido numa economia essencialmente crítica, volta a produzir instabilidade. Assim, a valorização do espaço, sempre almejada

¹²⁷ Idem, p.17.

¹²⁸ Idem, p.20.

pelo processo do capital, necessita, contraditoriamente, da desvalorização para a recriação contínua de novas frentes de expansão para o capital.

Mapa 6 Áreas industriais em transformação

- Concentração industrial Tamanduateí
- Concentração industrial ABC
- Concentração industrial Zona Sul
- Concentração industrial Zona Oeste
- Vila Olímpia

- Limite da Região Metropolitana de São Paulo
- Rios e represas
- Ferrovias 2001
- Viário principal 2001
- Municípios do Estado de São Paulo

Limites administrativos: São Paulo (ESTADO), EMPLASA, 1994;
ferrovia 2001: São Paulo (ESTADO), CPTM, 2001;
viário principal 1997: GUIA MAPOGRAF, 1999; CESAD,
concentração 2001: Folha de São Paulo, 2001.

0 3 6 Quilômetros

Rodovias

Empresas das áreas de logística e distribuição começam a ocupar os espaços vagos de galpões ao longo das principais vias de acesso ao município (Anhanguera, Castelo Branco, Régis Bittencourt, Anchieta-Imigrantes, Dutra e Fernão Dias), principalmente no entorno do Rodoanel.

Barra Funda, Lapa e Vila Leopoldina

Tendência ainda em fase inicial de concentração de escritórios (alto padrão) na Barra Funda. Na Vila Leopoldina, comércio e residências devem substituir os galpões.

Zona Sul (Santo Amaro, Marginal Pinheiros e Jurubatuba)

Tendência de crescimento de prédios comerciais de escritórios ou de eventos nos galpões da marginal Pinheiros

Vila Olímpia

Plena concentração de escritórios de tecnologia na região mais próxima à marginal Pinheiros e no Itaim. Nas demais áreas, tendência de instalação de residências de alto padrão.

ABC - Tamanduateí

Indústrias ainda ativas, com alguma tendência de saída para outras regiões do país.

Avenida do Estado, Belém, Mooca e Tatuapé

Tendência de transformação de galpões em áreas residenciais, de todos os padrões, sobretudo do Brás à Mooca

Adaptado de: BIDERMAN, Ciro; GROSTEIN, Marta; MEYER, Regina.
São Paulo Metrópole. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p. 168.
Adaptação: GONÇALVES, A. F. e PADUA, R. F. (2007)

Mapa 6

Em diferentes momentos históricos, a industrialização constituiu eixos industriais que, quando se verifica a sua obsolescência, tendem a se tornar eixos desvalorizados, cuja revalorização dependerá, hoje, de sua acessibilidade e localização, para possíveis novos usos ligados aos setores mais dinâmicos da economia.

Dessa forma, podemos verificar neste mapa que há diferentes situações na reutilização de diferentes espaços de desindustrialização da metrópole¹²⁹. É patente a importância que espaços de desindustrialização localizados nas imediações da Avenida Marginal do Rio Pinheiros assumem no momento atual como possibilidades para a constituição de novas fronteiras econômicas na metrópole paulistana.

¹²⁹ Ver as considerações sobre os mapas 3, 4 e 5.

Mapa 7 Vetor de expansão de atividades do terciário

Áreas de concentração de escritório

- Centro - até 1950
- Paulista - de 1950 a 1960
- Cerqueira César, Itaim Bibi - de 1960 a 1970
- Faria Lima - 1970
- Vila Olímpia, Berrini, Alphaville Empresarial - de 1970 a 1990
- Marginal Pinheiros, Verbo Divino - de 1990 a 2000
- Marginal / Vila Leopoldina - 2000

- Limite do Município de São Paulo
- Municípios da Região Metropolitana de São Paulo
- Metrô
- ++++ Ferrovias
- == Rodoanel (trecho oeste), primeiro e segundo anéis viários
- == Sistema viário principal
- Rios e represas

FONTE:
Laboratório de Urbanismo da Metrópole - LUME.

FONTES BÁSICAS:
limites administrativos: EMPLASA, 1994;
metrô: SÃO PAULO, SECRETARIA MUNICIPAL DOS TRANSPORTES, 1996;
ferrovias: SÃO PAULO (ESTADO), STM, CPTM, 2001;
sistema viário principal: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO;
áreas de concentração de escritório por data: SECOP, 1996;
fotos: BASE AEROFOTOGRAFIA, 2001.

0 4 Quilômetros N

Adaptado de: BIDERMAN, Ciro; GROSTEIN, Marta; MEYER, Regina.
São Paulo Metrópole. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p. 184.
Adaptação: GONÇALVES, A. F. e PADUA, R. F. (2007)

Mapa 7

Este mapa mostra o processo histórico que nos permite levantar as hipóteses do trabalho. A partir da década de 1950, com o avanço da metropolização da cidade de São Paulo, há uma expansão das atividades terciárias do Centro Histórico em direção à Avenida Paulista, alcançando a Avenida Faria Lima, na década de 1970, continuando sua expansão em direção ao Itaim, Vila Olímpia e Berrini, que se consolidam como centralidades de negócios na década de 1990. No momento atual, verifica-se, como tendência, a continuação deste eixo sudoeste, chegando ao espaço de desindustrialização da Várzea de Baixo, ora estudado aqui.

Capítulo 4 – Refletindo sobre as transformações das relações sócioespaciais

Neste capítulo procuramos nos aproximar de uma forma concreta de nosso objeto espacial – a Várzea de Baixo, ou o fragmento industrial que se mostra hoje como um espaço de desindustrialização na metrópole de São Paulo e que se torna fronteira para investimentos dos agentes da valorização -, através da reflexão sobre a vida cotidiana das pessoas que ali vivem e trabalham (ou trabalharam).

Na reunião e análise dos dados primários recolhidos na pesquisa, verificamos que há, nas falas dos moradores, um “antes” e um “depois”. O “antes” se refere ao tempo, não tão distante temporalmente, e também não delimitado, em que as indústrias estavam em pleno funcionamento ali. O “depois” é o momento atual, o presente, em que a realidade industrial, em franco declínio naquele lugar, já está bastante modificada. A nossa análise buscou ordenar os fatos, incorporando parcialmente essa indecisão temporal de nossos informantes, já que se trata da reflexão sobre um processo que apresenta rupturas e continuidades e que, portanto, não é linear. Há modificações profundas, mas há persistências, algumas mais evidentes que outras, revelando um processo contraditório de integração/desintegração, no embate de diferentes lógicas no urbano.

Na análise, procuramos o maior número possível de elementos que evidenciam a contradição integração/desintegração no movimento de transformação da vida cotidiana das pessoas moradoras do fragmento. Devemos ressaltar, entretanto, que um esforço adicional se mostra necessário, que é a busca pelo terceiro termo desta relação dialética. Esperamos que a apresentação e análise de aspectos da vida cotidiana (do “antes” e do “depois”) no fragmento contidas neste capítulo, acrescentadas às derivações teóricas realizadas nas considerações finais, possam expressar o movimento triádico (dialético) da realidade social.

Apresentamos inicialmente algumas questões que perseguimos na análise do vivido no fragmento de estudo: sabemos que somente entenderemos os conteúdos da urbanização atual contrapondo à lógica da reprodução do capital, o movimento da reprodução da vida das pessoas na cidade. Mas, como atingir o vivido? Como a cidade é apropriada e ao mesmo tempo produzida por seus habitantes?

De um espaço industrial, o fragmento se transforma cada vez mais em um espaço de eventos e de shows, de movimento de carros, de concessionárias, enfim de serviços. Os operários (muitos) que se viam na rua, nas horas de entrada e saída das

fábricas e na hora do almoço, dão lugar a pequenos grupos de pessoas ligadas a serviços de escritório ou a serviços em geral (produção de eventos e shows, serviços automotivos nas concessionárias, etc.). Num primeiro momento, essas se revelam como as características gerais da transformação no fragmento.

Na Várzea de Baixo, os moradores atualmente são parte das permanências do predomínio industrial ali. Em sua maioria, são famílias migrantes, principalmente dos Estados do Nordeste, que vieram para São Paulo nas décadas de 1950/60/70, motivadas pela grande disponibilidade de emprego industrial e, trabalhando direta ou indiretamente na indústria, construíram raízes em São Paulo¹³⁰. O fragmento industrial da Várzea de Baixo representou a proximidade do trabalho ou o lugar de trabalho, para uma grande quantidade de operários. A cidade industrial que os migrantes encontravam, cada vez mais funcionalizada, criava-lhes possibilidades da sobrevivência, através de atividades em lugares específicos para elas. A cidade ia, assim, se fragmentando.

O fragmento, ao mesmo tempo em que se constituiu com grandes galpões industriais, se fez também com pequenas casas operárias, na sua maioria padronizadas. Pequenas casas assobradadas, com pequenos cômodos, onde as famílias, geralmente numerosas, viviam repartindo esforços entre aqueles seus membros que tinham idade para trabalhar. Entre as casas e as indústrias, no interior dos quarteirões, algumas vilas, com um pátio ou uma pequena rua envolvidos por casas. Com a expansão da economia, decorrente de todos os esforços empreendidos no Plano de Metas do Governo Juscelino Kubistchek, e decorrente principalmente da industrialização acelerada, a oferta de empregos era grande. Famílias migrantes já estabelecidas em São Paulo acolhiam outras famílias, conhecidas ou parentes da terra distante, na sua chegada e estabelecimento na metrópole industrial¹³¹. Para muitas destas famílias, desde a sua chegada, o espaço

¹³⁰ Muitos desses migrantes vinham de realidades rurais com grande concentração fundiária e sem oportunidade de acesso à terra. Realidades, portanto, bastante diferentes da realidade da grande cidade industrial na qual vieram viver. Vale ressaltar que todos os entrevistados moradores e ex-operários são migrantes ou descendentes, de primeira geração, de migrantes.

¹³¹ Através do relato de nossos entrevistados, verificamos que os laços familiares eram centrais para a motivação à migração, como para o estabelecimento das famílias migrantes em sua chegada à metrópole de São Paulo. Foi constatada tendência ao estabelecimento das famílias recém-imigradas na proximidade de famílias conhecidas ou com laços de parentesco, que haviam migrado antes. Assim, concentravam-se, no mesmo bairro, parentes, conhecidos e conterrâneos. Entre nossos entrevistados, temos: João Santos, baiano, migrou para São Paulo na década de 1970, permanecendo em casa de parentes por um tempo; estabeleceu-se posteriormente em Campo Limpo, onde se concentrou toda sua família (irmãos), que migrou posteriormente. Dona Julita, cearense, migrou em meados da década de 1960, com 16 anos; permaneceu em casa de conhecidos nos primeiros momentos em São Paulo; mudou-se para a Várzea de Baixo em 1976; posteriormente toda a sua família migrou para São Paulo, se concentrando em Santo Amaro. Dona Francisquinha, também cearense, migrou, já casada, com toda a família (pais, irmãos), se estabelecendo diretamente na Várzea de Baixo. Sr. Edvaldo, pernambucano, migrou para São Paulo com

industrial era a referência fundamental da vida na metrópole, o lugar a partir do qual passavam a realizar a vida de esperança que movera a migração: a fábrica, a rua, a casa apertada, os bares. As pessoas eram inseridas no trabalho da fábrica prontamente. Eram inseridas, portanto, na disciplina do tempo do relógio, na normatização das linhas de produção, na atividade repetitiva que acompanha o movimento das máquinas. Os turnos de trabalho preenchem as 24 horas do dia, as ruas se enchem periodicamente de operários saindo ou entrando das fábricas, há o movimento de ônibus nas ruas, os bares e restaurantes permanecem cheios nestes momentos. Apitos de entrada e saída, barulho das máquinas da produção. A produção das fábricas comanda o ritmo da vida. A vida familiar e o lazer possível (vivido nas brechas do tempo livre), realizando-se nos interstícios da vida do trabalho. A cidade grande representou a transformação radical de seus modos de vida anteriores, que, ou se perderam, ou foram reduzidos a resíduos cada vez mais massacrados pela vida da metrópole.

Não se trata de um mundo arrasado, sem possibilidades de realização do encontro, ou de sociabilidades mais imediatas, mas trata-se da constituição de uma vida fragmentada. Num processo que se realiza contraditoriamente, a industrialização potencializa a urbanização, e, portanto, faz aflorar novas possibilidades do urbano, mas ao mesmo tempo produz barreiras e nega a realização efetiva do humano na cidade, coisificando e alienando o trabalhador, separando-o das possibilidades de um trabalho que o emancipe. Ao contrário da emancipação, o trabalho industrial realiza a dominação da vida, cooptada em todas as suas esferas no sentido da produção-circulação-realização da mercadoria.

Não podemos abandonar, no entanto, as possibilidades do processo, aquilo que nele aponta o contrário da dominação, que é inerente à condição humana. Ao operário, estão destinados: a casa pequena, com cômodos apertados; o turno repetitivo e cansativo da produção na fábrica; as privações do consumo; a humilhação de todo o processo. Mas essa é uma visão parcial, pois mesmo dentro do processo, há os momentos de negação da dominação, que afloram nos encontros nos bares, no sindicato, no jogo de futebol com os colegas da firma, na conversa em casa, no observar o movimento de pessoas na rua, nas reuniões comunitárias com os vizinhos, nas brincadeiras das crianças na vila; e mesmo no sentido que o trabalho tem para a reprodução da própria

um irmão em 1961; o restante de sua família (pais, demais irmãos) veio um ano depois; estabeleceram-se diretamente na Várzea de Baixo, morando inicialmente na casa de uma tia, que os havia incentivado a migrarem.

família. A indústria desumaniza em certa medida, fragmentando o vivido, constituindo separações na vida cotidiana, etc., mas permite, contraditoriamente, a reunião, os encontros, ou seja, condições urbanas para a crítica à própria vida coisificada do cotidiano na metrópole¹³².

Dessa forma, o espaço industrial se revela também como espaço de apropriação, de criação de sociabilidades que se produzem inesperadamente, que escapam ao controle exercido pela indústria, que aparentemente domina completamente as esferas da vida. A vida como apropriação e construção de sociabilidades também se realiza. É um processo de construção de subjetividade frente ao mundo objetivo, o que produz uma consciência da própria condição. Dessa maneira, a alienação vivida no trabalho e também os momentos de negação do trabalho, levam à constituição de uma consciência que, em determinados momentos da vida cotidiana, revela as precarizações da própria vida, o empobrecimento das relações, as restrições ao uso da cidade. É a constituição de uma vida substanciada por um conformismo e uma resistência, que surgem concomitantemente nos espaços-tempos da vida cotidiana. A resistência, como mostra Chauí¹³³, se revela, sobretudo, no âmbito da vida familiar, onde estão as maiores possibilidades de apropriação, onde as pessoas, geralmente da mesma família, se relacionam de maneira mais imediata, compartilhando as experiências vividas no trabalho, na rua, que trazem todo tipo de dominação, através da jornada de trabalho, das normas impostas pelo Estado, das dificuldades impostas pela própria condição. O âmbito do familiar é aquele da proximidade e ao mesmo tempo é o espaço onde se escancaram as dificuldades de reprodução e as restrições à vida da família. Mesmo envolvida também pelo mundo da mercadoria, cuja mediação principal nesse âmbito é a televisão, a esfera do familiar permite a construção de subjetividade que dê sentido e costure a vida fragmentada do cotidiano, sendo fundamental, ao mesmo tempo e contraditoriamente, à reprodução do mundo da mercadoria. Por isso ficam evidenciados o conformismo e a resistência presentes na classe operária, exposta mais diretamente ao

¹³² Mesmo com todo o esforço proposto nas lutas sindicais na década de 70, verificamos que se configura, com a prática sócioespacial produzida no contexto da grande indústria, um modo de vida metropolitano, em que há um distanciamento entre as pessoas (mesmo em razão da vida massacrada de grande parcela da população), a exacerbação do individualismo, apesar da concentração de pessoas que há na metrópole. Por outro lado, a própria indústria propiciava momentos de proximidade entre os operários, seja no próprio período de trabalho, seja na entrada, na saída, ou nos intervalos do trabalho, como também no sindicato.

¹³³ CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

empobrecimento da vida, à precarização do trabalho, às instabilidades concretas da própria reprodução enquanto classe operária.

Hoje, o processo de produção industrial se reproduz, neste novo momento da economia, reestruturando-se, o que consiste numa ampla eliminação de empregos, junto com a precarização do trabalho industrial, e numa grande mobilidade espacial da planta industrial. O operário se contrapõe ao trabalho (ao capital) cada vez mais vulnerabilizado. A sua vida é cada vez mais despossuída de garantias, mesmo porque o emprego não é mais garantido.

Quando nos aproximamos do vivido na Várzea de Baixo, a noção de fragmento, com a qual estamos trabalhando desde o início do trabalho, ganha contornos mais concretos. O fragmento é uma noção e ao mesmo tempo uma delimitação, feita pelo pesquisador, do terreno de sua pesquisa. Enquanto delimitação carrega um caráter arbitrário, levado a efeito pelos limites próprios de uma pesquisa com base espacial. Enquanto noção teórica para se pensar a metrópole, o fragmento expõe as imposições lógicas que fragmentam a vida das pessoas que habitam, trabalham e vivem na cidade. Para Lefebvre, a noção de fragmentação compõe uma tríade, aquela da homogeneização/fragmentação/hierarquização¹³⁴ – que explicita a lógica da produção da cidade pelos agentes hegemônicos.

A noção de fragmento explicita a lógica presente na cidade, ao mesmo tempo em que pode apontar, com a sua negação, a necessidade da unificação dos fragmentos, latente na vida urbana. A especialização dos espaços da cidade se aprofunda, pois se aprofundam as estratégias que encampam o espaço no sentido de sua reprodução como mercadoria. O fragmento aqui estudado (identificado como Várzea de Baixo) é, nesse sentido, invadido gradativamente pelo consumo dos serviços modernos de ponta, que segregam, distanciam aqueles que moram no lugar há décadas.

A exposição, que busca expressar as transformações concretas do fragmento e o aprofundamento da fragmentação da vida cotidiana, se baseou diretamente no relato dos entrevistados moradores e/ou ex-operários e em outros dados recolhidos também em trabalho de campo. Procuramos contemplar temas que evidenciassem os espaços/tempos da vida cotidiana – vida privada/trabalho/lazer –, revelando as transformações nestas esferas, de maneira que possibilitasse um conhecimento mais concreto do processos analisados.

¹³⁴ LEFEBVRE, Henri. *Une Pensée Devenue Monde*. Paris: Fayard, 1980. Op. Cit.

a) Um fragmento industrial

Quando dizemos que a Várzea de Baixo já se constitui como um fragmento da metrópole, queremos dizer que o processo de industrialização que incorporou esta área à mancha urbana de São Paulo produziu ali, desde o início, uma vida cotidiana fragmentada, porque estritamente organizada de acordo com o tempo da produção das indústrias. Dentro das indústrias, o trabalho ao mesmo tempo extremamente parcelado, especializado e repetitivo reforça este sentido da fragmentação da vida cotidiana. A grande massa de migrantes vindos de diferentes lugares e de realidades muito diferentes vêem seu modo de vida se transformar radicalmente ao se inserirem na vida social da metrópole e no trabalho na grande indústria. Cria-se uma rotina que consiste no deslocamento da casa para o trabalho, no trabalho repetitivo da indústria, na volta para casa.

Eu entrava sempre 7 horas da manhã, então eu saía de Campo Limpo 6 horas, 6 e 10, chegava 7 horas lá [na indústria onde trabalhava, em Santo Amaro]. É perto o Campo Limpo de lá, você pegava a estrada do Campo Limpo ali, na época não tinha muito trânsito, mas quando você chegava na [Ponte] João Dias tinha um engarrafamento ali. O trabalho geralmente ia das 7 às 5 da tarde, eu chegava em casa às 6 e meia, 7 horas¹³⁵.

A rotina daqueles que moravam nas proximidades da indústria suprimia o tempo de deslocamento.

Eu trabalhava das duas às 10. Eu saía da minha casa vestida normal com capa já. Chegava, batia o meu cartão e ficava no pátio, não subia nem no vestiário, não precisava, porque eu trabalhava muito perto, eu morava ali na Carmo do Rio Verde e era na Laguna. Chamava, antes de eu terminar de fumar um cigarro, já estava tocando o sinal para você entrar. Você entra, a máquina está ligada para você já começar. É um trabalho muito ágil, que exige muita habilidade, muita atenção, porque você tem que ver se a solda está fria, se a solda queimou, se a máquina não está variando o material¹³⁶.

Os turnos de trabalho em muitas empresas completavam as 24 horas e a vida do operário era organizada por esses horários padronizados pela indústria. O tempo livre passado dentro de casa significava, para muitos, um tempo dedicado à reprodução da família, sobretudo para as operárias. Devido a essas obrigações com os afazeres domésticos e a falta de espaços públicos de lazer nas proximidades, o lazer em muitos casos era (é) vivido em grande parte dentro de casa. Para o operário (homem), as

¹³⁵ Entrevista com João Santos (ex-operário em indústrias de Santo Amaro).

¹³⁶ Entrevista com Dona Julita. Ela trabalhou muitos anos na Electro Plastic, que se situava bem próximo à casa onde ela morava na época. No intervalo de meia hora para a janta, às 6 horas da tarde, ela tinha tempo de ir até sua casa, onde comia alguma coisa e via suas filhas.

possibilidades de lazer eram maiores, pois não se viam presos às obrigações caseiras e saíam mais de casa para as conversas nos bares ou na padaria e para o futebol.

Verificamos, dessa forma, que a rotina do operariado revela as separações que se realizam na vida cotidiana¹³⁷. A vida na metrópole é vivida em espaços delimitados e tempos determinados pelo tempo do relógio. Assim, a vida do operário é determinada pela sua inserção no “*trabalho homogêneo e quantificado*”, que por sua vez se insere em “*uma divisão já muito avançada do trabalho social, tal que nenhum dentre eles [os diversos trabalhos] predomina, todos sendo solidários em um mercado*”¹³⁸. Neste trabalho homogêneo, quantificado, se revela a fragmentação do processo produtivo, nas funções repetitivas diante de máquinas, e no avanço indefinido da divisão do trabalho. “*A divisão do trabalho pode avançar quase indefinidamente, os gestos e tarefas parcelares se encadeando segundo um processo que escapa a cada trabalhador, mas que entra perfeitamente no caráter homogêneo do conjunto*”¹³⁹. Ao mesmo tempo,

Os trabalhos e atividades são estritamente hierarquizados, assim como os trabalhadores. A desigualdade reina no seio da equivalência, da comparabilidade e mesmo da conversibilidade. No alto, gestores, técnicos e tecnocratas. Na base, a massa de trabalhos divididos. Entre os dois, os controladores, supervisores, mestres. A cada nível sua hierarquia própria, o que se manifesta na escala das retribuições (salários, tratamentos, honorários)¹⁴⁰.

A vida do operário é organizada pela jornada de trabalho de oito horas (fora as horas extras, muito comuns), com um intervalo para alguma refeição, e ainda pelas horas do tempo obrigatório do transporte, quando o local de moradia é distante do local de trabalho. O lazer se realiza no tempo livre, ou seja, no tempo em que o operário não está no serviço, mas que praticamente fica restrito aos finais de semana, pois as noites acabam sendo o intervalo de descanso entre um dia de trabalho e outro. Em casa, a vida privada se revela, na família operária, como um momento privilegiado de apropriação, pois aí estão as maiores possibilidades de reconhecimento, de compartilhamento das angústias da vida vivida fora de casa¹⁴¹. Mas mesmo a vida privada é organizada pelas possibilidades de consumo que invadem este domínio o tempo todo, para o quê a televisão desempenha um papel importante. Assim, notamos que estes três momentos da

¹³⁷ Por outro lado, o encaminhamento do olhar voltado para a vida cotidiana, permite-nos enxergar a dominação, no trabalho, na vida privada e no lazer, mas também, permite-nos enxergar as transgressões, as pequenas subversões, os momentos de criação dentro da vida perpassada pela repetição, ou seja, os momentos de apropriação.

¹³⁸ LEFEBVRE, Henri. *Une Pensée Devenue Monde*. Op. Cit., p.143.

¹³⁹ Idem, p.145.

¹⁴⁰ Idem, p.146.

¹⁴¹ CHAUI, Marilena. *Conformismo e Resistência*. Op. Cit.

vida cotidiana formam uma unidade contraditória, pois cada um se realiza como negação e complemento do outro¹⁴². A vida privada e o lazer se colocam, na vida operária, como a reposição necessária das forças que o operário dedica ao trabalho, à produção. E mesmo os tempos de não-trabalho (principalmente no lazer) se tornam tempos produtivos no sentido da reprodução geral.

No cotidiano da família operária, a sua reprodução atribui um sentido ao trabalho repetitivo e estafante da fábrica. Apesar de toda dominação imposta pelo trabalho industrial, para a grande massa de trabalhadores, era o trabalho industrial que apresentava algumas garantias e melhores salários e que permitia, portanto, uma vida mais tranqüila para a família¹⁴³. Devemos considerar que se tomarmos o trabalho industrial do ponto de vista da reprodução da família operária, cria-se um sentido para o operário, apesar dele desenvolver uma relação de estranhamento com o trabalho coisificador da indústria. O sentido que a reprodução da família dá ao trabalho deve ser entendido como um dos irredutíveis dentro do espectro massacrante vivido pela classe operária na grande indústria. Contraditoriamente, esse sentido da reprodução da família como um irredutível, acaba se tornando, por outro lado, uma das garantias da reprodução geral da sociedade, pois o trabalho é mediação central para a sobrevivência.

No âmbito da moradia, algumas vilas operárias, se revelavam como espaços privilegiados para a sociabilidade entre moradores, apesar dos espaços restritos das casas para a reprodução familiar. Um dos nossos entrevistados, Júlio (27 anos), morador da área, nos contou como era a vida na vila onde viveu na infância e adolescência e que hoje está demolida e se tornou um terreno à venda. Era uma vila com vinte residências localizada na Rua Dr. Rubens Gomes Bueno, em frente à entrada principal da Bosch. Na entrada da vila havia pontos de pequeno comércio, entre eles a lanchonete de seus pais¹⁴⁴. Nessa vila, Júlio cresceu e fez amigos que permanecem até hoje, pois eram vinte famílias vivendo muito próximas umas das outras, em um espaço não muito grande, onde se reuniam muitas pessoas. Um lugar onde conviviam diferentes

¹⁴² Às vezes notamos algumas convergências entre a vida privada e o lazer, quando o lazer se restringe ao tempo livre passado dentro de casa. Mas geralmente o lazer é entendido como aquelas atividades realizadas fora de casa.

¹⁴³ É necessário ressaltar que as garantias e melhores salários se situavam em alguns ramos específicos da indústria, sobretudo no metalúrgico. Entre os nossos entrevistados há exemplos da atração que o emprego industrial exercia, para a classe média-baixa. Entre eles, Dona Julita conta o seu empenho em conseguir um emprego na indústria de material plástico onde trabalhou por vários anos, depois de permanecer um período longo trabalhando no comércio.

¹⁴⁴ A família de Júlio, desde seu avô materno, que emigrou do Ceará com toda a família (por motivos de desavença política), se estabeleceu na Várzea de Baixo e se especializou no ramo de bares e restaurantes ali. Seus pais hoje têm um bar na Rua Bragança Paulista e uma tia tem outro na esquina em frente.

costumes, pois as famílias eram procedentes de diferentes lugares do país. Como a vila era uma rua sem saída, com um paredão no fundo, era um lugar propício para as brincadeiras, o futebol, o esconde-esconde, etc.. Alguns dos moradores eram funcionários das indústrias próximas, mas havia também aposentados, autônomos, entre outras profissões. A família de Júlio saiu de lá alguns anos antes da vila ser totalmente desocupada e demolida. Ela pertencia a um senhor português que alugava as casas e que em certo momento (final da década de 1990), vislumbrou a possibilidade de valorização do terreno. Das famílias que moravam ali, a maior parte foi para “*depois da ponte João Dias*”¹⁴⁵, ou seja, para os bairros da periferia: Cipó do Meio, Jardim Santa Eduarda, Parelheiros, entre outros. Poucos permaneceram “*antes da ponte*”¹⁴⁶.

Ainda segundo Júlio, morar na vila favorecia muito a sociabilidade entre as pessoas em geral e em especial entre as crianças, pois a rua, fechada no fundo, permitia todo tipo de brincadeiras. Quando o espaço ficou pequeno para o jogo de futebol, que se realizava no fundo da vila, passaram a jogar na rua detrás da Bosch, depois das 18hs, quando era pequeno o movimento¹⁴⁷. Jogavam também no campo que havia no terreno da Bosch, nos fundos, que posteriormente foi destruído¹⁴⁸. Ainda sobre suas brincadeiras de infância, ele nos conta que os terrenos das indústrias que iam sendo desativadas se tornavam palco para guerrinhas de mamonas, esconde-esconde, enfim, brincadeiras que preenchiam o seu tempo e o de seus amigos.

¹⁴⁵ Na fala corriqueira das pessoas faz-se a distinção “antes da ponte João Dias” (a cidade), “depois da ponte João Dias” (a periferia).

¹⁴⁶ Segundo algumas entrevistas, há um certo fluxo de moradores em direção à periferia sul. Nota-se também uma relativa rotatividade de ocupação das casas. Por um lado, o local ainda se apresenta atrativo à moradia, por outro, muitas pessoas, por falta de condições financeiras, não conseguem permanecer ali. Com o fechamento e a saída de muitas indústrias, muitos dos antigos operários usam a indenização recebida para abrir pequenos comércios nestes bairros da periferia sul, geralmente na própria casa.

Também nesse sentido, Muitas são as relações das pessoas que permanecem morando ali com os “bairros” da periferia sul. Muitos moradores têm filhos, irmãos, conhecidos, que moram em diferentes locais desta região. As possibilidades de reprodução dos filhos das famílias da Várzea de Baixo e a constituição de suas próprias famílias, geralmente os encaminha para o seu estabelecimento nos “bairros” da periferia sul, já que ali o preço da terra é menor que na Várzea de Baixo. Para Sr. Edvaldo, cujo filho mora no Capão Redondo, alguns “bairros” da periferia estão melhores para moradia que ali na Várzea de Baixo, pois são mais “animados” e há maior integração entre as pessoas.

¹⁴⁷ Nesse trecho de rua hoje o movimento de carros aumentou consideravelmente, inclusive à noite, em razão dos shows.

¹⁴⁸ Hoje, com alguns desses seus amigos, companheiros das brincadeiras de infância, Júlio joga aos sábados em uma quadra de “futebol society” alugada, que ocupa um terreno de uma antiga indústria. A maioria desses seus amigos de infância mora hoje em outros lugares, como Cipó do Meio, Jardim Dom Bosco, Parelheiros, ou seja, não fincaram raízes ali, ou foram levados pelas circunstâncias a não fincarem suas raízes ali, mas permanecem residualmente ligados àquele lugar pelo lazer e o encontro com os amigos no final de semana. A atividade de lazer, o futebol, acaba reunindo-os e fazendo com que seus laços de amizade permaneçam estreitos.

Em outra pequena vila, onde mora outro entrevistado, Sr. Edvaldo, a sociabilidade entre vizinhos sempre foi forte, devido também à proximidade física das moradias, o tamanho pequeno das casas e o sentido de espaço comum que se dá ao pátio interno da vila. Mas, nos últimos anos, sente-se um esmorecimento desta sociabilidade, uma “perda de estímulo” para as pessoas se reunirem.

Antigamente, chegava numa época [como] agora [a entrevista foi realizada em dezembro de 2006], como vai [ser] uma época de festa, por exemplo Natal, Ano Novo (...) Aí, como a gente fazia? (...) Reunia todo mundo, a gente chegava numa dessas garagens aí que têm cobertura, colocava dois cavaletes, pegava duas, três madeiras, colocava em cima, forrava, cada um levava um prato. Então, era tão gostoso, você passava ali, ali você dava risada, (...) aquele convívio com aquelas pessoas era legal”¹⁴⁹.

Segundo ele (Sr. Edvaldo), essas reuniões ainda acontecem na vila, geralmente em datas especiais, como em jogos do Brasil em Copas do Mundo, ou em festas de final de ano, mas com menor participação dos moradores, seja pela situação financeira precária em que estão muitos deles, seja pelo distanciamento entre os vizinhos. Em alguns casos, este distanciamento se dá pela saída de antigos moradores e a chegada de novos, que não se integram com os outros moradores.

Aliado a isso, as pessoas mais antigas identificam uma piora nas possibilidades de lazer com o passar dos anos. Apesar da escassez de espaços públicos de lazer no fragmento, havia maior número de ocasiões em que as pessoas se encontravam e produziam momentos agradáveis e gratuitos de distração e divertimento. Além da privatização dos espaços de lazer, a violência é outro elemento apontado para fazer com que as pessoas se fechem cada vez mais em casa e se distanciem umas das outras.

Assim, mesmo que se verifique que a Várzea de Baixo já se constitui como um fragmento industrial, com poucos espaços públicos de lazer, notamos, através de algumas entrevistas, diferenças entre as possibilidades de lazer nas décadas de 60 e 70, principalmente, e as possibilidades de lazer de hoje. Segundo Sr. Edvaldo, o lazer antes era melhor, pois havia um número maior de ocasiões de reunir as pessoas¹⁵⁰. Uma dessas ocasiões era o futebol de várzea no final de semana, jogado em campos que foram gradativamente desaparecendo, com a densificação das construções, até não sobrar mais nenhum.

¹⁴⁹ Entrevista com Sr. Edvaldo.

¹⁵⁰ Os bares e padarias podem ser apontados também como espaços tradicionais de encontro para os moradores (principalmente os homens), mas mesmo nestes estabelecimentos há uma diminuição da reunião das pessoas do lugar, já que elas cada vez mais se fecham em suas casas.

Outro fato que corrobora para a afirmação de que ali já se constituiu como um fragmento da metrópole, pode ser notado no fato de que grandes hipermercados estão presentes na região há algumas décadas e são os principais lugares de compras dos moradores da Várzea de Baixo, inibindo os pequenos estabelecimentos de comércio. As grandes compras são feitas nesses hipermercados, como o Carrefour da Chácara Santo Antônio ou o Extra da Granja Julieta, para onde se vai geralmente de ônibus e se volta de táxi, quando não há nenhum carro de pessoas conhecidas ou com parentesco próximo disponível neste momento. No entanto, ainda permanecem alguns pequenos mercados, onde as pessoas compram produtos de necessidade mais imediata e há ainda uma feira tradicional que se instala todas as quintas-feiras nas imediações dos terrenos da subprefeitura.

b) O declínio industrial no fragmento

Enquanto na década de 1970 a indústria propiciava uma grande oferta de empregos, nos últimos 20 anos temos a destruição de uma grande quantidade de empregos industriais, ocasionada por reestruturações produtivas internas das empresas e, no caso do fragmento, também pela saída de muitas indústrias, o que faz com que a exploração do trabalho seja ainda mais profunda. Com isso, uma parcela do operariado é arrastada para fora do mercado de trabalho, para além do exército industrial de reserva, contradição esta que não é interna à indústria, mas situada no contexto geral de uma economia crítica, que resolve suas contradições produzindo e reproduzindo contradições. Esta é a totalidade (economia crítica) que está posta como fundamento deste processo, que produz suas implicações e se espacializa, de um lado produzindo novas formas espaciais “modernas” para abrigar novas atividades do setor terciário e por outro lado impondo maiores precarizações na vida de grande parcela da população.

Nesse sentido, como exemplo do profundo processo de reestruturação das indústrias, temos o caso de uma pequena indústria de material elétrico localizada no fragmento¹⁵¹. Esta indústria passou por um profundo processo de reestruturação há alguns anos, reduzindo funcionários - de um pouco mais de 100 para 35 - e reduzindo os salários - hoje os operários recebem cerca de 580 reais, incluindo os encargos e os custos de transporte. Este processo de reestruturação atingiu outros níveis da empresa, pois segundo o chefe de produção entrevistado, mesmo cargos de direção passaram por

¹⁵¹ Chegamos às informações sobre esta indústria através de uma entrevista com um chefe de produção da empresa. Esta indústria se instalou aí na década de 1980, vinda da região do Socorro, um pouco mais ao sul. Fabrica solenóides, sobretudo para fornecimento para uma indústria de elevadores.

cortes salariais profundos. Neste momento também houve renegociação do aluguel do terreno onde a indústria se situa, passando de 25.000 para 8.000 reais mensais. A maioria dos operários mora em Taboão da Serra e Embu, tendo que tomar diariamente três ou quatro conduções para ir e voltar do serviço. O funcionário nosso entrevistado ressaltou que há um índice baixíssimo de faltas e que os operários, em dias chuvosos, tomam precauções extras para não se atrasarem, saindo de casa mais cedo, ou tomando um número maior de conduções para chegar no horário. Ele nos disse ainda que os direitos de produção da empresa provavelmente serão vendidos para uma outra sediada em Cotia, e que nesse processo, a indústria atual encerraria suas atividades.

Na fala de uma outra entrevistada, Dona Julita, que trabalhou em uma grande indústria produtora de materiais plásticos, podemos vislumbrar a eliminação de empregos com as reestruturações realizadas no processo produtivo, quando ela conta a expansão da informatização da seção em que trabalhava nesta indústria:

Em 95 os robôs já entraram. Nós saímos de férias coletivas e quando nós chegamos tinha uma seção surpresa para nós, tinham 10 robôs (...). Mandaram embora muita gente, muita gente. [Os robôs] só para fazer sacola. Só o operador para colocar a bobina na máquina, ele fazia tudo pronto, ele vinha com a sacola pronta. O que eu fazia aqui, na frente dele? Olhar a solda, se a solda estava fria ou se estava queimada, olhar, fazer o controle e ver se a matéria-prima estava boa, só isso, e dobrar e colocar numa caixa aqui do lado, daqui da caixa do lado, ia até na do [meio] e pegava e colocava no palet já para a empilhadeira levar com a caixa pronta. Então isso foi tirando muita gente, porque numa máquina, na minha época, numa máquina, trabalhava eu nessa linha, trabalhava outra menina na outra linha, na frente tinha a máquina de solda que dobrava o material, e colocava na caixa, e soldava e jogava para a frente, tinha um ajudante na frente, para pegar e começar a fazer os pacotes e colocar na caixa e tinha o operador atrás, porque as máquinas são muito grandes¹⁵².

c) Um fragmento em transformação

Dia de show, noite. As ruas adjacentes à casa de espetáculos Tom Brasil estão lotadas de carros¹⁵³. Intenso movimento de manobristas, levando os carros do público para estacionamentos localizados em quarteirões próximos. Posto de gasolina se torna também estacionamento, assim como a frente das casas próximas. Há trânsito,

¹⁵² Entrevista com Dona Julita.

¹⁵³ Com a instalação da casa de shows e eventos Tom Brasil houve uma mudança no sentido das ruas nas suas imediações. Os objetivos destas mudanças foram: diminuir o número de acidentes no cruzamento em frente à casa de shows, pois se tratava de um cruzamento de duas ruas de mão dupla; facilitar o acesso dos manobristas aos estacionamentos localizados em algumas quadras próximas; evitar o excesso de ônibus urbanos e vans passando em frente à casa de shows; facilitar o acesso do público. Essas mudanças reforçam, entre outras coisas, o significado da casa de shows como um empreendimento voltado para a escala metropolitana, articulado à lógica da cidade do automóvel, onde o acesso do público consumidor por vias rápidas é uma das prioridades.

congestionamento. Por volta de uma hora da manhã, quando o show acaba, o movimento se repete. O movimento nas imediações, no entanto, não cessa, pois alguns bares funcionam de madrugada, acolhendo o pessoal que trabalha na casa de shows e que depende de vans e ônibus para ir para casa. Manobristas, baristas, garçons, pessoal de limpeza, etc., acabam fazendo pequenas refeições e se divertindo na madrugada nos pequenos bares próximos à casa de shows, esperando a hora da condução, que passa depois das 5 da manhã.

Esse processo traz novos consumidores do espaço e novos consumidores de novos espaços de consumo. Tanto a casa de eventos e shows Tom Brasil como a casa de eventos Villa Noah Embratel trazem para o lugar um público com alto padrão de consumo. Os dois empreendimentos se tornam efetivamente centralidades de eventos e shows na metrópole, mesmo não possuindo nenhuma identidade com o lugar em que estão inseridos. Representam o momento inicial de transformação da Várzea de Baixo em uma fronteira econômica. Equipamentos modernos que avançam sobre um lugar, como se fosse um espaço a ser conquistado (um espaço vazio), em um processo em que os que ali vivem não participam em nada dos serviços produzidos por esses empreendimentos, nem neles trabalham. Ou seja, esboça-se neste fragmento, através da instalação de equipamentos deste tipo, a tendência da sua transformação em um lugar de consumo de atividades do terciário moderno e de especulação por parte de investidores urbanos, mesmo que ainda guarde, em grande parte de sua área, a aparência de um espaço da grande indústria.

A instalação destes grandes equipamentos atrai outros serviços e coloca o lugar em evidência, contribuindo com a tendência de sua transformação em um lugar preponderantemente de consumo de serviços. Um lugar que se ata cada vez mais ao movimento de transformação das atividades econômicas da metrópole. Um movimento que indica a destituição deste lugar como lugar de moradia do proletariado, que acaba “restando” ali ainda, se reelaborando frente ao processo avassalador, reelaborando sua inserção no lugar, cada vez mais precarizada, interrompida.

Há, assim, uma transformação do espaço e dos fluxos no espaço. O espaço do fragmento vai sendo equipado para a realização desses empreendimentos ligados às atividades terciárias da economia, limitando ainda mais o espaço público do habitante. As ruas se tornam lugares não mais da familiaridade dos encontros desinteressados, mas o lugar apressado dos carros em passagem, do movimento do público que vem à casa de shows e vai embora, do movimento dos novos estabelecimentos requintados que

acompanham o movimento da casa de espetáculos. Enfim, separa ainda mais o morador de espaços habituais da sua vida na cidade.

Dessa forma, verificamos que a inserção dos moradores no processo se realiza, crescentemente, como segregação, em um processo que é incorporado por eles de maneira conflituosa. Ao mesmo tempo em que representa o “progresso” e a “prosperidade” (com novos elementos “modernos” na paisagem do lugar, um novo público frequentador, um movimento diferente, percebido principalmente através do movimento dos carros), representa também a maneira invasiva e incompleta do moderno, pois, quando os novos elementos passam a fazer parte da paisagem, manifesta-se o quanto eles não fazem parte do universo de relações que existiam e existem ainda ali. Se em um sentido este “progresso” representa o “desenvolvimento” econômico da cidade e do próprio lugar, passa a representar também, para o morador, o estranho que pode levar à negação daquilo que foi constituído em anos de vivência ali (das relações de vizinhança, dos costumes cotidianos). A própria permanência daquele local como local de moradia desta classe que “restou” fica abalado no processo, já que as lógicas que se impõem, se espacializam segregando aqueles que não fazem parte de seu público consumidor.

Este conflito, inaudito na fala dos moradores, é vivido como um mal-estar, através de práticas cotidianas que se contrapõem à transformação do lugar. A crítica ao processo, nestas falas, na maioria das vezes não é explicitamente elaborada, mas o movimento de transformação do lugar com seu conteúdo segregador é percebido e vivido pelos moradores.

Nesse sentido, a saída da indústria implica no desarranjo da teia de relações constituídas pelas pessoas que vivem ali. A fábrica era a mediação central das relações. A saída de fábricas significa o distanciamento entre colegas de trabalho, a perda de emprego, o fechamento de bares e pequenos pontos de comércio.

Esse mal-estar se revela também na percepção da desintegração (na paisagem e nas relações) provocada pela desindustrialização. O abandono da vila onde morou nosso entrevistado Júlio, por exemplo, hoje totalmente demolida, acompanha o movimento de desintegração da Rua Dr. Rubens Gomes Bueno, onde ela estava situada. Nesta rua, três pontos de pequenos bares, que funcionavam quando a Bosch operava, hoje estão fechados. Na parte da frente da vila havia alguns pontos de pequeno comércio (inclusive

a lanchonete dos pais de Júlio), que hoje têm suas fachadas emparedadas¹⁵⁴. Outras edificações desta rua, principalmente no trecho defronte ao edifício da Bosch, estão desocupadas, mas com um grau avançado de deterioração. Uma destas edificações é o antigo clube de funcionários da Bosch, com 5.000m², também colocado à venda pela empresa. Dessa forma, neste trecho de rua, podemos visualizar a paisagem que vai se constituindo com a saída de grandes indústrias como a Bosch, ao mesmo tempo em que os terrenos e edificações passam a representar uma possibilidade de especulação imobiliária diante de novas possibilidades econômicas vislumbradas pelos proprietários de imóveis. Tanto no que se refere às residências quanto ao pequeno comércio, há uma profunda desagregação em alguns pontos do fragmento, visível no plano da paisagem e que atinge sobretudo as relações sócioespaciais. As relações baseadas na proximidade entre vizinhos é quebrada, pequenos bares, espaços de sociabilidade habituais, são fechados. Hoje ainda resta neste trecho de rua um senhor com sua bicicleta, Sr. Sebastião, ex-operário, há anos vendedor de balas, que por força do hábito ainda faz ponto na porta da Bosch, hoje um lugar com pouco movimento, onde permanece algumas horas do dia.

Com a saída de grandes indústrias¹⁵⁵, uma das implicações observadas é, portanto, a desagregação do pequeno comércio, sobretudo dos bares que se localizavam próximos às portas das indústrias, ou próximos aos pontos de ônibus. Em locais específicos do fragmento, com a instalação de novos empreendimentos de serviços, alguns desses bares tentam se adaptar ao novo movimento criado. Esses pequenos bares¹⁵⁶, quando as grandes empresas estavam em funcionamento com toda a sua capacidade, tinham todos um bom movimento, dada a quantidade de operários concentrada. Na região da Rua Bragança Paulista, por exemplo, onde ainda hoje funcionam vários pequenos bares, estavam grandes empresas que encerraram suas atividades, como a Bosch, a Forin, Macotec, Marfex, além de outras empresas menores. Os pontos de ônibus, que são também um fator de atração, pois propiciam algum movimento em suas proximidades, foram deslocados. Dessa forma, no final da década de 1990, quando se acentuam essas transformações, o movimento nos bares começa a diminuir. Depois dessa fase crítica, os bares que restaram procuram se adaptar à nova

¹⁵⁴ Através das fotos podemos inferir os usos pretéritos desses pontos.

¹⁵⁵ Verificamos, através do trabalho de campo, que o recuo industrial nesta área não se refere somente ao fechamento ou à saída das indústrias, mas também diz respeito ao esvaziamento das indústrias em funcionamento. Há em grande parte das indústrias em operação um sub-aproveitamento dos seus galpões.

¹⁵⁶ Denominamos bares mas estes estabelecimentos são também lanchonetes e, no almoço, pequenos restaurantes.

realidade, ou seja, se adaptar para servir o público envolvido com as atividades de serviços e não mais os operários. Hoje, uma parcela considerável dos frequentadores desses bares é formada por funcionários de suporte do Tom Brasil, das demais casas de eventos, assim como de outros empreendimentos de serviços localizados próximos. Esse novo grupo de frequentadores é formado por garçons, cozinheiros, baristas, pessoal de limpeza, manobristas, além de pessoal de escritório de empresas próximas e os funcionários de uma grande concessionária de automóveis.

Alguns desses pequenos bares passam a funcionar em turno de 24 horas em determinados dias da semana em função dos eventos e shows, principalmente os do Tom Brasil. Os funcionários de suporte desta casa de espetáculos, citados acima, iniciam seu turno de trabalho no final da tarde, trabalham durante o show ou evento e terminam seu turno por volta de uma ou duas horas da madrugada, quando já não passam mais ali ônibus urbanos ou vans que os levem para casa. Deste horário até o momento em que o transporte coletivo é restabelecido, por volta das quatro e meia, cinco horas da madrugada, muitos destes funcionários permanecem nos bares, onde tomam um lanche, tomam cerveja, jogam baralho, se divertem. No entanto, o movimento do bar depende de como é a noite de trabalho para esses funcionários. Quando eles ganham uma boa gorjeta, o movimento é melhor, o que acontece geralmente quando é show. Quando é evento, por não haver venda de bebidas, os garçons não ganham comissão, apenas servem, o que diminui a possibilidade de consumo no bar depois do trabalho. Assim, dependendo do tipo de atividade da casa de espetáculos, os bares não ficam abertos a noite toda.

O movimento intenso dos funcionários nos bares próximos, no caso dos manobristas, não se restringe a depois de terminado o evento ou show, pois muitos deles, depois de estacionarem todos os carros na chegada do público, permanecem nos bares até a hora em que terão que buscar os carros na saída do público. Estes momentos de ida e vinda de manobristas entre a casa de espetáculos e os estacionamentos, assim como o movimento depois de terminadas as atividades da casa de espetáculos, manifesta-se como um novo movimento habitual do lugar que incomoda os moradores, que não reclamam da casa de espetáculos em si, mas do barulho vindo da rua com toda a agitação criada. Os bares que conseguiram usufruir dessas novas atividades do lugar vêem inclusive o movimento voltar, porém ao custo de um novo ritmo de trabalho, com o horário noturno e da madrugada.

O fato desses funcionários morarem em sua maioria em bairros da periferia da metrópole, como Capão Redondo, Piraporinha, Jardim Santa Eduarda, Parque Fernando, Jardim Ângela, Jardim Ingá, Grajaú, Pirajussara, Itapecerica, Zona Leste entre outros¹⁵⁷, e terem que esperar os ônibus voltarem a passar no final da madrugada, permite essa relativa prosperidade de alguns bares populares. Nesse novo horário, na madrugada, cria-se um novo espaço de encontro de novos trabalhadores de novas atividades ali. Mas só se cria pela precariedade do trabalho e do transporte para o retorno dos trabalhadores às suas casas depois de seu expediente.

Constatamos, assim, que as transformações ocorrem com relativa rapidez. Através do relato de Júlio, o mais jovem morador entre nossos entrevistados, muitos fatos que parecem estar distantes, ocorreram há aproximadamente 15 anos. Sua geração vive as transformações no momento em que está se formando e buscando sua inserção na vida social. Nesse sentido, há, quando os mais jovens vão se estabelecendo em novas atividades e constituindo sua própria família, um certo distanciamento, pois geralmente vão morar em outros lugares da metrópole¹⁵⁸.

Ao mesmo tempo em que se tem um distanciamento mesmo entre membros da mesma família, há, segundo o relato de alguns moradores, um distanciamento entre os próprios moradores vizinhos. A vida no fragmento fica excessivamente restrita à esfera da vida privada, inclusive os momentos de lazer. A rua, cada vez mais movimentada com carros, ônibus e vans¹⁵⁹, perde para os moradores o sentido de um espaço de sociabilidade¹⁶⁰. Eles reclamam do movimento excessivo de veículos e do barulho produzido por eles. É o processo de constituição de um lugar de passagem no contexto

¹⁵⁷ Para outros das novas atividades de serviços do fragmento também se verifica uma grande distância entre o local de moradia e o trabalho. Como exemplo, podemos citar: do pessoal de som do Tom Brasil, cujo serviço é menos regular, há funcionários que moram em Santos, Praia Grande, Mauá e Jundiaí; no serviço de mecânica da concessionária de automóveis próxima, há funcionários que moram em Osasco e Carapicuíba. Apesar da distância entre a casa e o trabalho já se verificar desde o início do processo de metropolização de São Paulo, observamos que hoje há, em muitos casos, um distanciamento ainda maior entre a casa e o local de trabalho, e, também em muitos casos, uma precarização do transporte para aqueles que passam a trabalhar em horários em que não há disponibilidade de transporte público.

¹⁵⁸ Com a mudança no tipo de emprego disponível no fragmento, famílias inteiras, antes concentradas aí, se dispersam, geralmente fixando moradia em diferentes lugares da periferia da metrópole.

¹⁵⁹ Com a construção do corredor de ônibus da Avenida João Dias, um grande número de vans foi transferido para as ruas interiores do fragmento, o que produz um intenso movimento destes veículos e um barulho constante durante todo o dia.

¹⁶⁰ Para alguns moradores, o movimento das ruas piorou muito qualitativamente, nos últimos anos. Quando ainda era um movimento basicamente industrial, haviam os momentos habituais da entrada e da saída de operários nas trocas de turno das indústrias. Nos finais de tarde, algumas pessoas permaneciam nas calçadas conversando, vendo o movimento e encontrando conhecidos. Hoje, como quase não há mais esse movimento de pessoas em troca de turnos, a rua se enche somente com o movimento intenso de vans e carros (inclusive à noite, em razão dos shows) e nas calçadas, o movimento se restringe aos pontos de ônibus.

da metrópole, o que a proximidade com a Marginal do Rio Pinheiros favorece sobremaneira, constringendo cada vez mais o morador da área¹⁶¹.

Com isso, os moradores ficam cada vez mais restritos ao âmbito da casa, de sua vida privada, inclusive realizando aí grande parte de seus momentos de lazer. No entanto, esta constatação seria incompleta se não reafirmássemos que o fragmento se constituiu, como já afirmamos antes, sem espaços públicos de lazer¹⁶². No interior dos terrenos das grandes indústrias geralmente havia campos de futebol, onde os times das indústrias promoviam seus campeonatos. Esses campos de futebol, no entanto, foram deixando de existir com o adensamento da ocupação dos terrenos e com a saída de muitas das indústrias. Hoje, o lazer ou se restringe ao espaço da vida privada, preenchido essencialmente pela televisão, ou ele é todo pago em locais específicos da metrópole. É o futebol com os amigos em campo alugado¹⁶³, com hora para começar e acabar; é o cinema no shopping; é o passeio no shopping; o clube que se paga todo mês. O lazer é realizado em espaços de consumo, não mais em espaços improdutivos, onde as relações se realizam sem tantas mediações.

Em todo esse processo de transformação, que envolve os espaços/tempos da vida das pessoas que ali vivem, um plano a ser considerado é aquele das representações. Com o avanço da construção dos novos condomínios de médio-alto padrão e com o avanço das atividades comerciais e de serviços, mesmo que o fragmento tenha ainda morfologicamente o aspecto de um espaço industrial, a idéia da transformação efetiva do lugar se difunde entre os moradores. No processo de produção do espaço da metrópole no momento atual, a idéia de transformação chega a ser algo inerente à própria concepção de metrópole hoje. A metrópole capitalista transforma-se continuamente, ora mais rapidamente, ora menos, e diferentemente em seus diferentes fragmentos. Há um movimento da paisagem, que é de destruição e reconstrução contínuas, movimento que é incorporado pelo habitante como representação, mas que é

¹⁶¹ Se quando as grandes indústrias estavam em pleno funcionamento o movimento nos momentos de troca de turno era de operários e de ônibus de operários, nas calçadas e nas ruas, agora o movimento de veículos se generaliza durante o dia e à noite, e as calçadas passaram a ficar vazias.

¹⁶² Os locais relatados por Júlio quando falou de sua infância não eram, em sua maioria, espaços públicos de lazer, mas espaços conquistados por ele e seus amigos para a sua diversão.

¹⁶³ Hoje a prática do futebol na Várzea de Baixo, assim como em grande parte da metrópole, está condicionada ao pagamento de um aluguel de um campo, com horário para acabar. O sentido de local de reunião de pessoas que os campos de várzea representavam se perdeu. Nesses campos, o futebol era a mediação para as pessoas (não somente as que estavam jogando) se encontrarem e se divertirem. O futebol, assim como outras esferas do lazer, foi incorporado à lógica da mercadoria e a sua prática se tornou consumo do espaço.

nocivo para a criação da identidade com o lugar. No fragmento, no momento atual, as pessoas já estão sofrendo de alguma forma os efeitos dessa transformação, que vai, fragmentariamente, se tornando mais concreta. Em alguns aspectos, parece-lhes boa, um “progresso” para a região. Por outro lado, há todo o incômodo novo provocado pelo barulho na madrugada, pelo movimento excessivo de carros, pelos engarrafamentos noturnos.

Dessa forma, a efetivação da tendência de valorização esboçada, que nesta pesquisa elaboramos como uma hipótese, abalará a possibilidade de permanência de muitos moradores na área, principalmente daqueles que não são proprietários de suas casas, como já induziu muitos moradores a procurarem outros locais de moradia¹⁶⁴. A representação da metrópole “moderna”, local de atividades comerciais e de serviços, com edifícios modernos, residenciais de alto padrão ou de escritórios, se confronta com as relações estabelecidas ali nas décadas de predomínio da atividade industrial¹⁶⁵. A permanência ali, de muitos aspectos da vida cotidiana dos moradores (inclusive a permanência deles próprios) não está mais garantida.

No plano da representação, o processo de transformação e a conseqüente valorização do fragmento¹⁶⁶ é ao mesmo tempo concreto e abstrato. Quando as atividades que apresentam maior dinamismo econômico na atualidade avançam nos espaços de desindustrialização, representam, num primeiro momento, um revigoramento da área, trazendo novas possibilidades de “dinamismo” do ponto de vista da “vocaço” desta rea no conjunto das atividades econmicas da metrpole (incorporao, pelos moradores, dos discursos ideolgicos sobre a cidade). No entanto, quando se instalam novos equipamentos urbanos com as suas implicaes sobre o ritmo do lugar, ou quando passam a ser construdos grandes empreendimentos residenciais e, ao mesmo tempo, se tem um galpo industrial de 47.000m² (edifcio da Bosch) venda no quarteiro vizinho prpria casa, passa-se a perceber o alcance segregador que podem ter os desdobramentos das transformaes.

Tambm na representao se manifesta o carter de classe, pois fica evidente que os novos equipamentos de servios e os novos condomnios residenciais so

¹⁶⁴ Como exemplo, muitos dos antigos moradores da vila situada na Rua Dr. Rubens Gomes Bueno que foi desocupada, demolida e seu terreno posto venda.

¹⁶⁵ Como mostramos no captulo anterior, outra tendncia, que hoje se articula com o avano dos setores comercial e de servios aquele da construo de condomnios residenciais de mdio-alto padro em grandes terrenos (industriais ou sem uso especfico) disponveis na regio.

¹⁶⁶ Esta valorizao pode ser medida nos terrenos onde esto sendo construdos os novos condomnios residenciais de mdio-alto padro.

voltados para uma classe com um padrão de consumo elevado, muito diferente daquela que ali mora. Ou seja, ao mesmo tempo em que muitos elementos da transformação do lugar estão dados e se concretizam no fragmento, a tendência à valorização mais generalizada não está explícita, mas passa a figurar na representação daqueles que ali vivem.

Queremos ressaltar que essa representação do lugar pelos próprios moradores muitas vezes os inclina a vislumbrar sua não permanência naquele lugar. Os novos condomínios residenciais os excluem de qualquer participação. Eles não frequentam as atrações do Tom Brasil, nem qualquer evento das outras casas de eventos da área; não vão ao bar mais requintado próximo à casa de espetáculos; não compram carros na concessionária próxima; não compram apartamentos nos novos condomínios residenciais; assim como não trabalham nesses novos empreendimentos de serviços. Dessa forma, avança a cidade que os segrega, que os mobiliza e que não lhes garante a permanência¹⁶⁷. Neste sentido, algumas áreas de moradia (casas operárias) são destinadas a novas atividades (sobretudo comerciais), ou são demolidas (como a vila onde morou nosso entrevistado Júlio) e postas à venda. Muitos galpões e terrenos outrora de uso industrial, que são utilizados como estacionamentos, ou que permanecem desocupados, são objetos de especulação fundiária fruto da tendência à valorização apontada.

Porém, também verificamos, nesse momento, algumas persistências e a criação de novos referenciais espaciais. Os moradores mais antigos, como o Sr. Edvaldo, apesar do distanciamento entre os moradores e das transformações do lugar, ainda conservam certos hábitos característicos de um contexto de proximidade (e, por que não, de identidade) com o espaço onde estão inseridos. Isso se revela na segurança com que Sr. Edvaldo fala do lugar e dos processos que vão transformando o lugar (as transformações nos usos do espaço). Na sua fala é comum a referência aos lugares familiares como “o bar do Raimundo”, “o bar da Socorro”, “a pastelaria da Dona Josefa”. Quando fala das indústrias do fragmento (inclusive daquelas onde trabalhou ou trabalharam seus parentes e conhecidos) há uma certa proximidade, sendo parte importante de suas referências do lugar. No quarteirão vizinho à sua casa funcionava a tecelagem onde trabalharam sua namorada (e depois esposa) e suas irmãs (o edifício

¹⁶⁷ Insistimos na não garantia da permanência (do local de moradia, de configurações espaciais, assim como de relações) como um empobrecimento da vida na metrópole porque ela é um elemento central na constituição da identidade dos moradores com o local onde moram.

desta tecelagem hoje abriga a casa de eventos Villa Noah Embratel); ao lado desta tecelagem funciona (até hoje) uma tecelagem onde ele trabalhou por 17 anos; vizinha de fundo da vila onde mora, havia uma metalúrgica onde seu pai trabalhou por muitos anos. Ou seja, as indústrias faziam parte de seu quadro de referências, mesmo porque tinha ligações concretas com elas. Agora, o vazio produzido pela saída de indústrias é preenchido pelos novos equipamentos que se instalam ali – o Tom Brasil, o Santa Esquina, o Clube Golfê, o Villa Noah Embratel... - que passam a fazer parte do quadro de referências das pessoas que ali vivem. No entanto, estes novos equipamentos se tornam referências mais abstratas do que as antigas indústrias, pois são espaços que negam qualquer apropriação por parte dos moradores. Podemos dizer que são equipamentos “alheios” ao entorno e aos moradores que ali estão. Enquanto nas indústrias este quadro de referências se substanciava em relações de proximidade, pois se fazia parte do processo industrial (e sempre havia parentes e conhecidos trabalhando nas diversas indústrias), agora nos novos equipamentos a referência se substancia em um alheamento, um estranhamento, pois nestes equipamentos os moradores não terão nenhuma participação ativa; apenas sentem (com uma relativa passividade) a transformação do ritmo, do movimento do lugar, assim como as transformações nas relações entre as pessoas.

Enquanto no trabalho industrial havia maior igualdade entre as pessoas, em sua maioria operários, agora cria-se uma desigualdade, referenciada na paisagem, que passa a contar, na vizinhança das casas operárias, com modernos equipamentos, bares, restaurantes, para o consumo de uma classe com maior poder de consumo. Os freqüentadores do Tom Brasil não vão aos pequenos bares, mas ao bar requintado instalado em frente à casa de shows. Assim como os moradores da área e trabalhadores das atividades suporte da casa de eventos não freqüentam o bar ou os restaurantes requintados que se instalaram ali recentemente. Fica claro que o público para estes novos empreendimentos, voltados para um consumo restrito, não incorpora, em nenhum de seus momentos, as pessoas que ali vivem. Por outro lado, como estamos salientando neste trabalho, estas novas atividades implicam o cotidiano dos moradores, pois, para sua realização, transformam o espaço da vida das pessoas. Sem serem incorporados, os moradores estão necessariamente implicados no funcionamento da casa de shows, que passa a ser uma referência do lugar e passa a fazer parte do dia-a-dia das pessoas, mesmo que elas nunca tenham entrado lá. Elas estão em contato com o movimento do

público, que mesmo antes dos shows pode se aglomerar na calçada¹⁶⁸, o que acontece também na compra de ingressos de shows disputados, assim como entram em contato com todo o movimento nas ruas e nas calçadas do entorno propiciado pelas atividades da casa de shows e eventos.

Na outra casa de eventos mais representativa do local, o Villa Noah Embratel, os eventos (sobretudo convenções de grandes empresas) provocam menor movimento nas ruas e um contato ainda menor com os moradores. Trata-se de eventos inteiramente internos, cujo contato com o entorno é quase nulo.

Alguns dos moradores identificam o processo de transformação como um crescimento do lugar, com novas e diversificadas atividades. No entanto, quando se faz um balanço do processo levando em consideração o fechamento de muitas indústrias, evidencia-se a esses moradores *“uma evolução para pior”*, pois traz novos transtornos ao seu dia-a-dia e, principalmente, devido ao desemprego provocado naquela área específica. Um fator importante para a compreensão da magnitude do desemprego é a própria paisagem composta atualmente por muitas edificações industriais desocupadas. Entre estas edificações, a da Bosch é a que mais impressiona e sedimenta a idéia do grande desemprego produzido no momento atual.

Para as pessoas mais velhas que permanecem no fragmento, as transformações que provocam mudanças radicais no âmbito da paisagem e das relações no lugar são vividas como perdas¹⁶⁹. Elas viveram tempos em que as referências espaciais eram mais perenes e as relações entre as pessoas, mais concretas. Para essas pessoas mais antigas no fragmento, muitos elementos do passado não existem mais. Amigos que não estão mais ali; casas de vizinhos que são transformadas para receberem outras atividades; nos bares não se encontram mais velhos conhecidos; o fluxo de veículos cada vez mais intenso. A fala das pessoas mais velhas, que viveram outros momentos da cidade, contém uma crítica ao processo de desenvolvimento da urbanização contemporânea. Elas viveram tempos passados em que havia maiores possibilidades de apropriação da cidade, o espaço era menos parcelado e privatizado, quando havia maiores

¹⁶⁸ Os moradores dão exemplo de shows de rock, cujo público é formado principalmente por jovens, que chegam muito tempo antes dos shows começarem e fazem bastante barulho. Em trabalho de campo, constatamos essa informação quando, na entrada do Tom Brasil, vimos três jovens que haviam passado a noite ali para garantir o primeiro lugar na fila do show de uma banda internacional, que se realizaria naquela noite.

¹⁶⁹ Entrevista com Sr. Guerreiro, 82 anos, mora há 48 anos na Várzea de Baixo; entrevista com o Sr. Edvaldo, 64 anos, mora lá há aproximadamente 35 anos; e conversa com o Sr. Sebastião, ex-operário e vendedor de balas. A percepção do processo de transformação como perda pode também ser identificada na fala de Júlio (27 anos), o mais jovem entre nossos entrevistados.

possibilidades de criação de identidades concretas com os lugares da vida. A contínua transformação, que favorece a não fixidez, produz relações cada vez mais efêmeras, constituindo identidades fluidas. A velocidade das transformações desestabiliza as relações pretéritas, destituindo os referenciais pretéritos das pessoas mais velhas. Sr. Guerreiro, percebendo o esvaziamento do lugar com o fechamento de muitas das indústrias, deixa claro o sentimento de perda que o processo provoca. *“Era bom, viu. Bom assim, pessoas. Bares estavam sempre cheios, tinha bastante motivação. Depois foram fechando, aí ficou assim como está agora”*¹⁷⁰.

Apesar de percebermos que geralmente são as pessoas mais velhas que identificam perdas no processo, o nosso entrevistado mais jovem (Júlio), também indica as transformações como mudanças qualitativas, que significariam um empobrecimento das relações sociais naquele lugar. Para ele, *“o bairro parece que se desenvolveu junto com as empresas e acabou junto com as empresas [industriais]”*. As transformações se evidenciam na mudança da dinâmica, do ritmo, dos hábitos. O que era habitual quando as indústrias estavam em pleno funcionamento hoje já não é mais. Júlio, nos explicando o que queria dizer com *“o bairro acabou”*, diz que

tinha mais gente ativa aqui, o bairro era mais cheio, tinha mais gente. Hoje não, hoje as pessoas aqui [estão] mais de passagem. Passou, vai embora e tal, e bem rápido. Alguma coisa acontece... tinham quatro famílias morando aqui [nas casas vizinhas ao bar onde realizamos a entrevista], então hoje já não tem mais quatro famílias porque alugou (...). Quando eu falo que começou e acabou, é nesse sentido, é mais assim, [de grupo] assim, de pessoas.

Segundo ele, diminuíram os moradores e aumentou muito o fluxo de carros. As casas que ficam desocupadas passam a ser ocupadas com outras atividades diferentes da residencial, ou se tornam objetos de especulação, desocupadas. Os moradores que são inquilinos já sentem a pressão de que, com as novas atividades, com a transformação da área, os proprietários possam requisitar suas casas, vislumbrando maiores ganhos com a venda ou o aluguel para as atividades comerciais e de serviços. Os moradores proprietários, segundo nos indicaram algumas de nossas entrevistas, já se vêem de alguma forma mobilizados pelo processo e inclusive já consideram a possibilidade de haver propostas de compra de suas casas para as novas atividades do lugar, mesmo porque entre esses moradores há alguma insatisfação com o barulho, o movimento de carros, etc..

¹⁷⁰ Entrevista com Sr. Guerreiro.

Dado o caráter efêmero das novas relações que se impõem na cidade, cria-se um mal-estar nas pessoas. Entre fatos do passado relatados, retemos uma relação que a expansão das relações baseadas no dinheiro gradativamente destrói – a relação de confiança, em que, na compra da casa da família, o negócio foi realizado baseando-se na palavra empenhada¹⁷¹. Logicamente já havia a mediação do dinheiro, do contrato, mas havia também um conteúdo de amizade e de confiança entre quem vendia e quem comprava. As relações pessoais de igualdade entre pessoas da mesma classe social - que partilhavam problemas comuns, pois viviam a vida de separações produzida pela indústria - criavam condições de construção de identidade das pessoas entre si e das pessoas com o lugar onde moram, onde trabalham. Para as pessoas mais velhas, o conflito presente na vida, muitas vezes inaudito, vivido como mal-estar, se dá no descompasso entre as relações do passado, baseadas em uma proximidade (ou a possibilidade de proximidade) entre as pessoas e o crescente predomínio das relações abstratas no momento atual.

Essas pessoas mais velhas manifestam a contradição da nossa modernidade. Houve um desenvolvimento técnico importante durante o século XX que propiciou melhorias para a vida humana, mas o homem está cada vez mais massacrado, pois o mesmo processo de evolução técnica elimina empregos, diminuindo as possibilidades de reprodução de uma ampla parcela da sociedade, configurando uma vida social extremamente instável para as classes empobrecidas.

¹⁷¹ Fato relatado por Sr. Edvaldo.

Considerações finais

É preciso recuperar o sentido do que perdeu o sentido, para compreender o todo, as contradições e sobretudo, o possível e as possibilidades
MARTINS, José de Souza. Depoimento, Espaço e Debates 42 (Periferia Revisitada), 2001, p. 80.

A pesquisa identificou um fragmento que hoje se manifesta como um espaço de desindustrialização na metrópole e vive um momento intermediário entre as atividades industriais (e suas relações, sua prática sócioespacial) e as atividades predominantemente terciárias, junto com novos condomínios residenciais de médio-alto padrão. Trata-se, portanto, do avanço de centralidades (de serviços, negócios, moradia da classe média-alta) sobre áreas onde há grande disponibilidade de terrenos, com acesso e localização privilegiados no espaço da metrópole. É o avanço da valorização, que se expande no espaço, produzindo novas espacialidades em espaços industriais desvalorizados em razão do uso industrial pretérito. Este avanço, que impõe um tipo específico de cidade só se expande através da mediação de um aparato ideológico produzido nas camadas hegemônicas e que é encampado pelo Estado – a ideologia do progresso, ou do crescimento ilimitado. No entanto, esse avanço não se dá sem conflitos, pois não se dá em um espaço vazio. Ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma área da cidade, que acompanha as transformações econômicas gerais, num processo que não é linear, pois contém contradições. Propõe-se como “desenvolvimento” da cidade, ou “modernização”, o que a pesquisa define como a produção e reprodução de contradições no urbano.

Trata-se da produção de novas espacialidades, que vão determinar novas temporalidades (plano das relações) em um lugar atado a relações construídas em outros momentos, que agora são negadas. Dessa forma, as implicações do processo, inicialmente com a saída das indústrias, e posteriormente com a tomada do fragmento como uma fronteira econômica em São Paulo, invade e desestabiliza a vida cotidiana das pessoas, modificando sua prática sócioespacial. Constatando essas implicações, verificamos que o avanço do “moderno” na cidade de São Paulo evidencia os limites da modernidade aí. A região sudoeste e principalmente as suas áreas de fronteira são exemplares nesse sentido.

A morfologia espacial mostra signos do moderno que se erigem na paisagem de São Paulo. Mostram, de maneira inicial a rapidez e a pujança das transformações espaciais da metrópole e indicam, num plano aproximativo, o conteúdo qualitativo

dessas transformações. Podemos afirmar que indicam a passagem da hegemonia do capital industrial para a hegemonia do capital financeiro, que passa a produzir novos “marcos” espaciais e outras relações, novas em relação ao predomínio da atividade industrial como elemento dinâmico da economia de São Paulo. Mostram também persistências e rupturas, tanto no que diz respeito à paisagem, como no que diz respeito às relações sociais que se desenvolvem, se recriam, desaparecem ou permanecem. Nesse sentido, evidencia-se a contradição da modernidade na metrópole, visto que, aparentemente (ideologicamente), vivemos um processo de modernização, mas em que termos a modernidade se realiza em São Paulo? O processo que se vislumbra é aquele do aprofundamento da transformação de áreas no sentido da formação de novas centralidades (ou expansão de centralidades), incluídas numa dinâmica internacional em inúmeras esferas, com equipamentos sofisticados para o seu suporte, edifícios inteligentes, etc. Ao mesmo tempo temos a precarização maior de parcelas grandes da sociedade, que se vêem cada vez mais segregadas socialmente e espacialmente da cidade, assim como se vê um empobrecimento geral da sociedade. Nesse sentido a reflexão sobre a qualidade da modernidade em São Paulo é uma reflexão interessante para pensarmos em que termos está posta a espoliação urbana nos dias de hoje. Assim, poderíamos afirmar que há cada vez mais a incorporação de elementos do moderno em São Paulo, no entanto o processo mais geral é aquele da reprodução de uma modernidade incompleta, que não consegue realizar as possibilidades produzidas pela modernidade (os direitos fundamentais). É uma modernidade que não incorporou a crítica moderna ao processo histórico e assim se reproduz reproduzindo condições sociais precárias¹⁷².

No processo de transformação em que as relações econômicas (de uma economia autonomizada) se expandem, o cidadão¹⁷³, aquele que habita a cidade, se torna cada vez mais um consumidor, e se vê cada vez mais coisificado, componente de uma massa, diante de um mundo de coisas e que reproduz estas coisas. As diferenças se perdem na homogeneização imposta pela mercadoria, a partir da reprodutibilidade técnica da mercadoria, na constituição do mercado para realizar as mercadorias. A cidade, lugar da concentração, de pessoas, de símbolos e equipamentos coletivos, de configurações espaciais diversas, assim como centralidade de elementos estruturantes da

¹⁷² MARTINS, José de Souza. *Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

¹⁷³ O conteúdo da cidadania, que remete à apropriação concreta da cidade pelos cidadãos, é, hoje, crescentemente esvaziado.

vida social – nas esferas do social, político, econômico, é tomada pelos processos da reprodução econômica, que passam a determinar crescentemente a reprodução da vida social. A cidade se torna mercado, vitrine para os produtos, lugar essencial para a realização das mercadorias¹⁷⁴, ela própria é tomada como mercadoria. O entendimento da produção do espaço, do urbano e do cotidiano tornados forças produtivas passa a ser um procedimento central para o entendimento da sociedade moderna. Dessa forma, afirma-se a importância da reflexão sobre o espaço inserido no processo de reprodutibilidade técnica, que se acentua no processo histórico do capitalismo, que produz a necessidade, no âmbito das esferas econômicas hegemônicas (que se difunde para toda a sociedade) da produção de espaços produtivos, construídos com finalidades específicas, voltados para o lucro, para a reprodução do capital. Afirma-se com isso, a subordinação irrefreável e profunda de espaços “privilegiados” no contexto urbano à lógica do mercado, constituindo-os como centralidades econômicas, fazendo avançar a valorização, criando raridades do espaço.

Nos deparamos, portanto, com a reprodução do espaço urbano, no sentido de que a produção de novas espacialidades está inserida numa lógica (capitalista) inerentemente reprodutível (a sua realização é ao mesmo tempo a sua reprodução). O espaço urbano (sobretudo) é tomado como campo de estratégias da reprodução social.

Para os habitantes, a lógica presente é aquela do ponto de vista da cidade como lugar de moradia, da reprodução da família, onde estão os lugares habituais essenciais que compõem a vida social. Há aqui também, resíduos de uma espacialidade da proximidade, da apropriação. A casa tem um papel fundamental nesse sentido. No espaço da casa se preserva um estilo, uma singularidade, balizada no cuidado com o lugar onde se vive, um lugar de apropriação, onde se revela a irredutibilidade da dignidade do morar (habitar). Em várias falas recolhidas nesta pesquisa, a casa aparece como lugar que substancia a permanência, a referência central a partir de onde se vê o mundo, onde está resguardada uma identidade com o lugar e com as pessoas próximas. Desdobrando esta idéia da casa, há a família e a sua reprodução e há o trabalho, que garante a reprodução da família. Ou seja, a partir da casa e da família, se unem os demais fios que amarram a vida fragmentada. Nos outros espaços e momentos da vida cotidiana, a instabilidade está escancarada.

¹⁷⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

Encaminhamos nossa investigação no sentido de captar momentos da vida cotidiana no espaço de desindustrialização em questão porque este nível se mostra como fundamental para entendermos a vida na metrópole e entendermos a sociedade moderna. Para Lefebvre,

tratando-se do cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos¹⁷⁵.

A vida cotidiana se apresenta, para este autor, como resíduo e produto da sociedade como um todo, sendo a esfera onde se realiza a produção e reprodução desta sociedade. Assim, o cotidiano tem dois lados, ele é ao mesmo tempo miséria (reino do número) e grandeza (apropriação do corpo, do desejo, do espaço, do tempo). Nesse sentido, a cotidianidade, que se revela como a dominação da vida, a organização, a cisão em fragmentos, ela se torna, segundo Lefebvre, um conceito fio condutor para se conhecer esta sociedade¹⁷⁶.

Com isso, a pesquisa sobre um espaço de desindustrialização que passa por transformações que tendem a ser profundas, que tem por hipótese o aprofundamento da fragmentação da vida cotidiana no desenvolvimento da urbanização contemporânea, teria que encarar a questão da organização da vida cotidiana. Foi esse o intuito ao trazer a análise dos relatos daqueles que vivem ou viveram aquele espaço e a realidade industrial e o seu declínio.

Mostra-se necessário nesta pesquisa a reflexão sobre a apropriação do espaço, sobre as relações de imediatividade, que nos permitem pensar a prática sócio-espacial na metrópole (dimensão do uso). O morador da metrópole vive uma vida cotidiana fragmentada, pois os tempos e os espaços de sua vida são organizados, cindidos e disciplinados por uma lógica que produz um estranhamento do habitante com a cidade¹⁷⁷. A metrópole unifica os momentos da vida cotidiana de forma fragmentada, numa unificação que é imposta pelas altas esferas da sociedade. Segundo Amélia Damiani, o que está posto é a sobrevivência precária.

Como 'viver' fragmentos? Primeiro, a consideração de que está posta a negação da vida; em segundo lugar, além de todo tipo de normatização, para regular os comportamentos, que são formas de 'viver' os espaços e tempos

¹⁷⁵ LEFEBVRE, Henri. *Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ática, 1992, p.35.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ CARLOS, Ana Fani Alessandri. Habitar é deixar rastros. In: *Espaço-Tempo na Metrópole. Fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

reais, um estetismo preenche os vazios reais, os interstícios entre os fragmentos. Isto é, a ideologia do crescimento, do progresso que a cidade significa, com todo o aparato de transportes e serviços presente; os lazeres no urbano e fora dele, prolongando-os; a propaganda, vendendo não só produtos, mas um ‘modo de vida’ familiar ao significado da cidade, ou até, num reflexo invertido, próprio do que seria a anticidade; os discursos sobre a metrópole e o seu elo com o moderno, com a mudança de vida, com a possibilidade de emprego etc”¹⁷⁸

Mais adiante, ela escreve: “*a tragédia deste momento da civilização moderna é que se sobrevive ocupando somente fragmentos. Vive-se negando a própria vida social possível*”¹⁷⁹.

Aí mostra-se a condição revolucionária de se juntar os pedaços, de maneira que se possa viver a cidade como totalidade, o que de certa forma acontece residualmente, nas pequenas subversões que se realizam na vida cotidiana.

No entanto, quando consideramos que as transformações na metrópole levam ao aprofundamento da fragmentação, é porque estamos diante do fato de que a

apropriação do espaço para a vida, que vai se transformando em função das estratégias do poder e do capital no espaço, modifica a vida na metrópole, aparecendo pela imposição de um novo modo de apropriação do espaço, bem como novos modos de agir, sentir e perceber”¹⁸⁰.

Dessa forma, as transformações que se espacializam na cidade, propõem uma contínua reestruturação no espaço-tempo da vida dos habitantes da metrópole. No caso do espaço de desindustrialização, as transformações se impõem sobre as relações estabelecidas com a prática sócioespacial (já fragmentada) produzida pela indústria. Enquanto espaço industrial, a Várzea de Baixo caracterizou-se como um fragmento da metrópole, pois o que unia a vida social ali não era uma paróquia, uma praça, ou um campo de futebol, mas a indústria. A indústria era o referencial dos operários e moradores, dos donos de bares tradicionais.

O fragmento é o lugar formado de acordo com a espacialidade industrial, sem história. É o lugar sem tradição, ou cuja tradição criada é aquela ligada ao trabalho repetitivo e alienante da grande indústria. Da mesma forma, é um lugar desprovido de estilo, pois é a lógica do trabalho industrial que impera e medeia as relações. Neste fragmento, a memória dos moradores está ligada ao trabalho e às dificuldades da vida (a

¹⁷⁸ DAMIANI, Amélia Luísa. A Propósito do Espaço: Algumas Hipóteses. In: Revista Cidades, volume 1, número 1, Presidente Prudente 2004, p.91.

¹⁷⁹ Idem, p.92.

¹⁸⁰ CARLOS, Ana Fani Alessandri. “Habitar é deixar rastros”. In: *Espaço-Tempo Metrópole. Fragmentação da vida cotidiana*. Op. cit., p.217.

reprodução da família, o cansaço do dia-a-dia da indústria, as privações) e ao lugar em transformação. O conteúdo da formação da identidade aí está ligado à instabilidade da vida operária, que agora é mais instável que nunca, quando, mesmo a permanência do local de moradia está abalada. Mas, conforme Martins, *“a memória é também a memória da alegria, dos momentos de alegria, que dão sentido ao trabalho e às privações dele decorrentes”*¹⁸¹.

Ou seja, estamos nos referindo a um espaço homogêneo, produzido de acordo com um espaço-tempo organizado pela indústria, que somente adquire um sentido se pensado no contexto da metrópole de São Paulo. Apesar da condição de espaço da indústria, ali se realiza a vida de muitos moradores, que constroem uma identidade e uma memória, que muitas vezes revelam a subversão da organização e controle impostos pela realidade industrial. Encontramos alguns momentos de pertencimento na fala dos moradores, por exemplo quando se fala dos antigos vizinhos, da vida tranqüila de outrora, dos lugares que frequenta há muito tempo, como pequenos comércios (bares, açougue, armazém) onde se faz compras. Para os moradores mais antigos, as mudanças da cidade aparecem como perdas, pois eles ainda viveram uma cidade onde a vida tinha menos mediações do dinheiro¹⁸². O processo em curso hoje se mostra como um momento de desencontro de tempos que coexistem, simultaneamente, no urbano.

Neste espaço já organizado pela indústria, mesmo na morfologia, quando agora se revela como espaço de estratégias, a vida dos moradores fica cada vez mais reduzida, pois, ao haver o aprofundamento deste espaço, não como espaço da vida destas pessoas, mas como espaço vazio (para o poder) e campo de estratégias para a realização da acumulação ampliada, cria-se cada vez mais barreiras para a realização das potencialidades da vida urbana. Com isso, notamos através das falas dos entrevistados, que a vida é preenchida cada vez mais por privações e que as possibilidades de apropriação, as relações de imediatividade, se restringem muitas vezes ao nível da vida privada.

No percurso da pesquisa, chegamos também ao fato de que a metrópole evidencia diversas temporalidades coexistindo contraditoriamente (simultaneidade do

¹⁸¹ MARTINS, José de Souza. Depoimento. In: Espaço e Debates, 42 (Periferia Revisitada). São Paulo: NERU, 2001, p.83.

¹⁸² O desenvolvimento das grandes cidades no capitalismo se caracterizou como o desenvolvimento das relações monetárias, reduzindo as diferenças qualitativas em equivalentes quantificáveis, o que implica um aprisionamento dos sentidos humanos, o que limita as possibilidades de apropriação. Um texto interessante neste sentido é o de SIMMEL, Georg, As Cidades Grandes e a Vida do Espírito. In: CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005, 6ª ed.

urbano). Na explicitação da noção de formação econômico-social retomada por Lefebvre, Martins mostra que esta noção revela as diferentes temporalidades.

Essa noção já carrega consigo, na descoberta de Lefebvre, o intuito de datação das relações sociais, a indicação de que as relações sociais não são uniformes, não têm a mesma idade. Na realidade coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro. Nem todas as relações sociais têm a mesma origem. Todas sobrevivem de diferentes momentos e circunstâncias históricas¹⁸³.

Na metrópole essas diferentes temporalidades são unificadas de maneira fragmentada, o que revela o desencontro entre o econômico e o social, quando nos deparamos com a não realização das possibilidades do próprio homem¹⁸⁴. Para Martins, *“no vivido se faz de fato a combinação prática de coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas”*¹⁸⁵. Ainda segundo este autor, *“quais são as raízes dessa coexistência? O atraso do real em relação ao possível, o social em relação ao econômico”*¹⁸⁶. Nesta perspectiva, há uma tensão presente na vida das pessoas e da sociedade com essa coexistência de diferentes tempos, abrindo possibilidades para uma práxis revolucionária que nasce da necessidade de se juntar os fragmentos¹⁸⁷.

A necessidade latente de união dos fragmentos, manifestada nos momentos em que afloram na vida os irredutíveis (ou os resíduos) e no conflito entre a realidade e os possíveis presentes na vida urbana, faz com que o processo não se feche na contradição integração/desintegração. Na prática sócioespacial está evidenciado o conflito no processo de transformação dos espaços-tempos da vida cotidiana. O conflito e a necessidade latente de união dos fragmentos negam o processo lógico e dialético expressado na contradição integração/desintegração, revelando a necessidade de construção de centralidades concretas no urbano contemporâneo. Um possível terceiro termo desta oposição seria a re-integração, que de um ponto de vista é a ligação ainda mais aprofundada do lugar aos circuitos mais dinâmicos da economia; por outro ponto de vista, e contraditoriamente ao primeiro, por dentro do processo podem aflorar elementos que o negam, apontando para uma superação da fragmentação, em devir, tendo em vista a necessidade, cada vez mais latente, da reunião dos diversos fragmentos da vida urbana. Quanto mais aprofundada a fragmentação, maior o mal-estar, maior o

¹⁸³ MARTINS, José de Souza. As Temporalidades da História na Dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de Souza (org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996, p.15.

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Idem, p.21.

¹⁸⁶ Idem, p.20.

¹⁸⁷ Idem.

conflito e mais latente a necessidade da união dos fragmentos e de criação de verdadeiras centralidades no espaço urbano da metrópole. A negação da desintegração do lugar partiria da crítica, a partir da vida ainda mais fragmentada, aos novos ritmos impostos pelas novas atividades, pelas novas relações superficiais (vazias de conteúdo humano) que tomam o espaço.

As irredutibilidades e resíduos presentes em todos os momentos da dominação da vida¹⁸⁸ potencializam ainda mais a negação do processo de expansão das dinâmicas econômicas sobre o espaço da cidade, evidenciando a necessidade “*de reatar os vínculos entre o real e o possível*”¹⁸⁹ – reintroduzindo no horizonte o uso pleno do espaço, a apropriação em novos termos, pois baseada em novas condições históricas devido ao desenvolvimento das forças produtivas. Contraditoriamente, a metrópole não se reproduziria, se as lógicas econômicas, que a recorta, privatiza, criam centralidades vazias, se realizassem plenamente. As irredutibilidades inerentes ao fato do espaço ser uma dimensão essencial da vida humana fazem com que o processo não seja fechado e sim contraditório, repleto de conflitos e também de possibilidades de superação (a inversão das lógicas – criação de espaços improdutivos, de encontro, de realização plena das conquistas da civilização, reconquista do centro pelos cidadãos, reelaboração de um estilo, na busca pelo direito à diferença, etc.). Ou seja, a possibilidade de constituição de uma prática sócioespacial revolucionária, mesmo com todo o peso da dominação, que partisse em busca de caminhos em direção ao direito à cidade, à vida na cidade como busca da totalidade.

¹⁸⁸ LEFEBVRE, Henri. *Metafilosofia*. Op. Cit.

¹⁸⁹ MARTINS, José de Souza. Depoimento, Op. Cit., p. 81.

Bibliografia

a) Livros e artigos acadêmicos

ANDRADE, Margarida Maria de. *Bairros Além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Mooca e Belenzinho*. Tese de Doutorado, DG – FFLCH – USP, 1991.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas / São Paulo: Editora da Unicamp / Editora Cortez, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

BERARDI, Maria Helena Petrillo. *História dos Bairros de São Paulo – Santo Amaro*. São Paulo: Prefeitura Municipal / Secretaria de Educação e Cultura / Departamento de Cultura, 1981.

BOTELHO, Adriano. *Do Fordismo à Produção Flexível: A produção do espaço num contexto de mudança das estratégias de acumulação do capital*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia-FFLCH-USP, 2000.

_____. Do Fordismo à Acumulação Flexível - a produção do espaço em um contexto de mudança das estratégias de acumulação de capital. In: GEOUSP - Espaço e Tempo, n.10, Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2001.

_____. *O financiamento e a financeirização do setor imobiliário: uma análise da produção do espaço e da segregação sócio-espacial através do estudo do mercado da moradia em São Paulo*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia-FFLCH-USP, 2005.

BRUYELLE, Pierre. Désindustrialisation, mutations technologiques et transformations internes des entreprises. In: Revue Belge de Geographie, 116ème année, 1992, Fascicules 1 à 4.

_____. Les friches industrielles. In: Revue Belge de Geographie, 116ème année, 1992, Fascicules 1 à 4.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-Tempo na Metrópole. Fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro. In: Ana Fani Alessandri Carlos e Ariovaldo Umbelino de Oliveira (orgs.). *Geografias de São Paulo - A metrópole do século XXI*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. O Discurso Competente. In: *Cultura e Democracia – o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2005, 11ª ed.

CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Ed. Xamã, 1996.

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005, 6ª ed..

DAMIANI, Amélia Luísa. A Crise da Cidade: os termos da urbanização. In: Amélia Damiani, Ana Fani Alessandri Carlos e Odette Seabra (orgs.). *O Espaço em Fim de Século: a nova raridade*. São Paulo, Contexto, 2001, 2ª ed..

_____. A Propósito do Espaço: Algumas Hipóteses. In: Revista Cidades, volume 1, número 1, Presidente Prudente, 2004.

_____ (e outros). *O futuro do trabalho – Elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de lucro* AGB-SP, Labur-DG-FFLCH-USP, PPGGH-DG-FFLCH-USP, São Paulo, 2006.

DEDECCA, Cláudio. O Trabalho na Metrópole. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). *História Econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

GLUGLIELMO, Raymond. *Desindustrialization et Evolution de L'Emploi à Saint Denis*. Paris, mimeo., s/d.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. A Opressão Via Capital. In: *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, 7ª ed.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 7ª ed.

IANNI, Octávio. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, 4ª ed..

KOWARICK, Lúcio e Campanário, Milton. São Paulo, metrópole do subdesenvolvimento industrializado: do milagre à crise econômica. In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade. São Paulo: Passado e Presente*. São Paulo: Paz e Terra/UNRISD, 1994, 2ª Ed..

LANGENBUCH, Jurgen Richard. *A Estruturação de Grande São Paulo. Estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: IBGE, 1971.

LEFEBVRE, Henri. Les Ideologies de la Croissance. In: *La Survie du Capitalisme*. Paris, Anthropos, s/d.

_____. L'Economie Marxiste. In: *Le Marxisme*. Paris: PUF, 1968.

_____. *La Ciudad y lo Urbano. El derecho a la ciudad II*. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

_____. Quartier et Vie de Quartier. In: *Du Rural à l'Urbain*. Paris: Anthropos, 1977.

_____. A 'práxis': a relação social como processo. In: FORACCHI, Marialice Mencarini e MARTINS, José de Souza (orgs.), *Sociologia e Sociedade (Leituras de introdução à Sociologia)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1977

_____. Le schéma général. In: *Une Pensée Devenue Monde*. Paris: Fayard, 1980.

_____. *Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000, 4ª ed..

_____. *A Noção de Totalidade em Ciências Sociais*. Mimeo. Tradução de Luís Bittar Venturi, s/d.

_____. *Lógica Formal lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *A re-produção das relações de produção*, 1ª parte de *La survie du capitalisme*. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

_____. La producción del hombre. In: *El Materialismo Dialectico*. Buenos Aires: Editorial La Pleyade, 1971.

_____. *De l'État* (fragmentos dos tomos III e IV). Paris: Union Generale d'Éditions 1979-1978.

LENCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada. In: Santos, M.; Souza, M. A. A.; Silveira, M. L. (orgs). *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

LÉVY, Jacques. Centro da Cidade: Todas as Direções. Mimeo, s/d.

MARTINS, José de Souza. As Temporalidades da História na Dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de Souza (org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. Bogotá: Pluma, 1980.

_____. *Capítulo VI inédito de O Capital: os resultados do processo de produção imediata*. São Paulo: Moraes, s/d.

_____. A Mercadoria. In: *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

MONBEIG, Pierre. Crescimento da Cidade de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. *História Econômica da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Globo, 2004.

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. Tradução de Daniel Sanfelice. Edição original: Smith, N. Gentrification, the Frontier, and the Restructuring of Urban Space. In: Readings in Urban Theory edited by Susan S. Fainstein and Scott Campbell (Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996).

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista / O Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.

PETRONE, Pasquale. A Cidade de São Paulo no século XX. In: Revista de História, vol. X, ano VI, São Paulo, 1955.

RAMOS, Aluísio. Desindustrialização na Metrópole Paulistana – O Caso da Água Branca. In: Geosp, nº10, DG-FFLCH-USP, dezembro de 2001.

RICÚPERO, Rubens. Desindustrialização Precoce: Futuro ou Presente do Brasil? In: Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento, FIESP, novembro de 2005.

SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Milton. *Metrópole Corporativa Fragmentada. O Caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1990.

SEABRA, Odette. *Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder: Tietê e Pinheiros – valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, DG – FFLCH – USP, 1987.

_____. *Urbanização e Fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese de Livre Docência, DG-FFLCH-USP, 2003.

SINGER, Paul. Os últimos 40 dos 450 anos de São Paulo. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). *História Econômica da cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Globo, 2004;

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. Tradução de Daniel Sanfelice. Edição original: Smith, N. Gentrification, the Frontier, and the Restructuring of Urban Space. In: Readings in Urban Theory edited by Susan S. Fainstein and Scott Campbell (Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996).

TUNES, Regina Helena. *Da Desconcentração à Reconcentração Industrial: A análise da relação entre a dinâmica do espaço e a dinâmica dos ramos industriais no Município de São Paulo no final do século XX*. Dissertação de Mestrado, DG-FFLCH-USP, 2004.

b) Artigos de jornais e revistas

BARALDI, Paulo e GAMA, Renata. Indústrias saem e alteram perfil de bairros da capital. Mercado imobiliário ganha fôlego com prédios em áreas industriais. In: Caderno Economia, O Estado de São Paulo, 25 de junho de 2006.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Indústria: Sinal Amarelo. In: Carta Capital, 7 de dezembro de 2005.

FUSER, Igor. Adeus, Chaminés. In: Revista Exame, 1/12/2000.

NÓBREGA, Mailson da. Desindustrialização. In: Caderno Economia, O Estado de São Paulo, 4 de dezembro de 2005.

VALENTE, Edson. Santo Amaro vira novo pólo de 4-quartos – Fábricas desativadas dão lugar a residenciais de classe média alta mais baratos do que os de Morumbi, Moema e Brooklin. In: Caderno Imóveis, Folha de São Paulo, 16 de abril de 2006.

c) Sites da Internet

- Site do Tom Brasil, acesso dia 07/05/2007.
- Portal Vila Olímpia, acesso dia 07/05/2007.
- Site do Villa Noah Embratel, acesso dia 08/05/2007.

d) Mapas

- LIGHT – Planta Geral Topográfica do Rio Pinheiros, Escala: 1:20.000, 11/10/1935.
- GEGRAN (Emplasa) – Folha 3331, Escala: 1:10.000, 1974.
- GEGRAN (Emplasa) – Folhas 333116, 333124 e 333121, Escala: 1:2.000, 1974.

Fontes

- Acervo da Biblioteca Pública de Santo Amaro.
- Catálogos Publicitários de empreendimentos residenciais.
- Fundação Seade. Cadastros de empresas (Cempre/IBGE, Rais, MTb, Secretaria da Receita Federal, pesquisas econômicas Seade).
- IBGE. Cadastro Industrial 1965 - Estado de São Paulo - Município da Capital segundo Distritos. Volume VII, Tomo II. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, fevereiro de 1968.
- BIDERMAN, Ciro; GROSTEIN, Marta; MEYER, Regina. *São Paulo Metrópole*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004

Entrevistas realizadas

- João Santos (ex-operário)
- Marcos Almeida Dias (ex-morador)
- Luís Roberto (chefe de produção em uma pequena metalúrgica)
- Dona Francisquinha (moradora)

- Dona Julita (operária aposentada e moradora)
- Sr. Guerreiro (operário aposentado e morador)
- Antônio Valdir Enler (diretor de marketing da Associação dos Empresários da Chácara Santo Antônio e região)
- Aloysio Luz Cataldo (superintendente da Associação Comercial de São Paulo - Distrital Santo Amaro)
- Geraldo Mantovani (subprefeito de Santo Amaro)
- Júlio (morador)
- Sr. Edvaldo (operário aposentado e morador)